CONVERSAS

DO AUTOR:

NO PRELO:

Vesperal, contos; editores **Leite Ribeiro & Cia.**

Miragem, edição definitiva *Inverno em flor*, edição definitiva *O meu dia*, chronicas *O patinho torto*, theatro *Discursos e conferencias*	**Lello & Irmão**, Porto

Coelho Netto

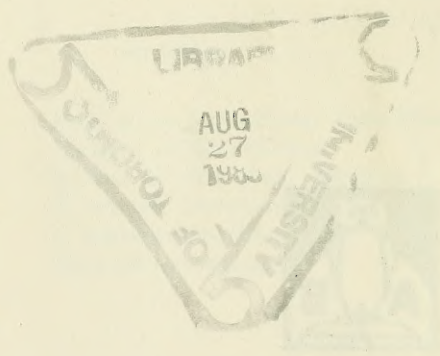
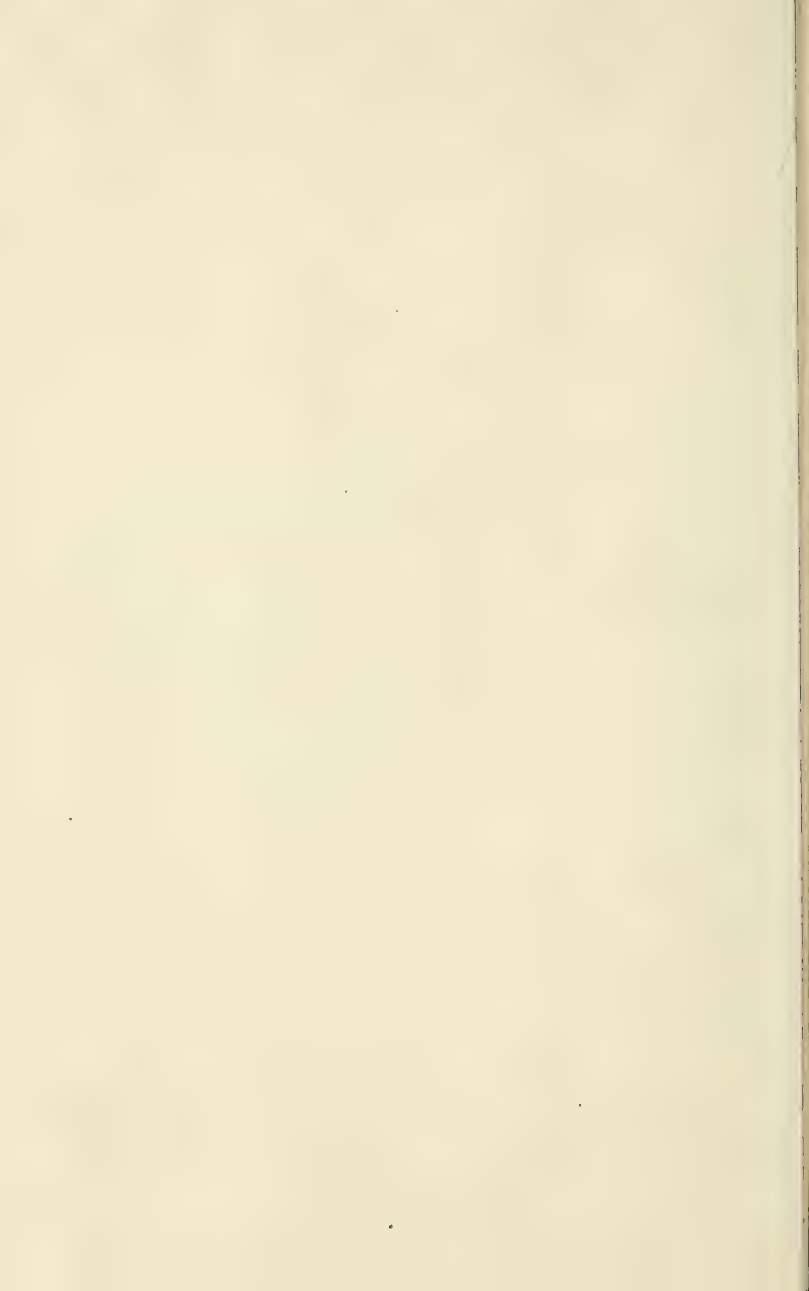
Conversas

(CONTOS DIALOGADOS)

EDITORES

ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

Seara Nova—Lisboa

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

SIMPLICIDADE

SIMPLICIDADE

. . . .

— Tiro das tuas palavras o conceito que ellas suggerem.

— E qual é elle? Vejamos...

— É que em tudo quanto me tem ultimamente acontecido só vejo uma causa, uma unica: minha bondade. Sou bôa de mais.

— És simples.

— Simples? Porque não dizes francamente: tola?

— Não; insisto no que disse: simples. Tens, como se costuma dizer, o coração na boca. A tua bondade transborda em ternura, mas essa bondade compromette pelo excesso e tambem por má applicação.

Um millionario que se puzesse á janella do seu palacio, entre cofres abarrotados de ouro, lançando moedas á rebatinha, seria tomado por doido e, desde logo, levado para um manicomio.

O que fazes com a tua excessiva ternura é tanto como isso. A bondade deve ser pesada na balança da ponderação, dando-se tanta quanta baste para que produza o beneficio desejado. A demasia permittirá, a quem a recebe, o direito de a julgar segundo a propria maldade.

És meiga, naturalmente carinhosa, incapaz de maltratar a quem quer que seja e, demais a mais, timida.

Tudo isto, que revela a perfeição da tua alma, concorre para expôr-te aos males que tens soffrido — desde a ingratidão até quasi a affronta e, entre taes extremos todos os abusos dos que, descobrindo a tua fraqueza sentimental, entram por ella causando-te os aborrecimentos de que te queixas.

Quanto mais precioso é o thesouro maiores devem ser os cuidados no seu resguardo.

Ninguem confia preciosidades a uma gaveta sem chave: guarda-as em cofre de ferro, com fechadura de segredo.

Deve-se ser bom, visto que a bondade é a expressão divina d'alma, mas com cautela.

A rosa não se nos nega, inclina-se toda na haste a offerecer-se, mas se a não colhemos com geito fere-nos com os espinhos.

Tu não recebes em tua casa, acolhendo-o na intimidade, ao primeiro transeunte que te bate á porta. E, se tens escrupulos em dar entrada no lar ao estranho, como te abres em

sorrisos com uma criatura com quem pela primeira vez te encontras em um salão e tens com ella confidencias que são segredos de tua alma?

Se não consentes que violem as gavetas dos teus moveis, onde guardas fitas e enfeites, como expões abertamente a um estranho, cujo caracter desconheces, o que tens de mais intimo e precioso: a alma?

Fazes mal, arriscas-te a muito e o que tens soffrido dos ingratos, aos quaes tens acolhido com tanta meiguice, bem póde ser um aviso da Providencia para que te ponhas em guarda contra os infames.

Affirmam os philosophos que a mulher é um ser enygmatico em cuja alma, que é como um labyrintho, quanto mais se aprofundam mais se acham confundidos. Esse labyrintho, minha amiga, é a nossa unica defesa.

Façamos como a aranha que tece o fio da sua teia, não para que sirva de guia, mas para que enlice e prenda.

Se dissermos o nosso segredo terrivel perderemos a nossa força que é... nenhuma.

Sim, nenhuma. Nós somos como esses animaesinhos frageis que, por não disporem de presas nem de garras, servem-se da astucia e, com ella, conseguem vencer os mais poderosos.

O teu mal é a simplicidade. Caminhas entre inimigos completamente desarmada e, mais

ainda, denunciando as proprias fraquezas. Fazes mal. Sê mulher, quero dizer: sê maliciosa e subtil.

— Queres dizer: hypocrita e má...?

— Nem hypocrita nem má: vive como devemos viver.

— Transformando-me no que não sou...? Nasci assim...

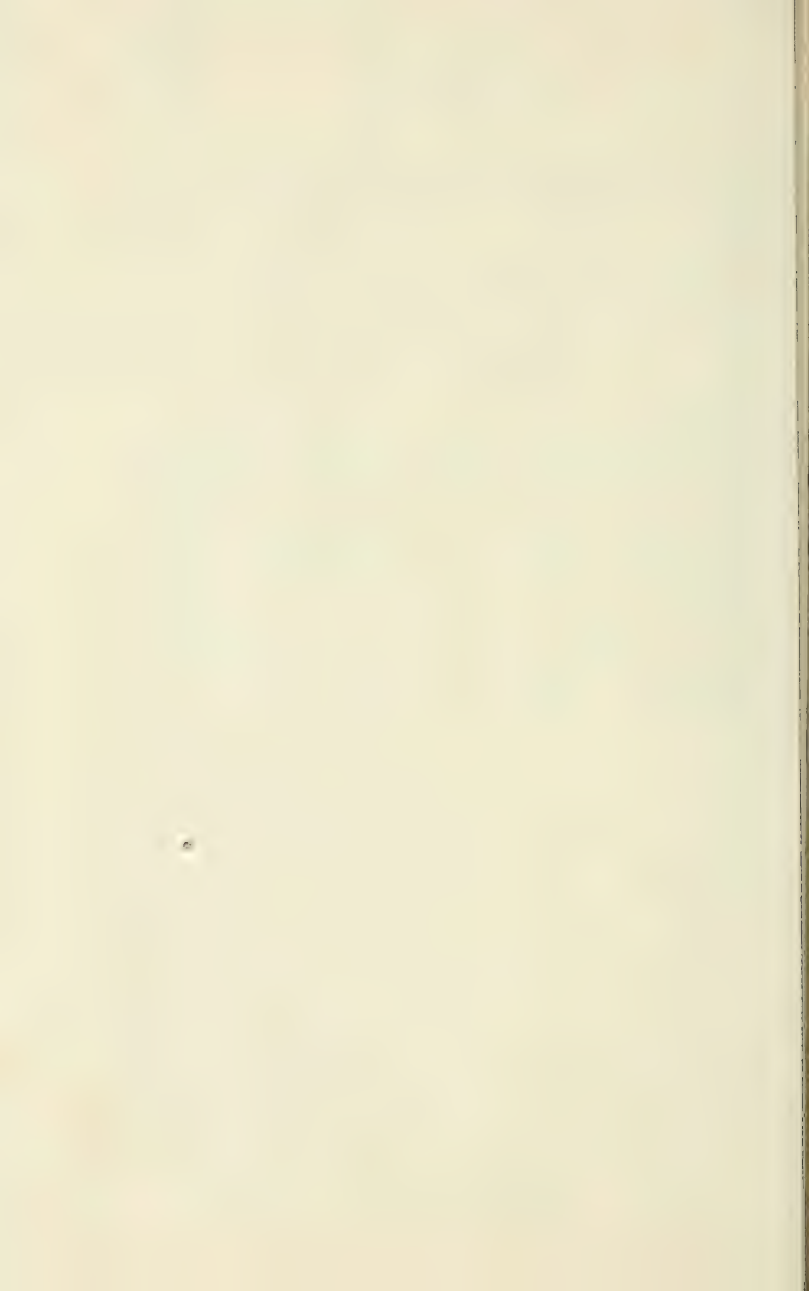
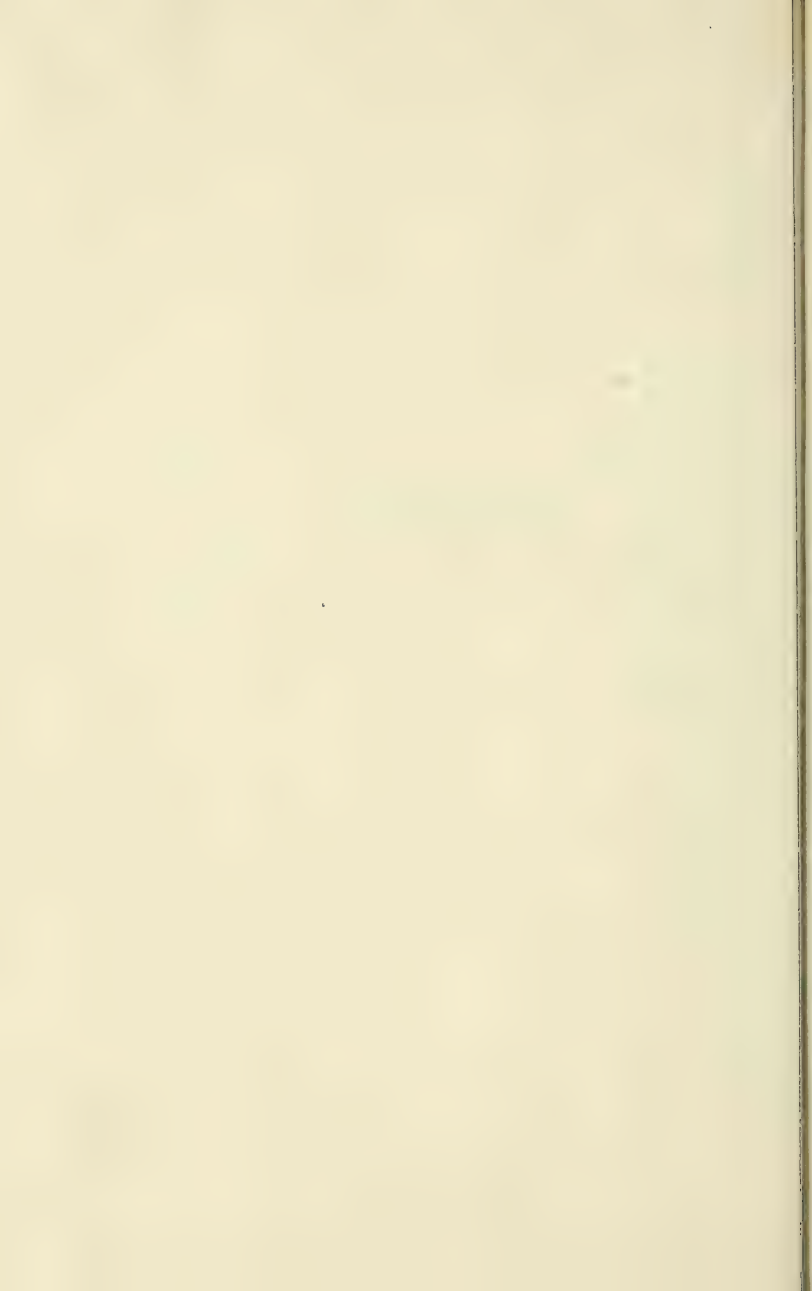
— Nasceste assim... Ora, minha amiga. Nós nascemos núas, nem por isso apparecemos na sociedade como entramos na vida. Pois se trajamos o corpo, porque não havemos de vestir a alma com aquillo que chamamos discrição e enfeites de convencionalismo?

Nem todos os nossos pensamentos sahem em palavras porque se sahissem fariam escandalo. Compomos as nossas phrases de acordo com o circulo em que ellas têm de soar; vestimo-las, não é verdade? Tu, não. Ha phrases tuas que seriam despudores cynicos se não fossem ingenuidades. Não tens malicia e, como o pudor é filho da malicia, não havendo esta não póde haver aquelle. Taes phrases, porém, que, para nós, as tuas amigas, são innocentes e encantadoras como crianças travessas, os estranhos interpretam maldosamente e de taes interpretações tens tido ultimamente as provas; e se não te corrigires quem sabe o que ainda poderá succeder!

Falo-te como amiga. Sou mais velha do que

tu e ando ha mais tempo nesse mundo complicado, cheio de enredos, entralhado de intrigas que se chama a sociedade, onde todos se festejam sorrindo, não por amizade, mas para que se lhes vejam os dentes. Arma-te, exercita-te, deixa essa simplicidade...

— A minha pelle de burro, como a da historia...

— Não, a tua pureza infantil e lembra-te que vives entre feras. Sê astuta e prudente, pesa bem as palavras que disseres e pratica a bondade de modo que te agradeçam a generosidade, mas que te não chamem de tola nem tomem o impulso do teu coração por uma fraqueza do teu caracter. Sê bôa com altivez como o sol, que illumina lá de cima.

O TELEPHONE

O TELEPHONE

. . . .

— Supprimiste o telephone?!

— Sim. Mandei retirar.

— Avaro!

— Não, não foi por economia nem como protesto contra as extorsões da «Light». Sou brasileiro, portanto resignado, deixo-me explorar pela canadense como, segundo affirmam os ribeirinhos dos rios amazonicos, o jacaré se deixa passivamente devorar pela onça. Não foi por avareza e, queres que te diga? estou convencido de que a companhia, que é hoje, neste paiz submisso, a unica força verdadeiramente poderosa e incontrastavel, não soffre prejuizo algum porque ha de achar meios de resarcir, nas contas do consumo de luz, o que eu anteriormente lhe pagava, á boca do cofre, pelo telephone.

— Então, porque foi?

2

— Por hygiene moral. O telephone, nesta cidade, é o vehiculo de todas as torpezas. É a injuria, é a calumnia, é a diffamação, é a intriga, são todas as saburras das linguas maldizentes que te entram em casa pelo fio. Soltas os cães no jardim, aferras trancas ás portas, pões o revólver á tua cabeceira, pagas ao vigilante para que te ronde o portão, defendes-te de todos os modos contra possiveis assaltos de malfeitores, tudo debalde porque tens a brecha por onde a infamia penetra. O peior ladrão é o que te furta a tranquillidade e investe com a tua honra e, contra esse, meu caro, não ha policia nem defesa possivel. Onde não chega o sol insinua-se a vilta, sahe do apparelho como o fétido de um deposito de lixo. É incommodo e repugnante. Para que havia eu de ter na intimidade honesta da minha casa um esgoto a golfar espurcicias, polluindo os ouvidos de minha mulher e das minhas filhas? Era torpe de mais. Mandei-o retirar.

— E como te arranjas...?

— Ora! Os nossos antepassados viveram perfeitamente sem o telephone.

— Sim, viveram, não ha duvida, mas os tempos eram outros...

— De accordo, mas a verdade é que viveram e com tranquillidade e aceio d'alma. O telephone é um serviçal mysterioso, sempre prompto a attender-nos, será um genio domes-

tico, mais expedito do que Hermes, o mensageira alipede do Olympo... Não lhe nego a utilidade nem lhe desconheço as vantagens, aprego-as e digo-te que muito me custa abster-me desse prestimoso correio, mas... por melhor que fosse o criado que tivesses: fiel, intelligente e agil no serviço, tu não o conservarias comtigo se, volta e meia, o surprendesses em praticas obscenas, a estourar palavrões, a cuspinhar a casa, enlameando-a com os pés e atirando-lhe para os cantos pontas de cigarros. Pois o telephone fazia mais do que isso aqui dentro. Despedi-o...

— E os negocios? a vida...?

— Arranjo-me como posso. É mais trabalhoso, não ha duvida, mas tem vantagens: não me incommodo e forço os amigos a virem ver-me. Quanto aos negocios, trato-os no escriptorio, onde conservo o meu telephone commercial. O que eu não quero é a minha casa envilecida. Lá em baixo, pouco me importa. Quem attende aos chamados é o servente e depura todas as communicações, respondendo apenas a conhecidos; a mim só transmitte recados de interesse...

— É o diabo... Ás vezes, ha casos...

— Sim, sei o que queres dizer e seria tolice negar a utilidade do telephone, mas... Ora, ouve cá: Se, para ires de um lugar a outro tivesses dois caminhos: um, cortando direito ao teu ru-

mo, mas atravez de um lamaçal atoladiço, fervilhante de bichos, de onde sahisses coberto de lodo, com sangue-sugas nas pernas e gias dentro das botas, e outro longo, sinuoso, mas secco e limpo, com sombras d'arvores para descanço socegado e arômas de flores de silvedo, qual delles preferirias...?

— Ah! isso...

— Pois é o caso, meu amigo. O telephone abrevia a jornada, mas no melhor da travessia, lá nos afundamos num fojo. É um intruso que se nos mette de permeio e que, por impaciencia, porque nos encontra no caminho, investe comnosco desabridamente aos insultos em calão grosseiro e, se o repellimos com dignidade, assanha-se ainda mais e o chorrilho vai ao maximo da infamia. Que se ha de fazer? Como reagir? É um mysterio depravado que se não denuncia; é uma voz anonyma, uma injuria em circulação, errando como as infecções pestilentas que andam dispersas no ar, na luz, em tudo. Evita o morbus que te penetra pela inspiração, pelo tacto; foge ao bacyllo, defende-te do microbio. Impossivel! Dá-se o mesmo com o telephone.

Para que havia eu de manter aqui dentro um instrumento de discordia, a espalhar mentiras, uma trombeta de diffamação soprada por mil bocas, um conducto de sordicies que me conspurcava a casa? Não!

Para infamar temos o «apedido», a mofina, a carta anonyma, o commentario vadio das portas das lojas, o boquejo dos salões... Mas admittir o diffamador no lar, tê-lo na convivencia da familia, sujeitando-a aos vexames com que se lembre de a injuriar o primeiro desoccupado, não!

Dirás que sou um exquisito, um «archaico» que ainda me não adaptei ao que por ahi chamam «civilisação». É possivel. Mantenho ainda a pureza dos costumes antigos. Os nossos bons velhos diziam que as paredes tinham ouvidos e resguardavam os seus segredos. Agora, meu amigo, as paredes têm ouvidos e bocas, ouvem e falam...

— E terão olhos, dentro em breve.

— Tanto peior para a Honra, que agora se chama Audacia. Não conto chegar a esse tempo indiscreto, mas dos ouvidos e da boca das paredes, ao menos aqui em casa, estamos livres: eu e os meus.

Quantas tragedias por ahi devidas ao telephone — intrigas enredando a vida de familias, incompatibilisando casaes, gerando a discordia em lares felicissimos... Como evitar males taes?

— É não dar attenção.

— Não dar attenção... Isso dizes tu. A calumnia, meu amigo, é como a superstição. Sorrimos com superioridade da crendice dos

simples e, todavia, não só nos deixamos enlear nos taes «casos mysteriosos» como ainda evitamos, mais do que com repugnancia, com medo, valendo-nos de signos cabalisticos e de amuletos, objectos e pessôas aos quaes attribuimos influencia nefasta. Repellimos a «superstição» ridicula, mas o terror persegue-nos, a preoccupação flue e reflue como uma onda que vai e vem, e que, não raro, esbarronda toda a nossa muralha philosophica, entra-nos assoladoramente pela alma levando no roldão todas as theorias positivas com que nos haviamos fortificado contra taes fraquezas... formidaveis. Abusões, tolices de que não escapamos, tu, eu, todos, emfim. Assim a calumnia. Surge, repellimo-la, mas o espirito fica abalado e, pelas abertas do aleive entra a suspeita, a terrivel suspeita, á qual Othelo, no furor do ciume, preferia a verdade ainda a mais monstruosa.

A calumnia lembra-me esses «avisos» telepathicos que nos annunciam desgraças. Ás vezes, quasi sempre, nada acontece, mas a expectativa angustiosa persiste no espirito. A virtude mais limpida tisna-se se lhe cahe em cima uma insinuação malevola e d'essas o telephone jorra-as a golfos. É um Pasquino domestico. E o peior - digo-te aqui, porque tenho provas verificadas, - é que os mais useiros e vezeiros nessas praticas nefandas não são, como por ahi se assoalha, os vadios das ruas, os taber-

narios sem brio. O povo não dá para taes coisas, tem lá os seus affazeres e a sua manga laxa é outra. Ha por ahi casas de muita prosapia nas quaes, mal o chefe sahe para o trabalho, logo a mulher e as filhas, em alvoroço de varejeiras famintas de carniça, atiram-se ao apparelho e começa o que por ahi se chama «o trote». É a infecção.

Sabes o que me decidiu a mandar retirar o telephone? As lagrimas de minha filha. A pobresinha fôra na vespera a um chá dançante, onde estreara um vestido. Chamada, no dia seguinte, ao apparelho, foram taes as vilezas que ouviu que desatou a chorar e, corrida de vergonha, atirou-se-me nos braços em soluços. A infamadora, por mais que disfarçasse, foi trahida pela voz e...

— Quem era...?

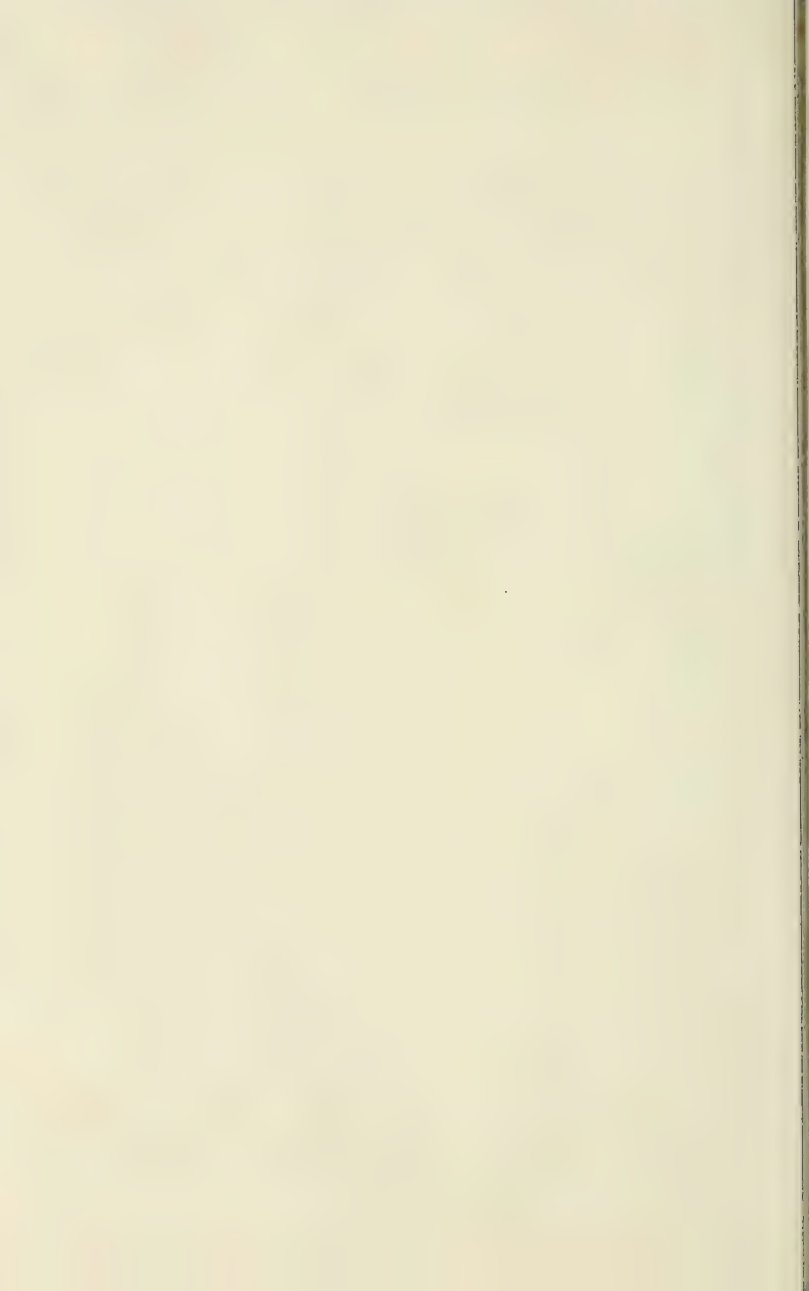
— Não a conheces, ou talvez conheças, Tem o nome do pai, que é puro. Respeito-o. É uma dessas criaturinhas futeis que por ahi andam á solta, na correnteza da vida. Essa não envenenará mais nunca a alma das minhas crianças, nem essa nem outras...

— Muito bem... Agora ouve-me. Tens razão, não digo o contrario, mas ouve. Nós, que vivemos no torvelinho dos negocios; nós, que somos forçados a acompanhar o revoluteio do maëlstrom não podemos dispensar o telephone. É um mal, dizes tu; de accordo: mas é a vibração

nervosa, a actividade, a energia, a vida, emfim. Tu mesmo disseste ha pouco. Essas infamias que transitam pelo telephone são como atomos maleficos que andam dispersos no ar, que revoluteam nos raios de sol. E porque o ambiente está inficcionado de elementos perniciosos deixas de respirar e fechas os olhos á luz? Não! Porque? Porque no ambiente de morte está a vida, como na Arvore do Paraiso estavam o Bem e o Mal.

Meu caro amigo, o Progresso aduba-se como os canteiros. Não te abaixes até o estrume, colhe apenas a flor na haste e... manda reinstallar o telephone porque, francamente, não comprehendo uma casa decente sem telephone, tenho a impressão de que a coitada é surda-muda.

Agora, por exemplo, eu jantaria comtigo se pudesse telephonar á minha mulher, mas nestas alturas, a esta hora... Não, meu velho... Os cães tambem incommodam quando se põem a ladrar á noite... mas são necessarios á casa. Que se ha de fazer? Queres a perfeição... É impossivel, meu amigo, ou antes, seria monotona. Assim pensava Ulysses e eu penso com elle; eu e toda a gente.

Uma casa no alto da Tijuca sem telephone... Que absurdo!

FRAQUEZA

. . . .

— Porque o accusas? Que culpa tem elle?

— Que culpa tem? Tem-na toda.

— Como!

— Ora... como...!

— Mas é então um miseravel!

— Não. É um fraco..

— Isso de fraqueza, meu caro...

— É um fraco. É o mesmo ingenuo de outr'ora, com mais idade, já se vê, mais corpo e uma barbicha caprina, que é a sua unica preoccupação seria.

Lembras-te delle no collegio, sempre friorento, encolhido na fardeta, empallidecendo á entrada dos professores, gaguejando lacrimosamente se o chamavam á pedra, estarrecido diante dos maiores, buscando-os de rasto como os cães buscam os donos, achegando-se-lhes á companhia, não por estima, mas por necessi-

dade humilde de protecção? Pois bem, aquella alma debil, lassa, em vez de retemperar-se com o tempo, avigorando-se em caracter como que, ao dilatar-se, mais se diluiu. O que nella era timidez tornou-se pusillanimidade e, como sempre lhe faltou energia, para dar resistencia á vontade, ahi o tens reduzido a esse ser languido, frouxo, subserviencia molle, de dobrez covarde, trambolhando á matróca pela vida como essas babugens que fluctuam nas ondas.

Aceita as situações, quaesquer que ellas sejam, ainda as mais ignobeis, como a actual, sem revolta, com a mesma passividade com que goza os dias de saude e supporta as enfermidades, entendendo, lá no seu intimo de fakir, que tudo vem da mesma origem, com a mesma força incontrastavel, contra a qual não ha defesa possivel.

Um callo que lhe martyrise o pé ou um mandado de despejo que o ponha na rua com os cacarecos e os canarios, uma colica ou um insulto são, para elle, coisas inevitaveis, decretos do Alto.

Tudo na vida acontece porque tem de acontecer, diz elle. Ninguem detem as horas como não conjura a sina. Pare-se o relogio e o Tempo proseguirá na sua marcha luminosa ou escura, pelos dias e pelas noites e, como o Tempo, o destino. Para que reagir? Não vale a pena. O melhor é a gente resignar-se, atirar-se de

bruços, com a cabeça em terra, até que passe a desgraça como fazem os beduinos no deserto quando o simun assopra sublevando as dunas. É o Bovary meu caro, um Bovary mais ridiculo do que o outro e com maior capacidade de resignação.

— Um cynico, é que me está parecendo que vai sahir de tudo isto.

— Não, não é...

— Que é, então?

— Sei lá. Tu nunca viste um carretel quando lhe pisam a linha que se vai desenrolando, desenrolando á medida que os passos se adiantam levando-a de rasto? Emquanto ha fio a correr, a desenrolar-se o carretel baila, vai-se-lhe de todo a linha e ei-lo vasio, inutil, atirado a um canto da casa até que uma criança o apanha para brinquedo ou a vassoura o leva de roldão, para o lixo. Pois é isso, meu caro. Pisaram-lhe o fio, e elle foi-se deixando desenrolar, deu tudo que tinha, tudo e está no que hoje vês...

— Á espera da vassoura... E a mulher, afinal?

— A mulher era uma criatura feita para a vida simples, uma dessas almas serenas que respiram bondade e enchem alegremente a casa de luz e de vida sonóra com o sorriso candido que abrem para todos e para tudo e, trabalhando, cantam como as abelhas zumbem quando se afanam em volta da colmêa.

Conheci-a solteira, no Andarahy. Criou-se em ambiente de modestia e de religião. O seu pequeno mundo era a casa com o jardim todo plantado de rosas e de bogaris. Quando sahia á rua, para ir á igreja, era entre os pais. Com a belleza graciosa e cheia de innocencia emmoldurada pela severidade dos dois velhinhos, dava-me uma impressão de scena antiga, uma dessas gravuras nas quaes se vê uma cabecinha de castellan na ogiva de um solar todo enramado de hera.

O ideal da esposa, meu amigo, e seria um exemplo de virtude, uma dessas honras domesticas que faziam o orgulho dos seus maiores se outro marido a houvesse tomado a si... Mas elle era o primo, frequentava a casa como parente, sempre junto della... Habituou-se com elle e o habito, criando raizes, é possivel que tenha dado essa planta que dizem nascer no coração e que outr'ora se chamava — amor. Elle tinha alguma coisa, como sabes, além do lugar de amanuense na secretaria. Ella, além do enxoval, trouxe uma casa e apolices, o bastante para viverem num paraiso. Mas o tempo de ventura foi breve: menos de um anno, talvez. Cedo começou a «corrida para o abysmo».

Eram duas fragilidades lançadas na correnteza tragica: elle, um abulico; ella, uma deslumbrada.

Precipitaram-se de mãos dadas, correram

para o «sabbat» sorrindo e foi tudo, meu amigo. Vi-os nesse tempo e adivinhei o que se está passando. Começou pelos theatros onde fizeram as primeiras relações: d'ahi entraram pelos chás, abriram os salões, foram veranear nas montanhas, deixando-se arrastar por todos os desvairamentos da vida tentacular.

Adquirido o impulso não foi mais possivel sustar a queda. A corrida tornou-se vertigem — elle e ella.

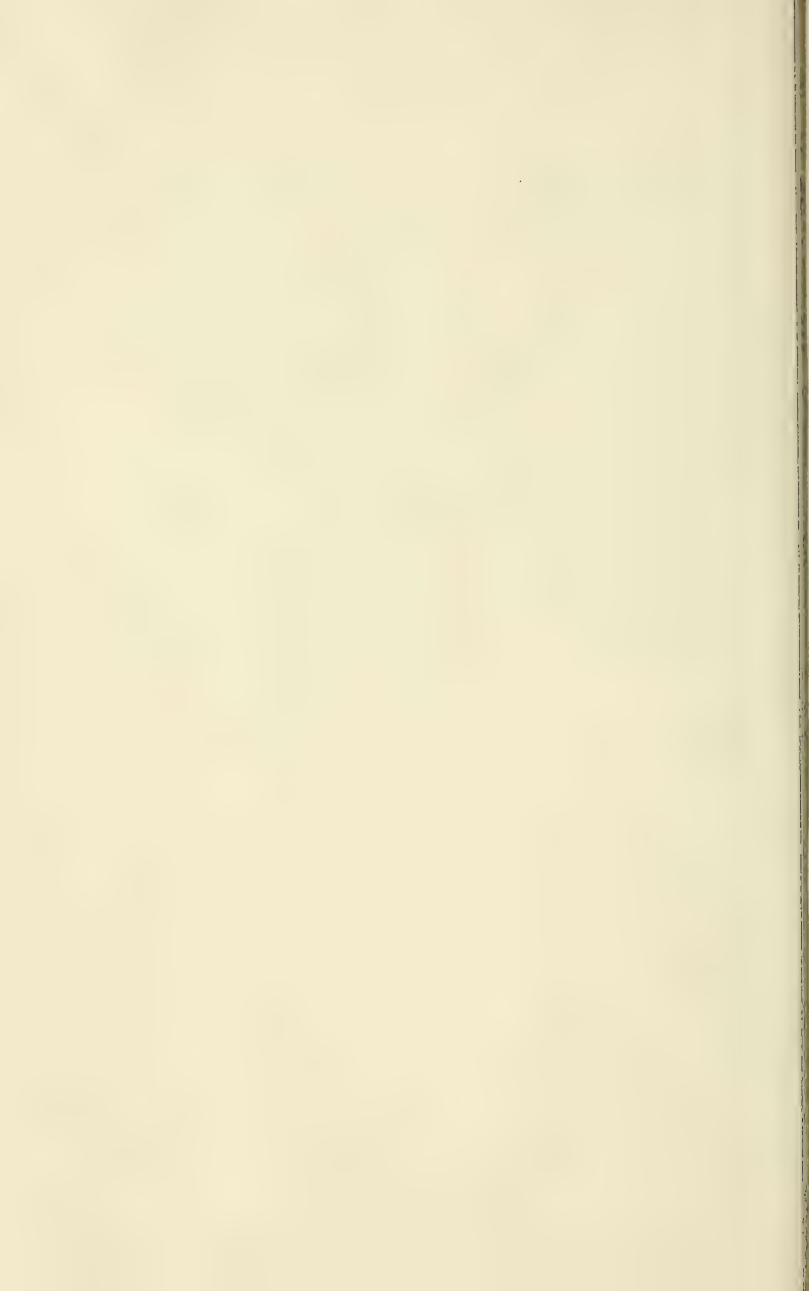
Um dia apartaram-se, cada qual a seu rumo. Ás vezes avistavam-se no torvelinho, acenavam-se adeuses, tentavam deter-se arrependidos, estendiam-se de longe as mãos, mas o remoinho levava-os como áquelles bailarins, de que nos fala Bernardes, que giravam, rodopiavam na dança de maldição, cavando com os pés a propria sepultura em que se enterravam.

O dinheiro esgotou-se, mas o vicio ficou como fica o lodo nas terras alagadas e lá iam elles, cada qual á seducção que o attrahia: um ao jogo, outra... Encontravam-se em casa, na desordem do lar desmantelado, exhaustos ambos. Mal se falavam, mal se viam. Ella não dava pela devastação do esposo, elle não via as joias que ella trazia... E hoje é o escandalo que todos commentam e que é assumpto á tona das palestras mundanas.

O mais interessante é que os dois encontram-se por ahi... Sabes que ella tem agora

automovel, um lindo «Mercedes» que lhe deu o banqueiro? Pois ha dias encontrei-os em Copacabana, elle e ella, no automovel do terceiro, de mãos dadas, juntinhos como dois namorados. Foram-se, não deram por mim. O landaulet voltou com um passageiro apenas: ella. Elle deixou-se, naturalmente, ficar em algum recanto, beberricando apperitivos... para jantar com outra. É a vertigem... Não ha salvação possivel. O coitado foi sempre assim, desde o collegio — um fraco. Perdeu-se, por fraqueza, perdeu a mulher, a ventura, o brio.

— Não! tudo que quizeres, menos isso. Elle não podia perder o que nunca teve: brio. E queres que te diga? essa tal fraqueza... é hoje a força de muita gente.

DESENCANTO

DESENCANTO

. . . .

— Conheces a historia de Melusina?

— O romance medieval de Jehan d'Arras?

— Não. A que sei não a li em livro: contou-m'a, na minha meninice, certa velhota, que era um fabulario vivo.

— Naturalmente alguma paraphrase popular do romance.

— Talvez. É o caso de uma princesa de formosura deslumbrante que um principe, que andava á caça, surprende á beira de uma fonte penteando, com pente de ouro, os longos cabellos, luminosos como fios de sol.

Tanto foi vê-la como, instantaneamente, se lhe accendeu o coração em amor e, tomando-a, em rapto, nos braços, lançou o cavallo a galope recolhendo ao castello com a criatura mysteriosa.

Podendo, pelo direito da força, possuí-la, respeitou-a honesta e veneradamente, offerecendo-lhe a mão de esposo, as riquezas do seu feudo, a gloria do seu nome e, mais que tudo: o seu amor. Aceitou a princesa impondo-lhe uma condição sem a qual, ainda que tambem o amasse, mais do que á propria vida, não poderia acquiescer ao seu pedido.

Quiz o principe conhecer taes arrhas. E disse-lhe a princesa:

— Dar-me-ei por vossa e para o todo sempre se consentirdes que de vós me aparte uma noite em cada mez, dormindo em aposento do castello que eu mesma escolherei onde me convenha. E por mais estranho que vos pareça este capricho não poreis industria em indagar o porque de tal procedimento. Ha coisas que se não devem verificar sob pena de morte ou desengano. Confiai em mim certo de que em tudo que eu fizer mais se acendrará o meu amor e a virtude, que é o melhor dóte que vos trago, mais crescerá em limpidez no meu coração e em honra para o vosso nome, que será o esplendor da minha vida. Se accordardes no que vos peço tereis em mim a esposa que mereceis; se, porém, por desconfiança ou zelo injusto, tentardes descobrir o motivo do meu apartamento, ai! de vós e ai! de mim...!

Jurou alvoroçadamente o principe que tudo faria conforme lhe era pedido e realisaram-se

as bodas com festas opiparas e sumptuosas, como são sempre as celebradas... nas historias.

Correu o mez nupcial em doce lua de mel. Mas lá veiu a primeira noite das que pedira a princesa.

Não disse palavra o principe. Tanto, porém, que viu sahir a amada para o destino a que se referira, indo pernoitar sosinha na torre mais alta do castello, entrou-lhe a suspeita no coração. Não dormiu, perlongando agitadamente a camara a largos passos, a imaginar traições, scenas lubricas com succubos e trasgos, visto que homem algum, ainda o mais ousado, se atreveria a atravessar os corredores do castello guardados por sentinellas com ordem de matar quem quer que apparecesse em taes passagens.

Que faria em tão alto e temeroso refugio, habitação de estryges e morcegos que esvoaçavam chirriando e aos trissos, a timida puelía que, em seus braços, regelava e tremia quando as corujas gargalhavam no silencio?

Que mysterio haveria naquella fuga para tão alta solidão? Em fim... E ao romper d'alva, com o canto alegre dos passarinhos, regressou a princesa ao thalamo do esposo.

Veiu, porém, outra noite das taes e o principe não se conteve em si. Deixou ir a princeza e, pé ante pé, seguiu-lhe os passos cosendo-se com as paredes. Viu-a entrar no apo-

sento, ouviu ranger o ferrolho. Sabendo, porém, de uma fresta em certo ponto do muro decidiu-se a olhar por ella e viu o que nunca poderia imaginar.

A criatura, toda belleza e meiguice, mal entrou no salão da torre arrancou violentamente as vestes e, núa, começou a retorcer-se em colubreios e, assim como se enroscava, ia-se-lhe a parte inferior do corpo transformando em cauda de serpente, grossa, coberta de escamas, a rabear colleantemente, flagellando as lages ás rabanadas. No auge do espanto em que o poz a hedionda metamorphose o misero, desvairado, não poude conter um grito.

Ouviu-o a princesa e, logo, aprumando-se na cauda, com torcicollos de agonia, nos quaes lhe estalavam, em estrepito, não só os anneis serpentinos como todo o busto humano, bradou em grande desespero, comprehendendo que fôra vista pelo esposo perjuro:

«Trahiste-me! e, por tal desobediencia curiosa, ó imprudente! perdes-me para o sempre!»

Taes palavras não eram ditas quando se lhes lançaram das espaduas duas longas azas de vampiro e, fugindo em vôo pela janella, perdeu-se na noite a princesa dos cabellos de ouro.

— Mas a que vem essa historia?

— Vem em resposta á pergunta que me fizeste sobre a ruptura do meu quasi noivado.

— Como! Pois é possivel?!... Aquella formosa criatura...?

— Melusina, meu amigo. Não sei se o principe andou bem ou mal subindo á torre para verificar o que nella se passava com a sua esposa. Eu, francamente, em caso identico, faria o mesmo. E tu?

— Eu?! Em principio: não aceitaria a condição imposta. Isso de dormir fóra de casa não é brincadeira que se permitta a uma senhora a quem se dá o nome e o mais que esse nome envolve. Mas que houve comtigo, afinal? Viste alguma coisa? Cauda de serpente?

— Vi o bastante para justificar o meu procedimento e a viagem á Europa a que elle me vai forçar. Sabes que passei quinze dias na fazenda dos meus ex-sogros, propriedade que me viria ás mãos em herança... se a não levarem os credores. Pois nessa quinzena bucolica, meu velho, desannuviaram-se-me os olhos.

Ao principe da historia foi a curiosidade que revelou o monstro hybrido; a mim bastou a intimidade de uns dias.

Ah! meu amigo, a minha Melusina...! Felicita-me porque, em verdade te digo que escapei de bôa. A minha ex-noiva...!

Uma coisa é vê-la em salões e theatros, em chás e tertulias, preparada para a sociedade, com o ar mundano e as maneiras convencio-

naes; outra coisa é vê-la na intimidade, sem artificios e rebuços de hypocrisia...

— Horrenda, hein?

— Não, as graças são authenticas, com uns toques de requinte aqui, ali, já se vê. A alma é que é outra. Melusina tinha da serpente a cauda, a minha ex-noiva tomara ao ophidio o que elle tem de peior: o veneno.

Tudo o que nella, em publico, é encanto, brandura e galanteio, polidez e meiguice transforma-se, na intimidade, em arrogancia e grosseria. E a vaidade, meu amigo, e os caprichos...!

O pai, para satisfazer-lhe as exigencias, faz o que não deve, cavando a miseria que será o tumulo da sua velhice enferma. A mãi, coitada...! O que ella ouve se, por qualquer motivo, cançaço ou doença, recusa-se a acompanhar a mimosa senhorita aos saracoteios elegantes, aos cinemas e chás por ahi além.

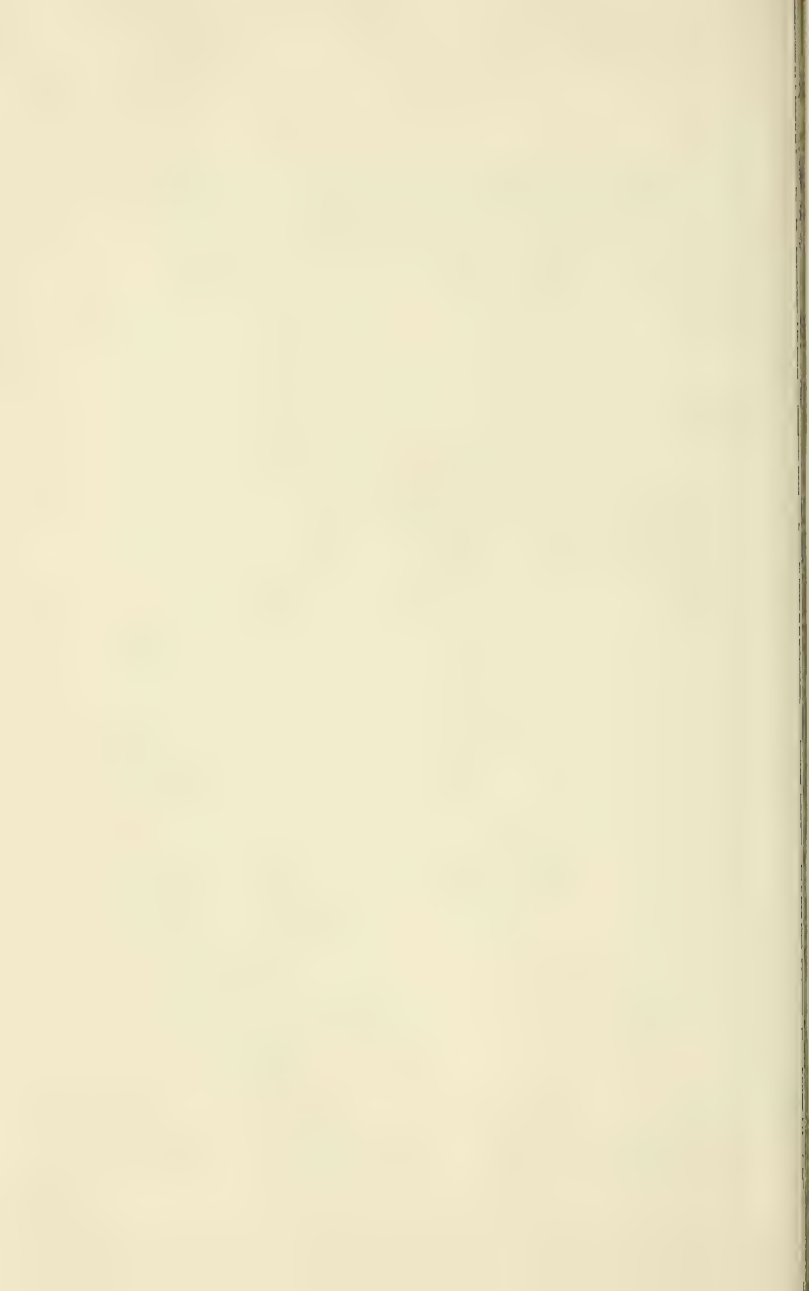
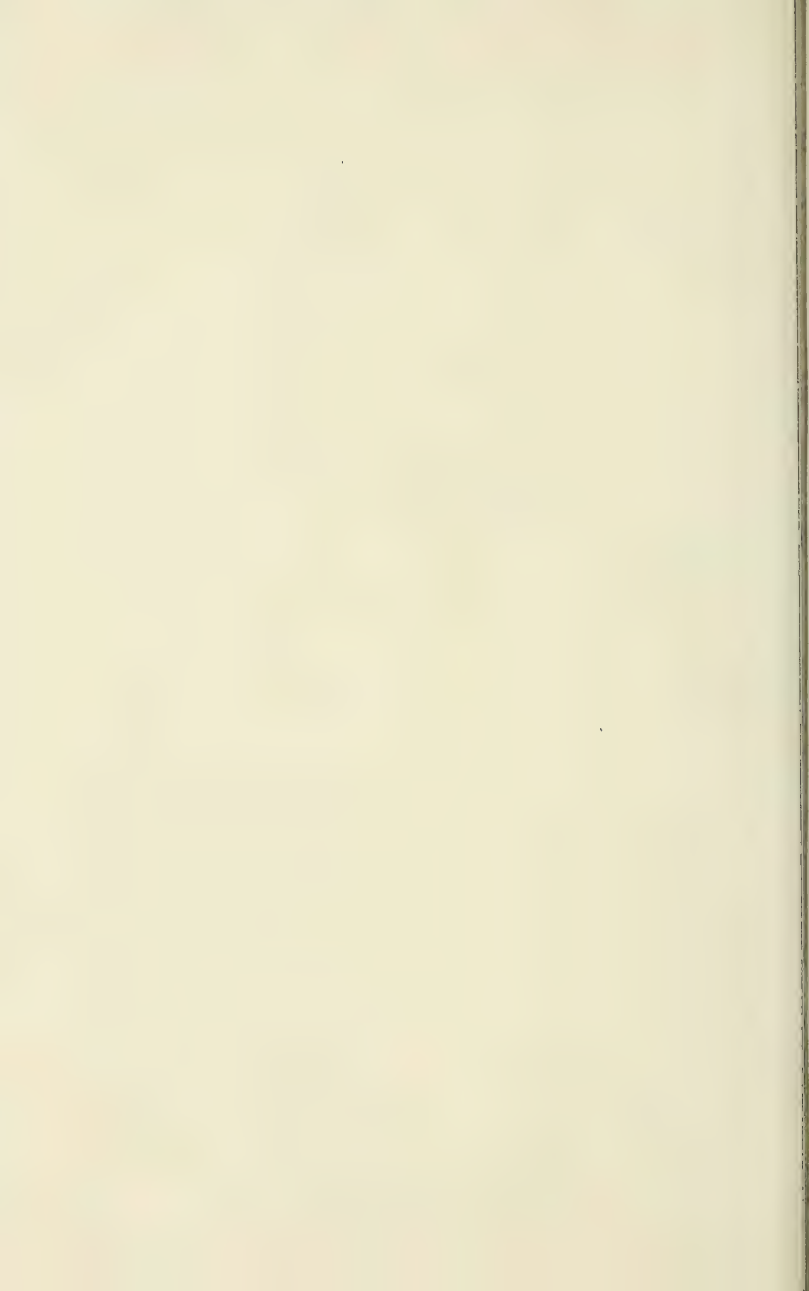
Quinze dias de intimidade bastaram para livrar-me do sortilegio endemoninhado daquelles olhos verdes, do enfeitiçamento que me prendia áquella criatura, que é um mixto de disfarces. E depois, meu caro: absolutamente inutil, sem a mais ligeira noção da vida: um cerebro que é um rolo de fitas, fitas de enfeites e de cinemas: futilidade, e só.

A minha ida á fazenda valeu por uma estação de cura, porque salvou-me de um mal irremediavel. Fiado na amostra que vira nos

salões ia adquirir a «factura» quando a minha bôa estrella trouxe-me o convite para a tal caçada na fazenda, proporcionando-me o ensejo de ver de perto a serpente. Bemdita intimidade...!

— E agora?

— Agora? Agora vou dar um giro pelo mundo, curar-me da dentada com que me abriu ferida no coração a minha Melusina.

— Serpente, hein? e das taes de chocalho. Pois faze como eu que não me exponho a dentadas. Acautelo-me quanto posso, porque conheço o Butantan em que vivo.

VIRTUDE

VIRTUDE

. . . .

— A tua comparação não é feliz. Espelho, não. A virtude será o vidro puro, sem estanho; o vidro limpido, transparente, que não dissimula; o vidro que o olhar atravessa como a luz scinde o espaço.

O espelho, se, por um lado, reflecte o que se lhe antepõe, desde o atomo de pó até a mais vasta e profunda perspectiva, no verso é opacidade. Chora e sorri com igual indifferença, reproduzindo instantaneamente as mais antagonicas imagens. Imprime, com o mesmo brilho, todas as feições; retrata todos os aspectos com a impassibilidade fria.

Superficial, como a hypocrisia, o espelho não tem fundo. O vidro, não: é o que é. O que atravez delle se vê existe. Nada esconde, como a luz.

Com uma porta de espelho pode-se fechar

e occultar o que se queira: tanto um thesouro como as provas do mais nefando crime; com uma porta de vidro, não. Tudo apparecerá atravez da sua diaphaneidade, como se nada se interpuzesse á visão.

A verdadeira virtude, como a innocencia, deve ser assim como o vidro: clara, nitida, sem disfarce.

— E em caso de ataque... como se defenderá?

— Com a sua propria força.

— Força...?

— Sim. Força mysteriosa como o prestigio attribuido aos genios e ás fadas, ou melhor: aos santos eremitas que, asssediados pelos demonios, punham-se em ascese e, com uma palavra de exorcismo e um aceno da cruz, repelliam victoriosamente as legiões adversas.

Illudem-se, quasi sempre, os que, por serem acolhidos por uma mulher, como algumas que conheço e que te não são estranhas, franca, prazenteira, trazendo o rosto sempre florido em sorriso, a alegria nos olhos, e nas palavras voluveis, mas sem malicia, a vivacidade da alma, julgam-se, desde logo, senhores do coração que se alvoróça, não por ser naturalmente jovial, mas por estouvamento de amor e, immediatamente, ousam tentar o assalto.

São taes supposições erroneas, meu amigo, que nos fazem dizer que a mulher é uma es-

phynge, cujo enigma ninguem, até hoje, conseguiu decifrar.

Enigma... A nossa vaidade, falta de tacto, cegueira pretenciosa ou o que quizeres é que nos faz ver mysterios impenetraveis, arcanos fechados com sellos magicos onde tudo resplandece.

A alma da mulher — refiro-me, já se vê, á mulher pura, não discuto com as excepções — a alma da mulher virtuosa é clara, limpida. A questão é estuda-la, entendes? estu...

— Que estás olhando?

— É curioso...

— O que...?

— O exemplo admiravel com que o acaso me soccorre. Ali o tens. Vês aquelle besouro a revoar, a zumbir diante da janella, atirando-se aos impetuosos esbarros á vidraça?

— Sim. Mas que tem isso com o nosso caso?

— É o proprio caso, meu amigo. Porque insiste o insecto em investidas á vidraça? Porque imagina que ha por ali passagem livre para o exterior, para o arvoredo, para o sol, para a liberdade, emfim. Como não vê o vidro, mas o que lhe apparece na transparencia, atira-se ás tontas, desnorteadamente e quanto mais o repelle o diaphano mais se lhe acirra a teima, mais se lhe enfuria a obstinação. Quer passar em vôo vencendo o que toma por aberta

e encontra o vidro transparente, candido, que se lhe oppõe com tanta resistencia como se fosse uma muralha de aço. Enigma... Naturalmente na alma do insecto...

— Alma de insecto...?!

— Admittamos para o caso... Naturalmente na alma do insecto aturdido deve andar uma grande duvida. Elle não comprehenderá a resistencia do que lhe parece uma passagem tão desimpedida como todo o immenso espaço, entre ceu e terra, e é justamente essa duvida que o faz persistir e que o assanha atirando-o em arremettidas inuteis á vidraça, inflexivel na sua serenidade, alegre com o sol que nella bate em cheio.

O que detem o besouro, um quasi nada, e tudo, tambem deteve certo amigo meu, muito do meu coração que, seguro de uma victoria que lhe parecia facil, simplesmente porque encontrou uma gentilissima creatura de alma ingenua, mas san com quem conversou intimamente durante uma hora na futilidade elegante de um «five ó clock».

O desembaraço, a franqueza da interlocutora fez-lhe suppor erradamente que entre as palavras ligeiras e a virtude do coração não havia empeço algum e, dias depois, com afoiteza atrevida, atirou-se ao que suppunha uma praça rendida e aconteceu-lhe o mesmo que está acontecendo agora áquelle misero besouro. Acolhido

de bôa sombra o meu amigo, que é um tanto estouvado...

— Como o besouro...

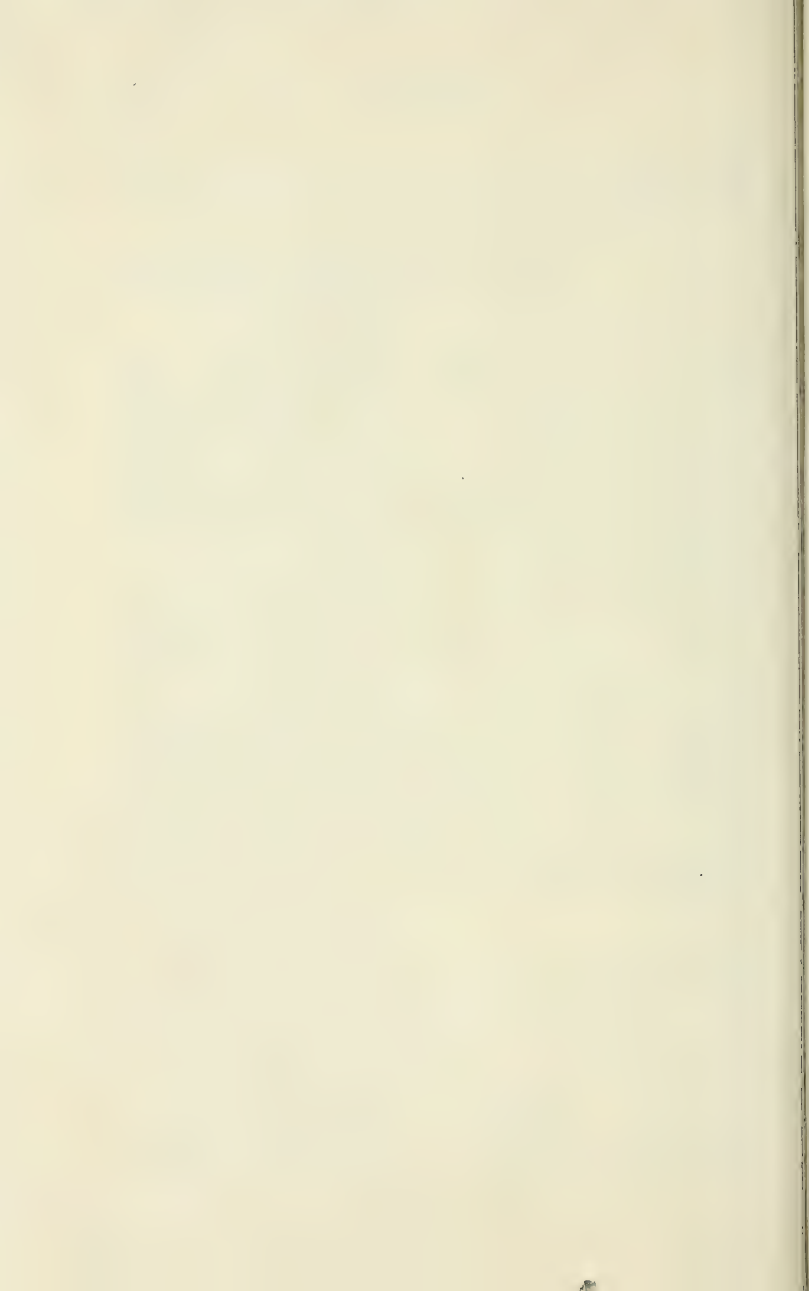
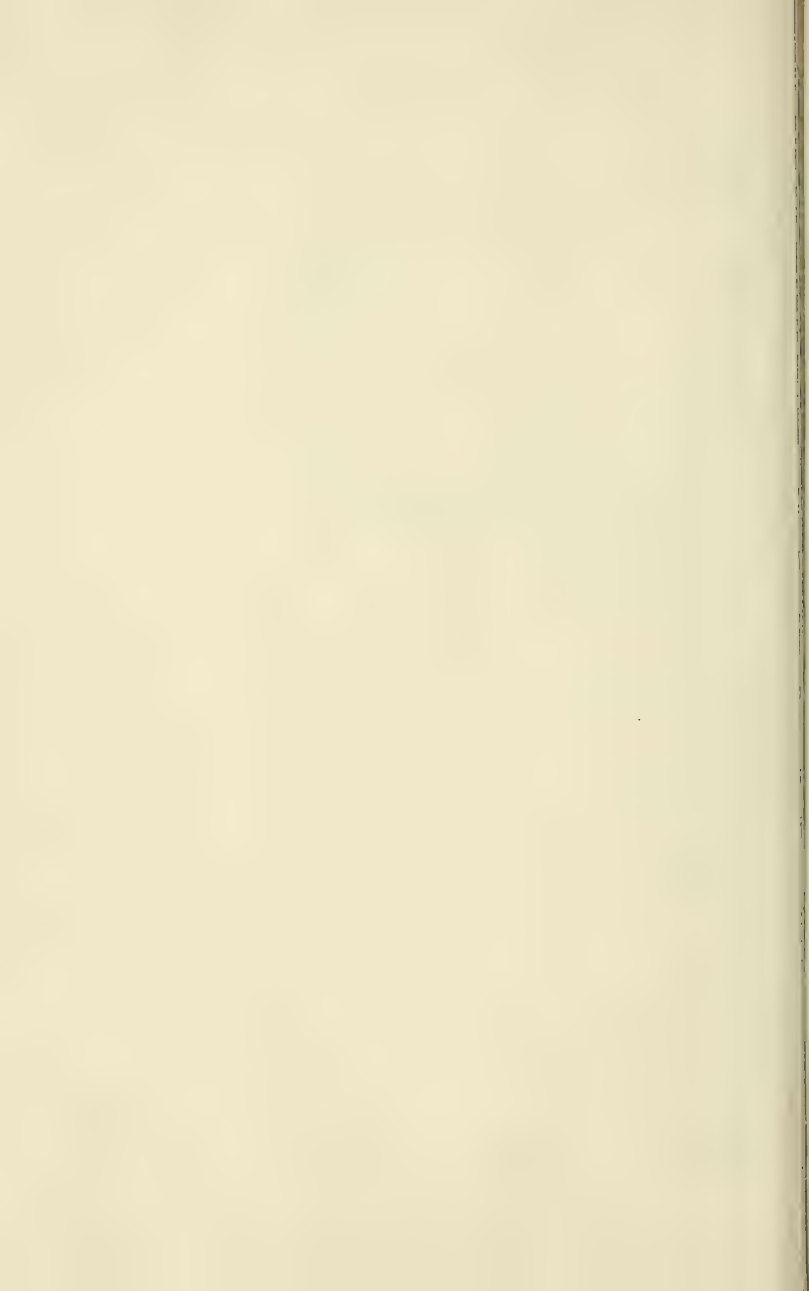
— Tu o dizes... Não perdeu tempo nem palavras e foi direito ao que pretendia...

— 'E encontrou a vidraça...?

— Sim, a vidraça e mais limpida, mais luminosa do que essa que o obstinado besouro tenta atravessar. E a vidraça que desnorteou o meu amigo foi o sorriso honesto e digno com que ella o repelliu sem affronta-lo, como aquella ali repulsa o insecto sem feri-lo, sem magua-lo sequer, mas intransponivel.

A essa «vidraça», com que não contava, deu o meu amigo mais tarde, o nome de enigma... Enigma, entendes tu? É a tal coisa...

— Meu caro, eu podia responder á tua allusão dizendo apenas que se os besouros conhecessem o diamante as vidraças não lhes resistiriam...

— Isto agora é tolice... de besouro despeitado.

ATTITUDES

ATTITUDES

. . . .

— Seria comico, irrisorio.

— Como irrisorio?!

— Ora... como...! Digo-te mais: Esse pobre homem, quem quer que elle fosse, philosopho, poeta, guerreiro ou agonista, resurgido da poeira secular, ainda que trouxesse á cabeça a cigarra de ouro dos eupátridas, não conseguiria caminhar cem passos na Avenida. Mal apparecesse solemne, pisando firme nos cothurnos classicos, envolto nas dobras da tunica com que Platão, passeiando lentamente entre os tumulos dos heróes e os plátanos, no Ceramico, falava á sadia juventude atheniense de coisas altissimas e puras, o garoto inexoravel daria immediatamente o alamiré e a multidão, que afflue ao ridiculo como as piranhas atiram-se em cardume ao animal que ousa atravessar os rios que ellas dominam, principalmente se leva ferida aberta

ou lanho em sangue- por-lhe-ia cerco e o teu heróe, com toda a sua graça apollinea, só conseguiria sahir das aperturas se a Policia, avisada, mandasse em seu soccorro uma «viuva-alegre» guarnecida de praças de armas embaladas.

Não te illudas, meu amigo. O que admiramos nos marmores da estatuaria antiga e nos famosos vasos pintados dos museus é realmente bello, mas..

— Não ha «mas». A belleza, sendo eterna, como é, é invariavel.

— Em principio, não em substancia. A belleza — e tu mesmo disseste — é uma religião. As religiões têm todas o mesmo principio — a Fé, mas os deuses ou idolos variam, desde o «totem» até o nosso symbolo celestial, fundamento misericordioso da nossa crença — o Christo.

Ha representações divinas que nos provocam o riso, outras que nos repugnam. Se fôres dizer a um guébro que Deus não é o fogo que arde no seu grosseiro altar de pedras ou a um negro africano que o seu manitú vale tanto como a lesma que se arrasta visgosamente pelas folhas do chão, arriscas-te a ficar em postas no mesmo lugar em que proferires taes palavras sacrilegas.

Na Belleza, como na Religião, ha lugar para todos os deuses. Tu, por exemplo, proclamas

veneradamente a Venus, flor da espuma, Aphrodite Anadyomena. Eu, homem do meu tempo, prefiro á filha do Egeu a filha do commendador Sardoeira, com todos os defeitos que lhe attribues e mortal, como eu.

Se a Belleza fosse uma verdade flagrante como a Luz seria uma e unica para todos os homens, direi até — para todos os animaes, mas não: o Bello é relativo, depende do sentimento de cada um, é a projecção do gosto deste ou daquelle. O que nos enleva e enthusiasma deixará indifferente o cafre, se não lhe escancellar as mandibulas em cascalhada estrondosa.

O mongol tem lá a sua esthetica de olhos amendoados e kimonos floridos; nós... é o que vês.

Falas do garbo, do porte majestoso do homem antigo, da graça alada das mulheres espartanas que se adestravam nos gymnasios e não deformavam a plastica com os arrochos contemporaneos; lembras o alôr airoso das canephoras athenienses caminhando coroadas de rosas, com o kálato sagrado, nas procissões, panathenaicas... Isso hoje seria apenas supportado com musica no palco do Municipal.

Essas «attitudes» erectas são proprias do tempo.

As Horas da mythologia, filhas de Zeus e de Themis, eram criaturinhas trefegas, alegres

que percorriam o Zodiaco em passos coregraphicos como se as conduzisse a propria Terpsychore, para quem a vida era um interminavel bailado; as de hoje são o que tu sabes: vertigens. O grego contentava-se com pouco: jantava duas azeitonas e um fio de mel, ouvindo as cigarras nos limoeiros em flor. No verão, dormia ao tempo, sobre a herva cheirosa; no inverno cobria-se com uma pelle de ovelha ou fazia um fogo ligeiro de gravetos deitando-se-lhe á beira, á espera do sol da manhan. Se era philosopho vivia preoccupado com os mysterios do Além. Poeta, cantava as estrellas e as auroras ou enfeitava de lendas amorosas os cantos dos vergeis, as margens das ribeiras, o cimo dos outeiros. O proprio pastor, como Endymião, namorava a lua ou deixava-se namorar por ella.

O grego vivia dentro de um suave sorriso, sem cuidados, sem ambições, sem terrores. A propria morte poetisada não era para elle mais do que um grande somno.

De vez em quando uma troca de palavras de muro a muro.

Tumulto na ágora, cantos patrioticos, armavam-se bandos e algum annotador, seguindo a lição de Herodoto, tomava apontamentos para uma logographia conversando com os heróes que enfardelavam queijo e brôa e limpavam o ferro das lanças preparando-se para uma ex-

pedição gloriosa em terras barbaras, coisa ahi de dez ou quinze mil homens, como os que fizeram a famosa retirada, cuja descripção immortalisou o chefe que a conduziu, que foi Xenophonte.

Has de convir que essas formidaveis massas que atrôam estrondosamente as paginas da historia antiga, em marcha para grandes guerras, fariam tristissima figura em uma parada no Campo de São Christovam. O que essa bôa gente chamava, com emphase, um reino ou imperio numeroso seria um povoado mesquinho ao lado de uma das nossas grandes capitaes.

Vida em começo, meu amigo, exaggeros da infancia. A criança, que brinca com uma vintena de soldados de chumbo a um canto da mesa de jantar, julga-se capaz de levar as suas armas a Paris com exito mais feliz do que tiveram os allemães. Tudo na infancia é assim.

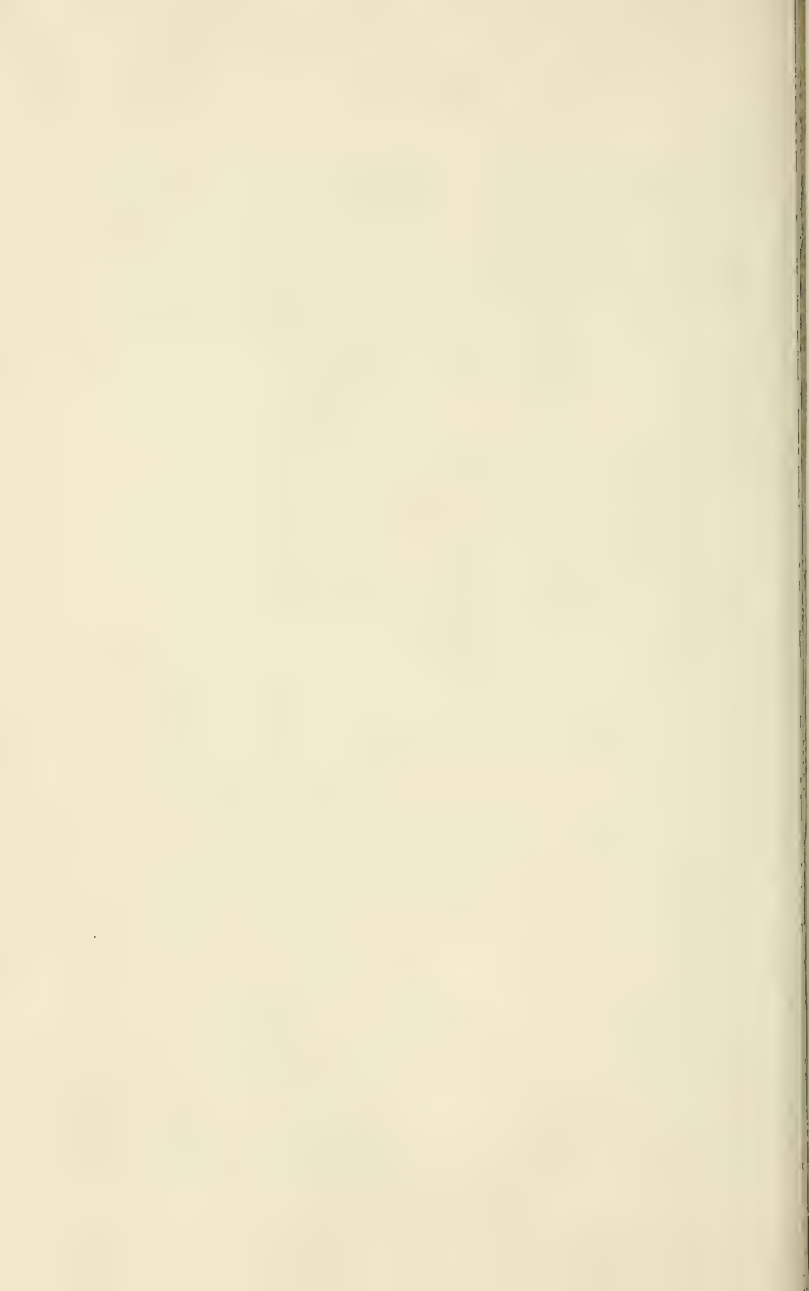
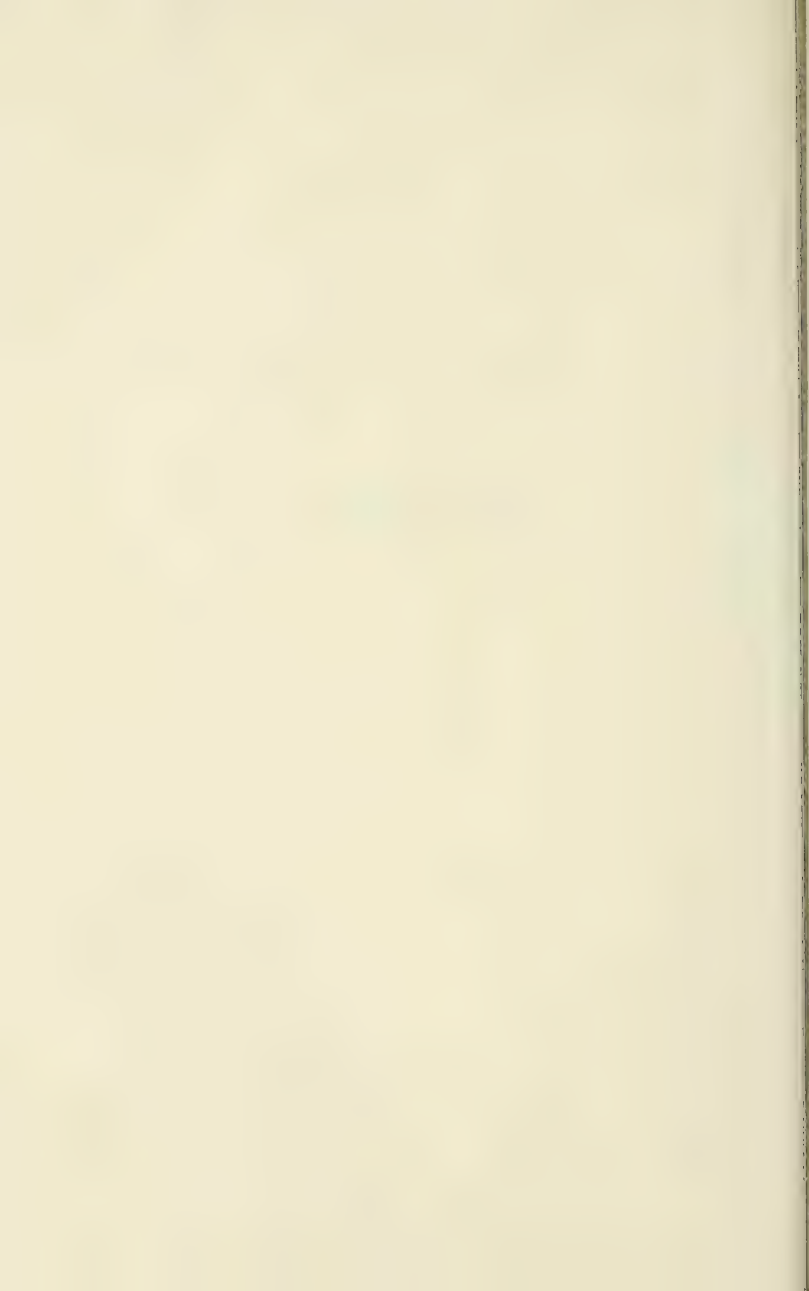
As attitudes do homem estão sempre de accordo com as epochas. Nós mesmos modificamos sensivelmente o nosso porte e as nossas attitudes conforme as horas e a sorte que ellas nos trazem. De manhan, frescos e repousados do somno, e com esperança de um dia feliz, caminhamos risonhos, de cabeça levantada, tanto, porém, que o dia se adianta trabalhoso, cortado de decepções e de aborrecimentos, assim como nos vamos afrouxando vai-se-nos o «humor azedando. E fatigados, com os nervos lassos

e o espirito nublado, como queres tu que mantenhamos essa attitude olympica dos athenienses ou o ar cavalheiresco ou cortezão dos medievos ou dos fidalgos do grande seculo para os quaes, uns e outros, a vida oscillava entre duas aventuras, ambas pittorescas — vencer inimigos e conquistar cidades ou dizer galanteios e tomar corações de assalto?

O corredor de Marathona, para não perder tempo no recado em que ia, dobrava-se para a frente pondo todo o esforço no musculo sem preoccupar-se com a belleza da sua figura e se, por acaso, lhe sahisse á frente, interrompendo-lhe a corrida, alguma matrona ou donzella, não creio que parasse para dizer uma palavra gentil ou se desviasse para ceder o melhor caminho. Talvez até a empurrasse pouco se importando com o que lhe succedesse. Tinha pressa, meu amigo.

E nós, que vamos com mais ansia do que o annunciador da victoria; nós que corremos estimulados pela ambição; nós, que não podemos perder um minuto porque sentimos na nuca o resfolgo do nosso adversario, podemos lá pensar em attitudes...

Ao grito de «Salve-se quem puder», que é a senha de todos os nossos dias, ha lá quem se lembre de compor o trajo e de offerecer o braço á dama ameaçada de morte. O que a gente quer é salvar-se. Attitudes são coisas de

quem não tem que fazer e nós, nós os do seculo do «radium», nós, os homens rodopiantes, não nos podemos preoccupar com futilidades, entendes? Olha, ha ali uma mesa vaga. Vamos gozar um instante este encantador Alvear. É interessante isto, não achas? O diabo são estes espelhos indiscretos.

AFFECTAÇÃO

AFFECTAÇÃO

. . . .

— Que é isso que estás lendo?

— É a «monstruosidade» que Voltaire taxou como «uma peça grosseira, que não seria supportada pela ralé mais vil da França e da Italia, obra que parecia o fruto da imaginação de um selvagem bebedo.» Em uma palavra: «Hamlet».

— De Shakespeare?

— Sim. Nos tempos que correm, de tanta incerteza e tão cheios de Polonios, não ha melhor companheiro e guia do que esse donzel.

— Aposto que estavas ás voltas com o tal monologo dubitativo «To be or not to be...» especie de manto philosophico em que se envolvem todos os litteratos...?

— Não. Estava a ouvir o principe na grande scena do 3.º acto com Ophelia. Entendes o ingles?

— Homem, para dizer verdade, do ingles tenho o que basta para o consumo esportivo e um ou outro termo de prato e copo: «roast-beef», «plum-pudding», «sandwich», «soda-water», «whisky», e, como extraordinario: «yess», que é pau para toda a obra. Se me queres impingir alguma citação põe-na em pratos limpos, pratos de bôa louça portuguesa, que é a de que me sirvo. Mas afinal: De que se trata? Descobriste alguma novidade no poeta?

— Sim: a melindrosa.

— A melindrosa!?

— É como te digo!

— Pois já havia essa calamidade no tempo de Shakespeare?

— Ouve as palavras de Hamlet a Ophelia:

«Tenho ouvido falar do habito que tendes de arrebicar-vos. Deu-vos Deus um rosto e vós o mudais em outro. Andais, ora ás gingas, ora em deslise de sombra; fazeis tregeitos e momices, pondes alcunhas ás criaturas de Deus dissimulando em ingenuidade a malicia em que sois solerte. Ide-vos! Por demais estou eu enfarado de tantas hypocrisias.» E então?

— Não collaboraste com o poeta?

— Eu!?

— Traduziste honestamente as palavras do lugubre justiceiro?

— Tanto quanto possivel. E agora? Que dizes?

— Digo que esse ingles tinha olho de ver ao longe. Era um «aguia»! não ha duvida. O que elle poz na boca de Hamlet — aliás com injustiça, porque a candida Ophelia não merecia taes censuras — quantas e quantas vezes tenho eu tido impetos de bradar a certos alfenins de frivolidade que por ahi andam, de cabellos ora negros, ora oxygenados, tão versateis nas cores como certos politicos nas opiniões, rosto caleado e salmilhado de pintas de varios tamanhos e feitios, olhos bistrados, labios sangrando a vermelhão, unhas em estyletes, como de harpias... que sei eu!

— Pois é o caso.

— Perfeito, não ha duvida.

— A belleza é hoje uma falsificação que está a pedir vigilancia dos fiscaes do governo porque, se uma zurrapa, arranjada com baga de sabugueiro, nos arrasa o estomago, que nos não fará da vida uma mulher composta com tantas drogas? A menina que hoje vemos, com rarissimas excepções, e estas tão fóra da moda que se envergonham de passar na Avenida em horas de mostra, é, toda ella, um manequim de artificio. E não é só o corpo que nos mente: mente-nos o olhar languoroso, mente-nos a voz balbuciente, mente-nos o sorriso mal aberto para não comprometter as pomadas e os polvilhos que acafellam o rosto, mente-nos a alma com apparencias de ingenuidade...

— A alma que se nos mostra é como certos bustos que nos encantam da janella em que se debruçam: cabeça formosa e bem tratada, collo gracioso e vestido de seda, mas o resto do corpo, que fica paredes a dentro, mal enjambrado em molambos até os pés sem meias, esparralhados em chinellas de ourelo.

A mulher é planta de estufa que se não deve expor a intemperies: o sol ardente cresta-a, a chuva desfolha-a e nas rajadas do vento vão-se-lhe, esmaecidamente, os encantos da cor e do perfume: a innocencia, a timidez, o pudor todos esses adornos d'alma que a tornam desejada pelo mysterio em que a envolvem.

O amor é discreto. Â corte que se fazia á mulher dava-se o nome de aventura, porque nella entrava muito de audacia necessaria a quem se ia afrontar com perigos para alcançar um premio ambicionado; aventura como as dos que sahiam em expedições maritimas á descoberta de thesouros e mundos.

Hoje, o amor não tem segredos, é um oceano livre que se percorre em todos os sentidos, ás vezes com tempestades, mas sem esperança de poder a gente, um dia, exclamar em alvoroço feliz, como o que sacudiu o coração e marejou de lagrimas os olhos de Ponce de Leon quando lhe surgiu, ante a prôa da nau, a costa da Florida, o «algo nuevo» que elle tanto pedia a Deus que lhe deparasse.

Tudo que se nos apresenta é velho e, como precisa impor-se, por ser demasiadamente visto e conhecido, atavia-se, requififa-se, arma-se de mil embustes, affecta-se de varios modos dando-nos um espectaculo ridiculo de mentiras.

Se a mulher pudesse ler no coração do homem não empregaria taes ardis para vence-lo. A geração que ahi anda é da estirpe de Circe. Mas a affectação, que é o philtro da feiticeira contemporanea, já não tem prestigio e começa a degenerar em ridiculo.

Nos primeiros tempos, quando o cinema, como uma didascalia, impoz os esgares, os ademanes e os requebros, as discipulas da téla conseguiram certo exito arrastando papalvos nos seus passos rebolidos, levando-os iscados nos olhares piscos com que os fisgavam. A imitação, porém, generalisando-se, deu á cidade o aspecto de enorme palco cheio de titeres de pedunculos de arame, movendo-se aos colleios, tremelicando, ou aos pinchos como fantoches de engonço. E ahi ficaram os tregeitos que substituiram na mulher a graça airosa de outr'ora.

E o resto? as maneiras desabridas, o riso escarcalhado, as expressões de giria, os exaggeros de trajo, o excesso de liberdade e as preoccupações mundanas que fazem da mulher, que era a vestal sagrada, o nume domestico,

o genio tutelar da familia um ornamento das ruas, flor errante como as que descem na correnteza dos rios para o mar.

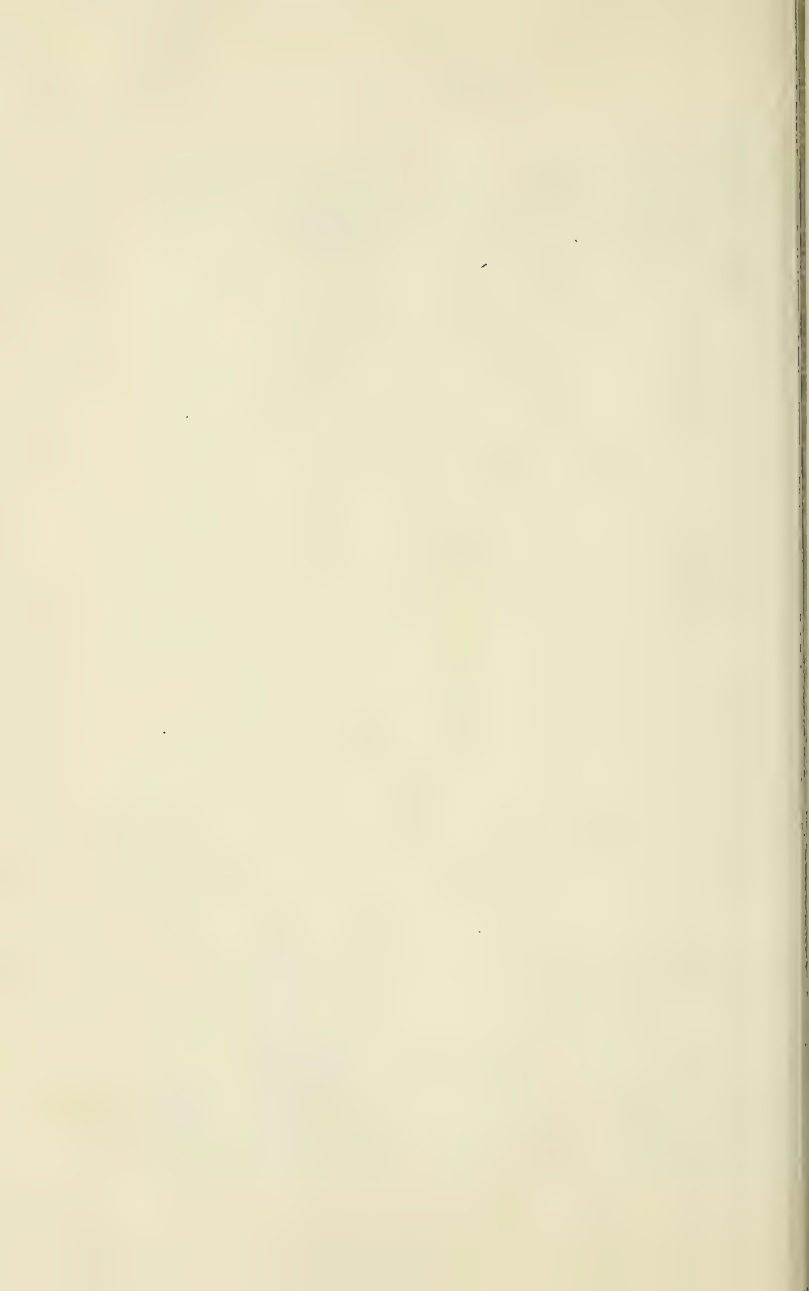
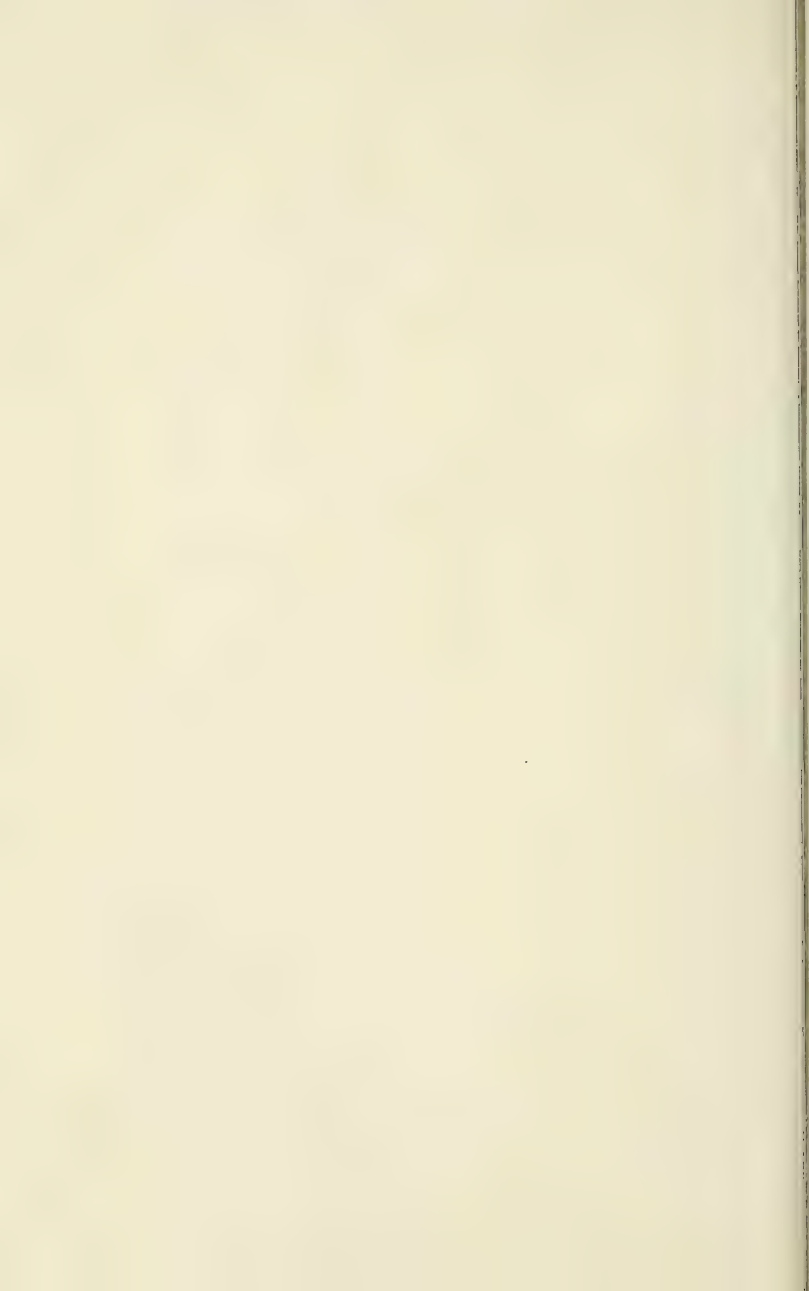
Se, em vez de pretender dominar os sentidos, a mulher procurasse, com mais firmeza, impor-se á alma, as victorias que ellas celebram não seriam ephemeras, como são, durando apenas o tempo de uma lúa de mel. Falta o amor, o amor que se gera na virtude e nasce no coração e que, em vez de esmaecer com o tempo, enlanguecendo em tedio, viça em amizade e torna-se na velhice ainda mais forte, sustentando a vida em todas as suas fraquezas: nas dores, nas angustias, nas desillusões como a hera sustenta as ruinas.

Mas esse amor, que acompanha fielmente a vida, meu amigo; esse amor que persevera e mais se acrysola na desventura, como o cardo mais reviça ao sol, nas dunas aridas, esse amor pede raizes para crescer, não é planta de vaso, que serve apenas para ornamentar, dando uma só flor e logo fenecendo.

— E incommodas-te com isso?

— Naturalmente. Dessas criaturinhas frageis é que a patria espera a geração futura.

— Ora deixa lá! Não te preoccupes... São crises, passam. De onde sahiu a Inglaterra de hoje senão das taes melindrosas que Hamlet apresenta á meiga Ophelia, como se lhe mostrasse um espelho? Isso é assim mesmo. «Souvent

femme varie», dizia o rei galanteador, e nem sempre varia para o mal. Desses melindres sahem, ás vezes, heroismos que assombram. Deixemos andar o mundo. Não ha perigo. Deus está ao leme.

O DOTE

O DOTE

. . . .

— Casou rico? Tanto peior para elle que era um homem livre.

— E achas que deixou de o ser?

— Sem duvida. Quem se vende deixa de ser senhor de si. E que foi esse casamento senão uma compra? A mulher viu-o, agradou-se delle achando-o conforme ao typo que imaginara nos seus devaneios e, ante a mesa do Juiz e o altar de uma igreja, como compraria ao balcão um objecto para seu uso, comprou-o e levou-o comsigo. Não é um marido, é uma acquisição a dinheiro. E hoje, meu amigo, com a carestia da vida, ha até quem se venda a prazo pelo processo das prestações inaugurado, com tanto exito, pelos ambulantes.

— Pelo que vejo és contra o dote? Achas que a mulher deve ir para o marido de mãos abanando?

— Vamos devagar. O homem só é verdadeiramente um chefe de familia quando governa com autoridade, collocado em plano superior ao da mulher, até porque assim póde protegê-la do alto agasalhando-a á sua sombra e vigiando em volta para defendê-la de qualquer perigo que a possa assaltar. Aquelle que recebe o dote das mãos da esposa, que deve apenas trazer o coração cheio de amor e de virtude, bens de muito mais valia do que a riqueza precaria, fica sempre em posição inferior e mesquinha de mercenario a soldo. Com que entra elle na sociedade conjugal quando assigna o contrato de nupcias?

— Com o nome.

— Ora... o nome...! O nome é um zero que só se valorisa com o numero que lhe fica á direita e o numero, em caso tal, são os contos de reis, as propriedades, as apolices, etc. O dote é sempre ouro, em especie ou em equivalencia, e as algemas, sejam, embora, de ouro prendem e escravisam.

— Não! Ponderemos... E o verbo vem aqui muito a proposito. Assim como para averiguarmos o valor do ouro levamo-lo á balança pondo-o em uma das conchas e na outra os pesos que o hão de estimar, assim tambem podemos oppor á riqueza amoedada a que, se não vai cunhada em metal, nem por isso vale menos do que o seu contraste. Entre as cen-

tenas de contos de uma herdeira e um nome prestigioso facetado em genio ou em heroismo, se houver oscillação tendenciosa do fiel será, de certo, em favor da concha opposta á do ouro.

— Falas como utopista. As riquezas do espirito que são, em verdade, as que não perecem e dão gloria, pouco valem na praça. Não ha ahi mercador que troque uma peça de fita pelo mais admiravel dos sonetos ou pela eloquencia do mais facundo orador.

As riquezas do cerebro estão occultas como as da terra. Se disseres a um homem: «Tens aqui uma moeda de nickel, que vale um pão, e ali adiante, debaixo daquella rocha, uma mina de ouro, que vale um reino», não creias que o homem prefira o que jaz na terra em ouro ao que lhe estendes, em metal reles, mas de curso, na palma da tua mão.

É o prestigio do dinheiro, meu amigo. O proprio credito... — foi-se o tempo em que para caução do mesmo bastava um fio de barba. Hoje o que por ahi se chama «um homem de bôa firma» não é o typo da virtude de D. João de Castro. Seja elle glabro como um sacerdote, mas tenha depositos em bancos e immoveis bem alugados e será considerado um caracter sem jaça, ainda que, no fundo, seja um rematado patife. Ouro é ouro.

Mas voltemos ao nosso caso. A mulher que

entra em um lar levando a riqueza assume ares superiores de dominio e, como sabe o preço do que acarretou, olha sempre o homem como um favorecido. Se, por qualquer desastre ou desmando prodigo, vai-se o que veiu, a mulher não lança á conta das dissipações da sua ostentosa vaidade o prejuizo, logo o attribue a esbanjamentos do marido, e são queixas, recriminações, arrependimentos, um inferno! Se, ao envez d'isso, por diligente e esforçado, applicando com segurança, em bons negocios o capital recebido, o homem consegue dobra-lo, multiplica-lo em rendas sólidas, sempre a mulher dirá, com arrogancia, que foi a sua fortuna que medrou, como bôa semente em terra fertil, sem levar em conta o trabalho, o tino, os golpes de audacia com que o marido realisou o milagre.

Eu, para mim, tenho que só ha um dote para a mulher e nelle é que os pais se devem apurar tanto quanto possam, e esse, meu amigo, é a educação domestica.

A escola da economia é a unica em que se aprende a sciencia de fazer fortuna.

A menina rica, habituada, desde cedo, ao luxo, cuidando exclusivamente de exhibições mundanas, quando se casa, trazendo o seu dote, não pensa em fazer com elle os alicerces da nova casa: recebe-o como um presente para gasta-lo, com mais largueza, então, porque já não é uma menina, mas uma senhora.

E quando, de todo esgotta-se a fortuna do açafate nupcial e começam a levantar-se as murmurações dos credores e o lar desmantela-se e enche-se de cuidados o marido, que casou rico, sente-se nas tralhas, reconhecendo que o que imaginara uma fortuna não é menos que um inferno.

E dois infelizes defrontam-se odiando-se, tendo-se ambos como roubados: ella, no dinheiro que desbaratou a mãos rotas; elle na tranquillidade, que para o sempre perdeu, ficando-lhe ainda o labeu indelevel com que todos o citam á execração das gentes: «Esse é o tal que se casou por dinheiro.»

Temos de taes casamentos um claro espelho na comedia de Arthur Azevedo.

— Com taes principios negas á rica herdeira o direito de amar. Ah! meu amigo, felizmente para a vida nem sempre é assim. O amor, o verdadeiro amor não aviltaria o ser amado lançando-lhe em rosto as suas moedas. Garanto-te que se a filha de um desses milhardarios, que ha por esse mundo titanico de manipuladores de ouro, se apaixonasse, devéras, por um pobretão como tu ou eu e se, para desposa-lo, fosse obrigada a desistir de todos os seus bens, desceria contente da sua torre maravilhosa e, pelo braço do seu querido, affrontaria venturosa todas as vicissitudes da miseria, bastando-lhe para a sua fome os beijos

e para o seu frio o calor dos braços adorados. O amor é desvairo, meu amigo. O amor é Julieta. O verdadeiro dote da mulher é o coração, isso sim.

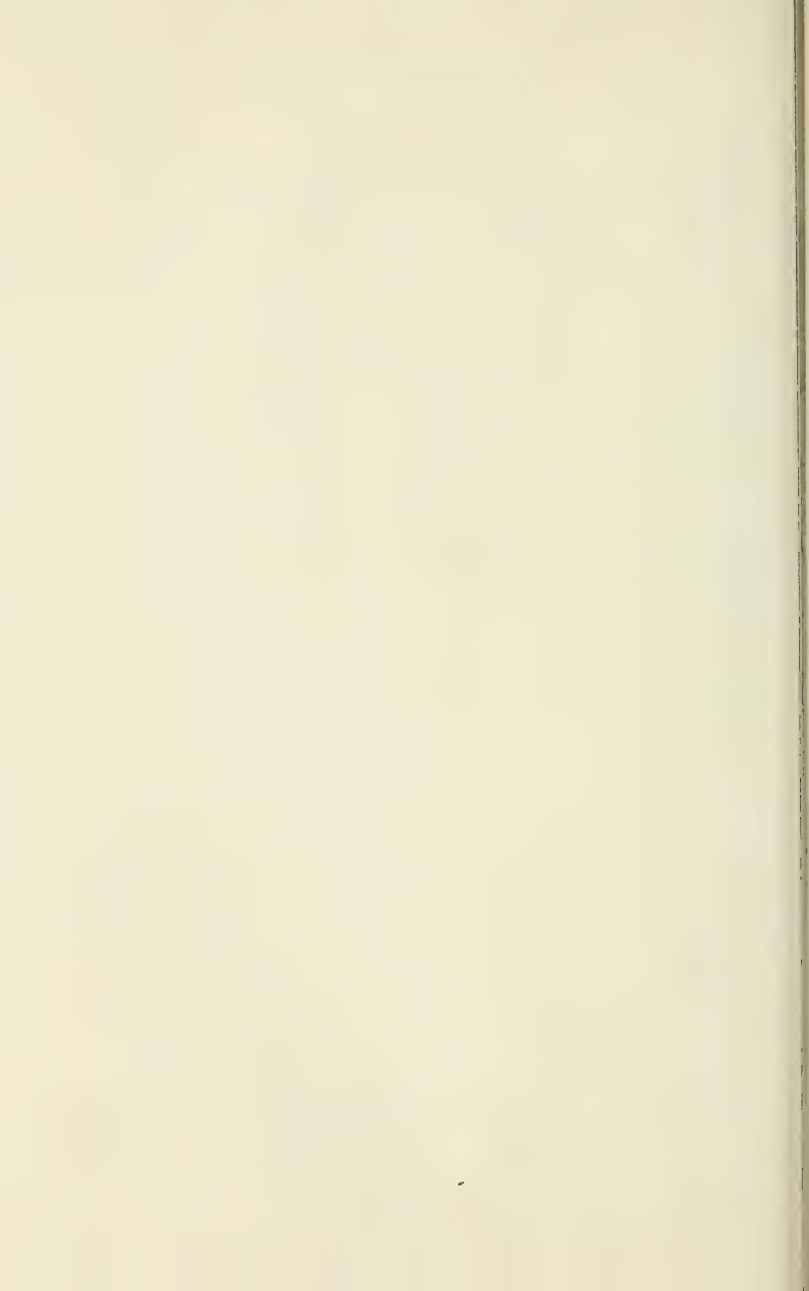
— Poesia...

— Poesia... E se te apparecesse uma menina rica, amando-te verdadeiramente, sacrificando-se por ti... terias coragem de a repellir?

— Ah! se me amasse verdadeiramente...

— Seria ouro sobre azul, não?

— Sim, como o sol num ceu de primavera. Mas qual! Isso não é para mim... Não tenho sorte. Nasci para dez réis, meu amigo, não chegarei a vintem.

O CIUME

O CIUME

. . . .

— Convenção?!

— Pura convenção. Convenção de moral estreita. O homem é um ser livre e a sua acção fecunda não se deve limitar, como a dos rios, ao curso entre as margens de um leito. Ecce exit qui seminat seminare. Eis sahiu (nota bem — *sahiu,* diz o evangelista) o que semêa a semear. Não diz: ficou. Assim pois quem nos dá o *habeas-corpus* é a propria Lei das leis.

— Distingo.

— Não ha distingo. O homem é oceanico: flue e reflue em caprichos, que são as suas marés, ora sereno, ora tempestuoso, recebendo em si todos os rios e todas as aguas do ceu e da terra. Tentar prender o oceano, açuda-lo é idéa só comparavel áquella do presumido persa que o quiz submetter á força de flagellos. O oceano é livre, impetuoso, indomavel, estende-se de polo a polo e não ha sujeita-lo com represas nem impor-lhe voltas como á azequia

de horta. E que é o ciume senão uma comporta do egoismo feminino opposta á volubilidade, que é a fantasia da onda?

— O ciume é humano: nasceu com o amor.

— Historia! O ciume só appareceu com a monogamia, isto é: quando a moral poz freios ao instincto. Os antigos agasalhavam as concubinas nos proprios lares, com os animaes domesticos. Temos a prova disto na Biblia, onde Moysés nos mostra a veneranda Sara no papel de alcaiota, cedendo a Agar a sua parte no leito conjugal, junto a Abrahão.

Os espartanos de Lycurgo, se recebiam um hospede bem apessoado, não só o serviam á mesa como ainda faziam questão de que elle passasse a noite no proprio leito deixando-lhes, como paga, o germen sadio de uma descendencia robusta.

Catão, o virtuoso Catão de Utica, rascoeiro desabusado, esse emprestou a mulher e recebeu-a depois com a herança daquelle a quem servira. Em nossos dias temos o exemplo da formosa Cosima, filha de Liszt e uma das paixões de Nietzsche, que se divorciou amigavelmente de Hans Bülow, por amor da arte, casando-se com Ricardo Wagner. E Bülow e Wagner continuaram amigos, comendo á mesma mesa, executando peças a quatro mãos, sem rusgas, como se nada houvesse entre elles.

E o turco? O turco, menos hypocrita do

que os occidentaes, mantem harem de odaliscas e todas vivem em harmonia, esperando, sem ansia, que lhes chegue a vez do lenço. A escolhida do capricho do sultão levanta-se do tapete, espreguiça-se, sorri maliciosamente e segue-o sem orgulho. As companheiros vêm-na partir sem inveja. «Não foi hoje, será amanhan. Ha de chegar o meu dia», dizem todas no coração sem despeito, sem o mais leve resentimento. E esperam.

— E acreditas que na escolha do sultão haja preferencias sentimentaes? Não creias. Elle tem-nas na mesma conta em que estima os objectos do seu uso madraço: o marguilch em que fuma o seu opio ou a caçoula em que expiram as languidas resinas. Não são mulheres, são escravas de amor; não amam, obedecem a um aceno — vão para a volupia como iriam para a morte.

— Não sei. Quem sabe lá! Talvez amem mais do que as nossas mulheres. O amor é uma fantasia que se resolve em sensação; é um appetite que se disfarça em sentimentalismo, mas que, saciado, logo desapparece, como a fome. Os romanos nivelaram os dois prazeres, porque comiam reclinados em triclinios: o leito ao lado da mesa. Os requintados pedem ao amor o que pedem aos banquetes: iguarias finas, bem adubadas, com especiarias picantes. No sybaritismo em que excellem exigem o tablino bem

illuminado e recendendo aromas excitantes, a mesa alva, florída e rutilante de baixellas, iguarias raras, vinhos preciosos, musicas e cantares, bailarinas circulando airosamente em volta, desfolhando rosas e enlanguecendo os olhos; tudo que excite a imaginação, que é o estimulo da carne.

Outros contentam-se só com o prato, querem-no bem cheio, bem acogulado, que farte, pouco se lhes dando que a mesa tenha toalha de linho e flores ou mostre as taboas engorduradas e, em vez de argentaria, escudellas e cangirões de barro. Em havendo que comer contentam-se. E ainda os ha (conheço alguns) que se atascam em gamellas, esfocinham em côchos, á maneira suina, roncando espapadamente com delicia sordida. Á mulher compete o preparo do... festim e quanto mais agradavel e convidativo ella o tornar aos olhos e ao paladar do commensal mais o prenderá á sua... mesa.

No Oriente (é sabido) as mulheres porfiam em fazer-se bellas e desejadas — usam de mil artificios e attractivos, ensaiam-se em seducções as mais voluptuosas, tratam de pôr em realce os dotes naturaes porque são muitas em competencia e a emulação faz com que cada qual se esmere em encantos para chamar a attenção do senhor que as examina.

No occidente, com os nossos costumes apparentemente austeros, é o que vês. A mulher

prende-se a um homem, é a monogamia honesta sob a vigilancia da Religião e da Lei e mais: da sociedade que coscovilha, indaga, espiona, esmiuça, rebusca o fio do escandalo e, quando o descobre vai tudo raso. Com taes garantias, certa de que o escravo não lhe escapará, a mulher pouco se interessa por elle: tem-no preso, é o que serve.

Algumas ha que até lhe negam o pão para a boca e se o desgraçado, por fome, vai a um hotel, escolhendo gabinete particular discreto ou a alguma casa de pasto de bairro modesto, onde não seja conhecido, para regalar-se á vontade, ai! delle! A mulher desaba-lhe em cima como uma furia e o tal ciume estoura em explosões tremendas.

Justifique-se, embora, o marido com a fome. A erynnia não lhe perdôa o regabofe porque, diz ella: «Um homem serio não come fóra de casa.»

Tenho um amigo, typo pacato, sem geito algum para aventuras que, mal chega á casa, moído do trabalho, a mulher, sempre resmungona, acompanha-o ao quarto, fa-lo despir-se e, depois de examinar tudo que elle traz nos bolsos, fareja-lhe a roupa e, se sente cheiro de hotel, vem abaixo o mundo.

Ha dias dizia-me o desgraçado com lagrimas nos olhos:

«Eu não entro em hoteis, palavra! nunca

entrei. Passo pelas comidas ou as comidas passam por mim, olho-as, mas não lhes toco. Ás vezes fica-me na roupa um pouco de cheiro, só cheiro, e a mulher cahe-me em cima com duas pedras na mão, a berrar que comi isto e aquillo. Pobre de mim! E o peior é que, além do escandalo que faz, ainda me recusa o prato e, se lh'o peço, vira-se furiosa dizendo-me que vá comer nos hoteis. E ahi tens porque estou assim na espinha, magro, arado de fome que só Deus sabe.

— Tudo que dizes do ciume, como pilheria...

— Como pilheria?! Ousarás, por acaso, defender o ciume?!

— E porque não? Defendo-o porque não admitto o amor sem elle. Não o amor que reduziste ao que ha de mais material na vida, mas o amor principio, o amor essencia, o amor expressão maxima da vida, conjunto de corpo e alma: corpo no instincto, que o excita; alma no sentimento, que o sublima. Esse amor, cujo mysterio, que reside no coração, não se traduz em palavras, ninguem define e só verdadeiramente se manifesta no silencio que duas bocas encerram em um beijo. Nesse amor comprehendo eu o ciume. É uma sombra que se destaca para acompanhar um corpo alheio; é um olhar vigilante que se alonga atravez de todos os horizontes; é uma nuvem que nos segue a toda a

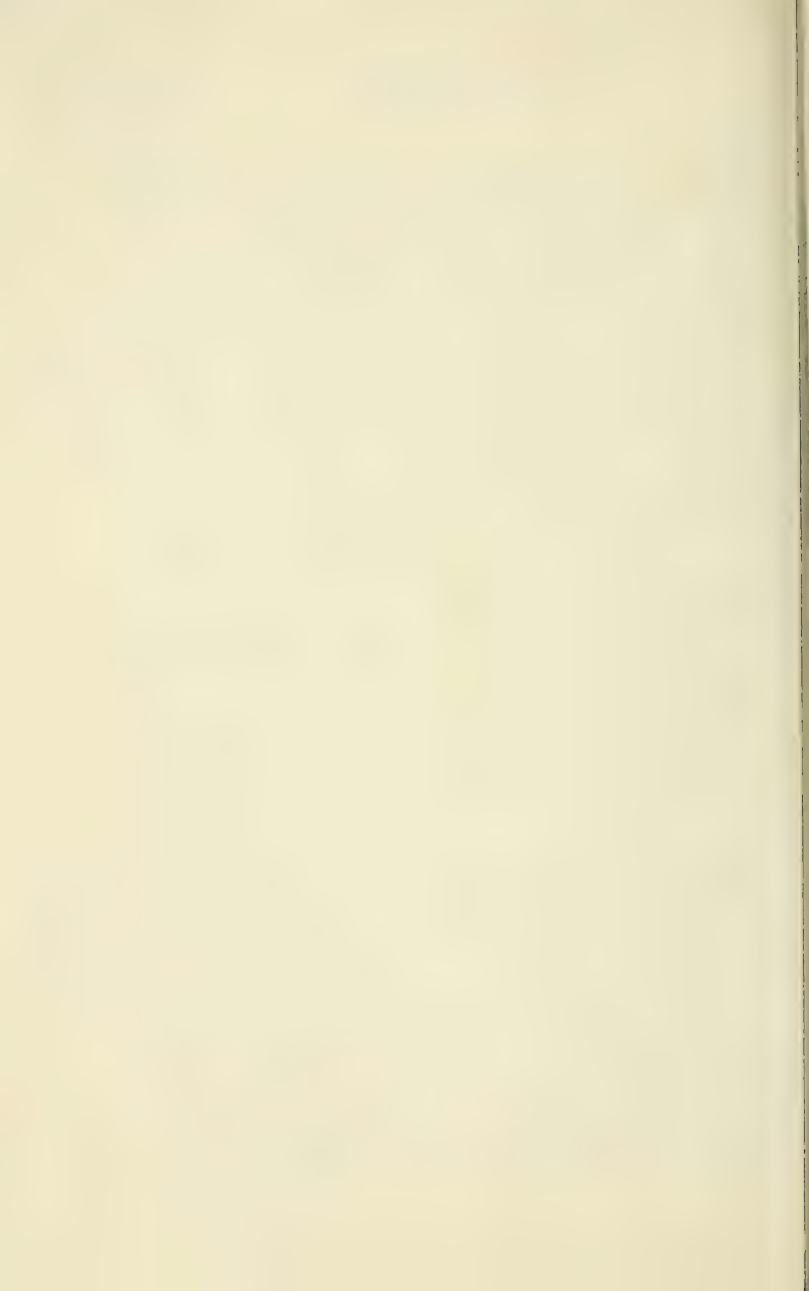
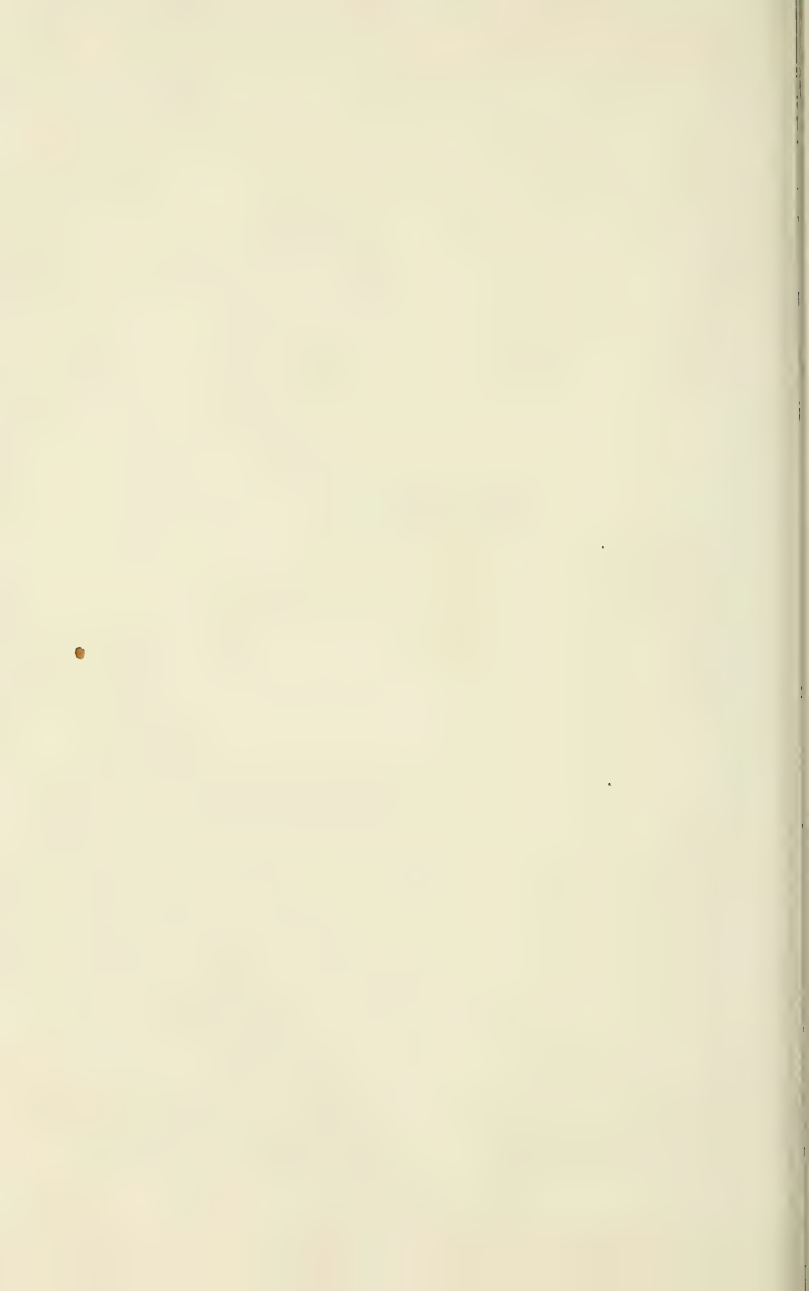
parte, como a que Deus estendia no deserto, entre o sol e a terra, para proteger Israel e é columna de fogo que nos adverte em nossos desatinos. É a oração amorosa que nos acompanha como a prece e a benção seguem os que se afastam dos lares. É um fio de ternura que se desenrola do coração e pelo qual nos guiamos para sahir dos labyrinthos de perdição. O verdadeiro ciume é um sentido mysterioso em que se fundem todos os sentidos como se reunem, formando a flor, todas as petalas. É um dom divinatorio, é, emfim, o proprio amor. Por mais que tentemos occultar um peccado ao ciume não ha mentiras e dissimulações que o salvem. A mais esperta matilha rastreando uma caça pode perder-lhe a pista na floresta; a mulher seguindo o fio de uma suspeita não se engana jamais. Se visses o ciume debulhar-se em lagrimas, descendo de uns olhos azues pela meiguice de um sorriso...

— Como se chama? Que é loura já sei. Dize-me o seu nome.

— Que nome? Nome de quem?

— Da criatura por quem estás apaixonado.

— Apaixonado! Eu!? Gracejas.

— Ah! meu amigo, se ainda não déste por isso é porque não olhas para dentro de ti. Pois convence-te de que estás perdido de amor... ou doido, porque só um namorado, ou um louco, seria capaz de defender... o absurdo.

OS BARBAROS

OS BARBAROS

. . . .

— Petronio a fazer o elogio de Trimalchião... Tem graça! Que o Jocelyno os defenda, porque os explora, vá; mas tu...

— Pois defendo-os, meu velho e o que mais é: admiro-os!

— Falas serio?!

— Muito serio.

— Admiras essa horda que por ahi se espalha em alluvião arrasando tudo...?

— O Egypto é um dom do Nilo, disse Herodoto (appello para a tua memoria, sempre prompta). E porque assim se exprimiu o historiador quando visitou a terra pharaonica? porque observou a inundação do rio sagrado, acompanhou a cheia que alagava as terras seccas e viu o lenteiro fecundo deixado pelas aguas quando se recolhiam ao seu leito natural, entregando aos lavradores um solo pingue, refeito, prompto para receber a sementeira.

— Perdão, mas as aguas não destruiam — não entravam pelos templos, não passavam além dos pylonos nem perturbavam a vida urbana. Tinham lá os seus limites e não os transpunham. E os nóvo-ricos? Mettem-se em tudo e, onde passam, tudo assolam e arruinam: — A belleza é profanada, o gosto, a distincção, a graça, a gentileza cedem á grosseria; ao espirito oppõem a chalaça balorda e as salas perdem o encanto discreto porque, em vez da conversa subtil, sublinhada pelo sorriso, é o falario que atrôa com explosões de cascalhadas estridentes.

Onde chegas vês logo o invasor dominando atrevidamente, com arrogancia de desafio, mostrando carteiras bojudas e agitando as mãos grossas para que se lhes vejam os anneis.

Penso em Roma, meu velho, quando por ella arremetteram furiosamente os barbaros com ansia de saque, varejando os templos e os palacios dos patricios, e, sem darem apreço aos thesouros artisticos que se lhes deparavam, nos ediculos sagrados e nas camaras das languidas romanas, enfardelavam tudo na mesma trouxa, idolos e joias, objectos do culto e peças de joalheria galante, abalando para os acampamentos sordidos, onde examinavam, sem sentimento, apenas com a intenção de lucro, o que haviam rapinado.

Esses millionarios da ultima hora lembram-me aquelles chefes barbaros, em tendas esto-

fadas de purpura, cercados de coxins, entre pilhas de preciosidades que elles estimavam menos do que os apêros dos seus ginetes selvagens, que nitriam soltos nas pastagens. Para tal gente só tinham valor o ouro, as pedrarias, os pannos rutilantes e armas.

— És injusto com os barbaros. Não te lembras de Chilperico fazendo representar em Soissons uma comedia de Terencio?

— E os outros? Queres defende-los tambem?

— São explosões necessarias, meu amigo. A vida já teria cessado se não fossem as alternativas, que a revigoram. Os barbaros chegaram a tempo de salvar a civilisação.

Infiltrada do virus asiatico, amollecida em volupia, que era Roma? um enorme lupanar num esterquilinio. Emquanto os patricios (lê Ammiano Marcellino) enlangueciam em prazeres lascivos o populacho miseravel bradava pedindo pão, empilhava-se para dormir nas escadarias dos edificios ou assaltava transeuntes desvalisando-os. As bolsas, as que tinham moedas, passavam das mãos dos debochados para as dos rufiões e os obulos de cobre eram atirados aos pés das ambubaias.

Os campos abandonados cobriam-se de herva silvestre, a vida era só o prazer.

Que fizeram os barbaros? Tomaram os lugares que a inercia occupava, afastaram os inu-

teis, carrearam as riquezas accumuladas em cofres e, levando-as na bagagem da horda, foram com ellas, como se fossem sementes, fazendo nascer cidades, que se desenvolveram e que ahi estão para nosso gozo, como essa que tanto amas e que é a tua eterna saudade — Paris.

Foram elles, os barbaros, que refizeram a vida, que salvaram o mundo do apodrecimento. Passaram pelo imperio do occidente como passa o Nilo pelas almargens egypcias — fecundando-o com o seu nateiro.

Os nossos homens de outrora, nós mesmos, que nos criamos no luxo molle do tempo da escravidão, seriamos capazes de realisar as obras audaciosas que estão sendo feitas por esses barbaros, como lhes chamas: os nóvo-ricos. Não. Defendo-os e admiro-os justamente porque os julgo superiores a mim. Fortes e de iniciativas audazes, emprehendem com a mesma furia com que os hunos de Attila investiam com uma cidade ou os wisigodos de Alarico arrancavam atroadoramente dos seus pousios com a lança na mão direita e o facho na esquerda para a chacina e o incendio.

Esses barbaros, que surgiram com a Guerra, vieram dar novo surto á vida, despertar energias adormecidas, applicar os thesouros que jaziam como enterrados em poder de avaros ou que corriam prodigamente de mãos lascivas para o girão da Venus ou para o tapete da tavolagem.

Eu, tu e outros, como nós, seriamos lá capazes de accommetter emprezas como as que por ahi vão transformando a cidade, o paiz, dando-lhe belleza e desenvolvendo-lhe as forças naturaes? Pois sim...

Eu, de mim, confesso-te que não tenho animo nem ideia para taes coisas.

Essas acções de força pedem pulso e bravura e os nossos pulsos... que valem elles comparados aos desses homens que vieram do trabalho, que se robusteceram no bracejo energico?

Não, meu amigo, não sejamos injustos. A culpa é nossa que nos deixamos vencer.

Tu não te revoltas contra o lavrador que leva o arado pela terra rasgando-a e revolvendo-a, para que a camada superficial, exhausta, dessorada, seja substituida pelo torrão que jazia entranhado na profundeza e que vem ressumando humus, cheio de viço, em plena fertilidade, receber a semente e reproduzi-la multiplicada aos centos.

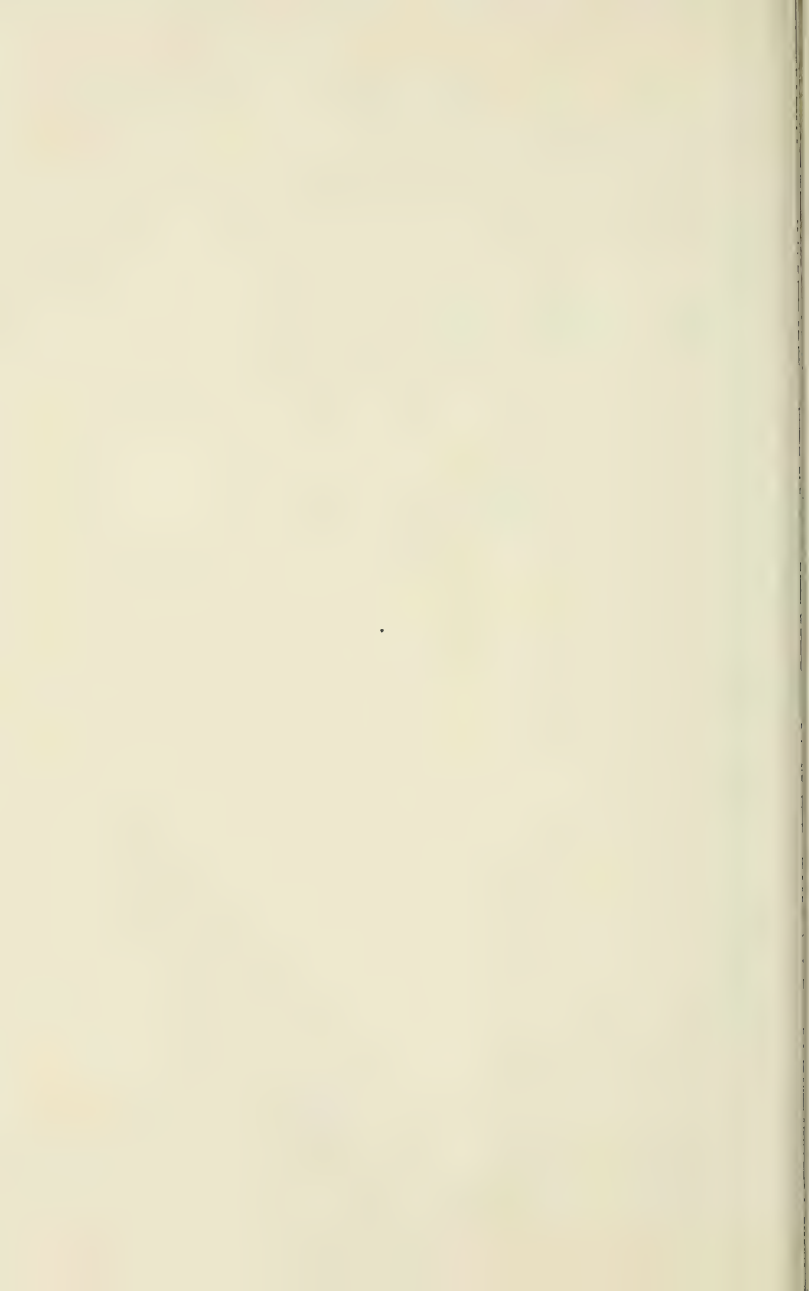
Pois é assim, meu amigo. A sociedade precisa, de vez em quando, ser revolvida como a terra: o que jazia embaixo está agora á tona e nós... Mas não receies pelas reliquias do passado, a arte, a tradição, os costumes, as bôas maneiras — a terra profunda dá flores como a dos jardins.

De onde sahiram as grandes figuras e todo o esplendor do Renascimento senão das almas

barbaras e da cultura classica conservada pelos monges nos seus mosteiros?

— Sim, mas nesse tempo havia monges... e hoje?

— Meu amigo, em todos os diluvios ha sempre uma arca para a salvação das especies. Deixa lá os barbaros... São elles que nos estão civilisando, meu caro, elles...!

A MEDIOCRIDADE

A MEDIOCRIDADE

. . . .

Não, não é paradoxo. Guio-me pelas lições da Natureza e pela Religião, dogmatica em todos os seus dictames, incontestavel em todos os seus exemplos. Não é só a Virtude que está no meio — «in medio stat virtus» — a propria omnipotencia divina manifestou-se ao mundo, no mysterio da Encarnação, como uma flor colhida entre duas folhas.

Deus, que encerra em si as tres epocas — o principio, o meio e o fim, como symbolos de uma unica existencia, de um Ser unico, presos á mesma haste, que é a Eternidade, como se communicou com o Mundo para estabelecer a harmonia, impor a ordem, criar o Amor entre os homens? Destacou da Trindade um dos extremos: o Padre ou o Espirito Santo? Não.

O escolhido para a missão de misericordia foi Aquelle que, sendo o symbolo central,

participava das duas outras essencias oppostas: a força estatica, ou geradora — o Padre; e a força dynamica, ou movimento: o Espirito Santo — e que, nascendo da Mulher, foi chamado Jesus.

E tudo, todas as forças da vida, tudo que nos revigora, tudo que nos dirige, tudo que nos serve de apoio: a Razão, a Justiça, o Direito, o equilibrio, emfim, tanto na vida physica como na vida moral, assiste no meio, direito, rectilineo como o eixo em que giram as rodas.

O que pende para um lado perde o aprumo ou a imparcialidade. A preferencia é sempre um desvio.

O fiel da balança firma-se em meio dos braços que sustentam as duas conchas, um millimetro que elle se incline para uma dellas é quanto basta para comprometter a equidade.

O barco só vai em singradura direita se o leme é mantido em exacta perpendicular á popa, cambe a um lado ou a outro e logo se lhe mudará o rumo, inflectindo na direcção do esguelho. E em tudo mais é assim.

O mediocre é que governa com segurança e acerto, sem surtos nem declinios porque a sua bussola é o bom senso. Tudo pondera e verifica, attendendo tanto a este como áquelle, distribuindo a justiça como o foco luminoso derrama a claridade; illuminando com brilho igual tudo que lhe fica em volta.

O mediocre é prudente e cauto. Receioso de desastres não sobe nem desce: caminha na planicie batida, preferindo sempre as veredas mais trilhadas e, se se lhe deparam tropeços — alcantil a vencer ou abysmo a galgar, não se precipita airadamente: examina e sonda e, como não dispõe de unhas para agarrar-se nem de azas para voar, se de todo não lhe é possivel ladear as difficuldades, tendo forçosamente de affrontar-se com ellas, não investe d'arranque: vai de manso, apalpando o terreno, apegando-se: aqui a uma aresta, ali a um galho ou raiz; guinda-se ou deixa-se escorregar, sempre cauteloso, apoiando-se em todas as saliencias, um pé aqui, outro ali até attingir a achada do rochedo ou firmar-se no fundo do algar.

O ardego, esse não hesita: arremessa-se impetuosamente ao rochedo, indo-lhe pelo dorso acima sem buscar chanfradura a que se atenha; no despenhadeiro não procura saliencias nem ramas e, confiando nas azas da genialidade, arroja-se atrevidamente á aventura e assim como pode sahir della triumphante, não é raro que nella encontre o mesmo fim desastroso que tiveram Icaro no vôo e Phaetonte na corrida radiosa.

O outro, esse não abandonaria jamais o seu latibulo.

Os extremos perdem-se. A genialidade é

como os altos cimos que topetam com as nuvens obscurecendo-se na propria magnificencia.

As alturas asphyxiam como os subterraneos: o ar é tão raro e infenso á vida nas cumiadas como no fundo das minas. No alto, é por demais fino e subtil; em baixo, é espesso e pesado. Em cima inflamma-se em relampagos e raios; na profundeza explode em gazes.

Ao excelso só ascendem as aguias que têm os seus ninhos alcandorados nas cristas das cordilheiras e acolchoados de nuvens; nos labyrinthos só andam escavadoramente as toupeiras.

O azul livre é para a contemplação; a terra profunda é para a incubação. Só se anda com facilidade e segurança no solo firme, entre o esplendor do azul e a escuridão das entranhas em que a terra, na sua fecundidade maravilhosa, cria as riquezas e ressuma a seiva que alimenta as arvores, e abrolha as fontes que formam os mananciaes, concorrendo copiosamente para a grandeza dos rios.

O espaço só pode ser attingido pelo vôo e as azas que o scindem são as da imaginação, essas mesmas, porém, para que triumphem, devem levar, entre os encontros, um sentimento, um ideal, e assim, na propria poesia, o que vence não é a força das remiges, extremos, mas o que arde no cerebro ou o que vibra no coração.

As azas aflam ansiosas ou adejam sere-

nas, mas quem vai no vôo, entre ellas, cantando na gloria da luz em rumo ao azul, é o passaro.

A toupeira, essa não se sente bem ao sol, a claridade atordoa-a, deslumbra-a. Assim, meu amigo — nem aguias, nem toupeiras.

— Bacuraus... O bacurau é o symbolo da mediocridade — esvoaça.

— Ahi vens com a pilheria. Na arvore, por exemplo: o que a nutre é a raiz e são as folhas que lhe dão alento. Mas a força da arvore é o tronco que se apoia nas raizes e sustenta a copa de folhagem airosa na qual desabrocham as flores, amadurecem os frutos e acolhem-se os ninhos. As raizes trabalham incessantemente. São ellas que injectam no tronco a força vital, não ha duvida, mas é do tronco que se esgalham os ramos formando a cupola verde e magestosa que é a belleza da arvore. E a distribuição com que o tronco attende á sollicitação de todos os ramos, sem esquecer um só, arraçoando-os com igualdade rigorosa, seria um exemplo utilissimo aos nossos administradores, tão empaturrados de economia, se elles pudessem ver, por pauta, o mysterio da circulação vegetal.

As raizes querem-se bem enterradas no seu humido viveiro; do sol basta-lhes o calor. O tronco contenta-se com a claridade ambiente, mas o seu gosto é estar á sombra, gozando o ar

tepido que o bafeja acariciadoramente. A fronde, não — é o heroismo: recebe em cheio o sol e, nas tempestades, é ella que mais soffre dos vendavaes. Se o raio fulmina a arvore é por ella que entra, queimando-a antes de fender o tronco.

É ella a que mais ostenta, a que mais apparece e a que mais soffre. Pelas franças é que se conhece o vigor e que se percebe a decadencia da arvore.

Os povos começam a perecer pelas camadas superiores — são os aristocratas os que primeiro sentem o choque das revoluções e, com elles, os chamados «espiritos superiores». Os mediocres resistem mais e as raizes, como não apparecem, continuam a viver e, ás vezes, abatida a fronde, fendido de meio a meio o tronco, vê-se surgir á flor da terra um novedio, crescer sobre os restos apodrecidos da arvore morta: é o reviçar das raizes, o resurgimento do povo...

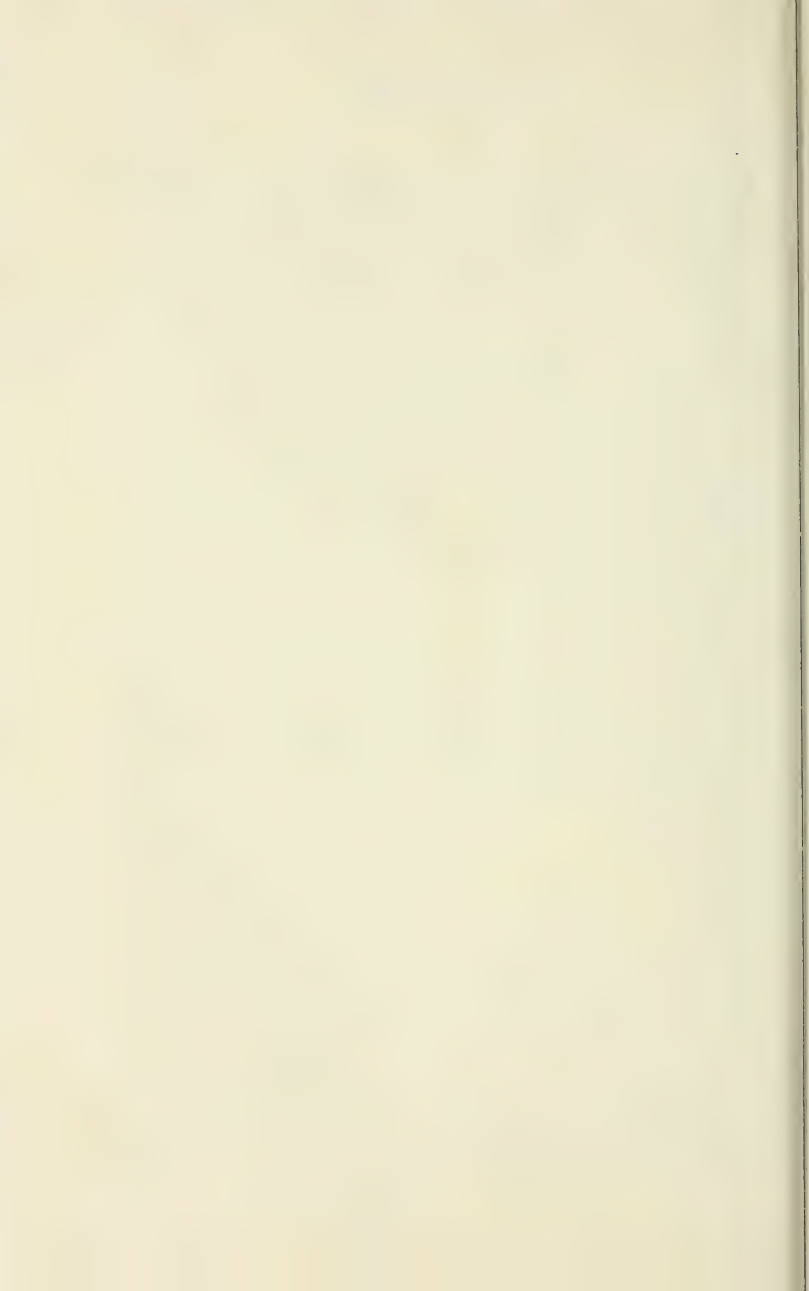
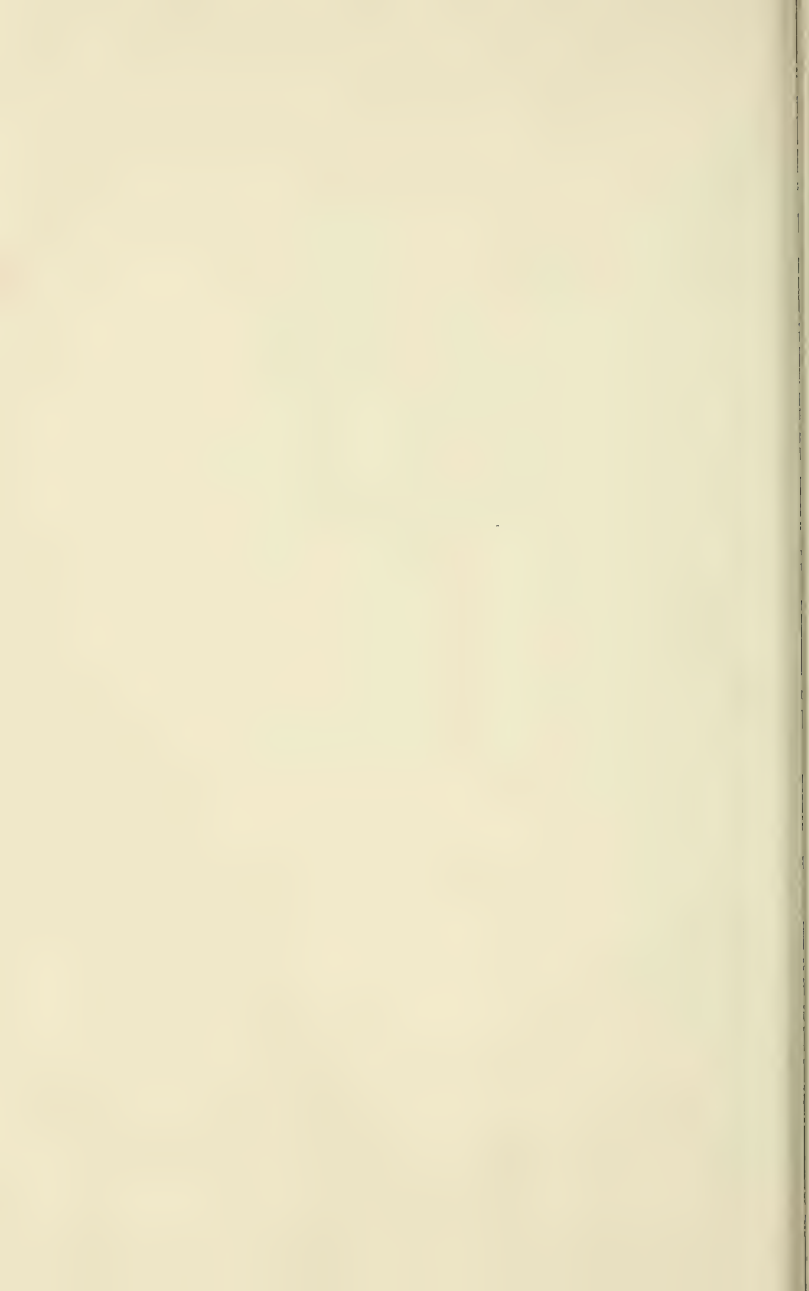
— E a mediocridade?

— A mediocridade...

— A mediocridade esfarela-se, meu amigo; o tal tronco reduz-se á terra molle, lodo, e o que fica, para reproduzir e perpetuar a arvore são as sementes que lhe cahem da copa, e espalham-se vivazes; são as criações da genialidade, dessas franças altas que recebiam em cheio o sol e as tempestades e resoavam cantos

de passarinhos. Póde ser que os mediocres sejam excellentes para o governo dos povos, mas para fazerem a gloria das nações e para as eternisarem são preferiveis os extremos, as franças altas, as genialidades que, na queda, como aconteceu na Grecia, por exemplo, disseminam em profusão as suas sementes, que renascem, formando florestas encantadas á cuja sombra a Humanidade ainda hoje sonha e ha de sempre sonhar. Deixemos os mediocres no seu aprumo impassivel de troncos. Eu prefiro a agitação alegre das frondes sussurrantes. Ellas é que são a belleza da arvore.

— E a vida...?

— A vida sóbe da profundeza. O tronco é bem a imagem da mediocridade esperta e petulante, que ostenta força e prestigio á custa dos humildes e, vivendo obscurecida pela fronde com ella se vangloria e ufana.

A HONRA

A HONRA

. . . .

— A honra, tal como a comprehendes e praticas, é uma verdadeira renuncia. Vives á maneira ascetica dos monjes inclusos que se mettiam ao deserto, enfurnavam-se em cavernas privando-se, não só dos gozos e do conforto da vida, mas até do necessario á existencia porque, em tudo, sentiam, senão a presença, ao menos a influencia daquelle que chamavam o «adversario».

Andavam nús e cobertos de escaras de immundicie, porque consideravam o banho um prazer voluptuoso e soffriam a adustão do sol na pelle encoscorada ou o friul dos invernos geosos que lhes inteiriçavam e retransiam os membros; ciliciavam-se, avergoavam-se com tagantes de pontas aceradas, entendendo que, com o sangue que tiravam das carnes, expungiam-nas dos desejos impudicos; nutriam-se de hervas e raizes amargas, bebiam agua salobra de pan-

tanaes ou as que recolhiam em algibes de preferencia ás das fontes limpidas porque em tudo viam «sensualidade». E, para combaterem os pensamentos impuros, que os perseguiam como as moscas varejeiras revoam sobre as carniças, prostravam-se de joelhos, passando dias e noites em ascese penitencial. Viviam assim os ascetas. E chamas a isso vida? Achas que um homem, que assim se inutilisa, esterilisando-se em contemplação, martyrisando-se em supplicios cumpre o destino que lhe deu o Creador? Não, de certo. Na propria sentença proferida no Paraiso Deus não impoz ao homem a inercia, não o isolou da vida, não o encerrou em uma lapa como se enclausúra um galé em cellula presidiaria: deu-lhe o mundo com tudo que nelle ha, desde a fertilidade das leiras regadias até o safaro das charnecas, as campinas viçosas e os desertos estereis, o valle suave e a montanha em acclive, o rio e o mar, a steppe núa e a floresta frondosa e disse-lhe: Trabalha!

E que fizeram os ascetas a pretexto de evitarem as tentações do demonio? entregaram-se á indolencia.

Não ha honra em viver na honestidade que apregôas e preconisas, queixando-te sempre da sorte, nada ousando fazer, porque vês em todas as iniciativas o que chamas «falta de escrupulo», como não ha virtude em fazer-se um mancebo sadio e robusto anachoreta, furtando

uma actividade á vida, um valor ao progresso para ganhar o ceu e merecer a gloria de ser santo.

E que ha de extraordinario nessas abstinencias dos eremitas se elles, por não confiarem em si, sabendo-se fracos, fugiam do mundo, segregando-se nas solidões onde, se havia tentações que os perturbassem não eram, certamente, de demonios nem de trasgos infernaes ou de espiritos elementares, mas dos seus proprios sentidos que nelles acordavam instigados pelos nervos, ardendo na excitação do sangue, exigindo o que o instincto impõe.

Virtuoso e forte é aquelle que, assaltado por seducções, preso em um circulo de concupiscencia, como se achou Parsifal no Jardim de Klingsor, entre os encantos das mulheres-flores, reage e livra-se puro. Taes heroes impõem-se-nos á admiração e ao respeito porque são, em verdade, fortes e atravessam o fogo como se fossem forrados de amiantho, rompem as linhas do sabbat invulneravelmente. Mas que valem as celebradas victorias de S. Bruno, S. Pacomio, Santo Antão e outros cenobitas que se isolavam no deserto, como foragidos, entre arêas e cardos? Que inimigos combatiam elles? sombras, imaginações, delirios. Eram verdadeiros Quixotes do mysticismo.

A honestidade é uma bravura e o homem de honra prova-se como o guerreiro: no perigo.

Assim como o valente só brilha no entrevero das lanças, no furor dos assaltos, na violencia das cargas, medindo-se peito a peito com o inimigo e delle triumphando, correndo, atravez de ferro e fogo, para o mais cerrado e cruento da batalha, assim o honesto não teme a proximidade do ouro, porque não é accessivel a seducção e, ainda que se lhe estadeem diante dos olhos centenas de cofres abarrotados de moedas e avultem pyramides de barras de ouro, passará sereno, sem pensar, sequer, em sonegar uma pequenina moeda ou uma pisca insignificante. E se a seducção fôr a da carne irá por entre as mais desvairadoras choréas de mulheres com a mesma indifferença com que atravessaria um desfiladeiro de neve.

Mas honesto nas dunas da Thebaida, onde nada havia que pudesse tentar a ambição ou a volupia, isso, meu caro, será interessante na obra de Voragine ou em santoraes para leituras mysticas, mas bem encarado, bem analysado é até ridiculo. Estranho seria que taes santos peccassem, isso sim! Isso é que seria, em verdade, admiravel, mas como no-los apresentam as legendas acho-os... sei lá! Hoje seriam tidos por malucos e, em vez de figurarem nas listas hagiographicas appareceriam no rol dos loucos, dos maniacos, dos visionarios que povoam os manicomios.

Tudo receias com os teus exaggerados re-

quintes de honradez, a tudo oppões a repulsa do teu caracter porque não ha negocio no qual não descubras má fé: ora é o receio de que te possam julgar prevaricador; ora é o escrupulo de ferir interesses de terceiros. Vês em tudo violações e attentados, não ha fortuna cuja origem não attribuas a crimes, a manobras illicitas; e vês viuvas lesadas, empobrecidas pela ganancia deste ou daquelle, orfans em penuria, velhos illaqueados por espertezas audaciosas, peculatos escandalosos, roubalheira... sei lá!

No teu parecer o trabalho nada vale.

Não, meu amigo. Eu tenho-me na conta de um homem de bem, entretanto, sempre que se me depara ensejo de fazer um bom negocio, atiro-me a elle como os que mais se atrevem, procurando sempre o posto onde haja maiores probabilidades de exito, e, até hoje, apezar dos lucros, ainda não senti necessidade de purificar as mãos.

Se acceitassemos a tua doutrina timida nada fariamos no mundo porque, derrubando uma floresta para semearmos lavouras no seu terreno, usurpariamos ás arvores o sólo; varando um tunnel na montanha para facilitarmos a communicação lesariamos a natureza; explorando uma mina de ouro ou de carvão prejudicariamos o sitio em que ella jazesse com as escavações necessarias, e assim por diante. E não nos alimentariamos senão de hervas e frutos.

estes mesmos só depois que cahissem dos galhos e não attentariamos contra a vida de animal algum para não nos macularmos com sangue innocente.

Isto seria a perfeição, no teu entender, a a vida de honra. Pois sim!

Qual te parece mais digno do nome de homem: o que vence com a intelligencia e o trabalho, tornando-se independente ou o inerte que, por escrupulo, deixa-se ficar a um canto á espera de que lhe venha ás mãos o pão que o Senhor mandava por um corvo a Elias? Eu, por mim, acho que a honra só póde existir na superioridade, só o que triumpha póde ser honrado. O que fica em baixo, nos degraus inferiores, a estender a mão a um e outro, ainda que seja um poço de virtudes, um espelho de pureza não passará de mendigo. A honra é uma condecoração e ninguem põe condecorações em farrapos.

— Mas então negas a virtude? Achas que o homem honrado é um inutil, um...

— Sim, o homem honrado, como o comprehendes, porque nada faz, não é util a si nem aos seus. Vale tanto como uma pedra que rola, talvez menos.

— Queres dizer que hoje a honra...?

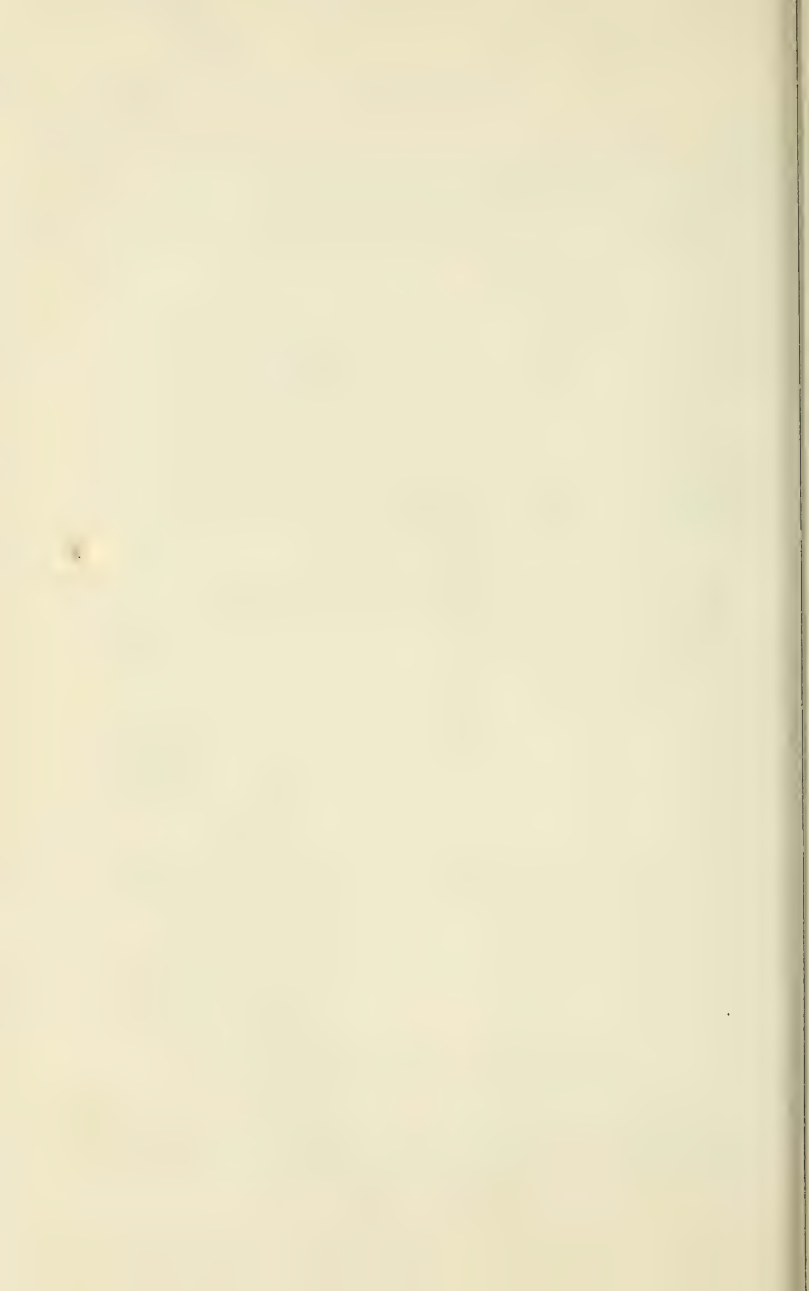
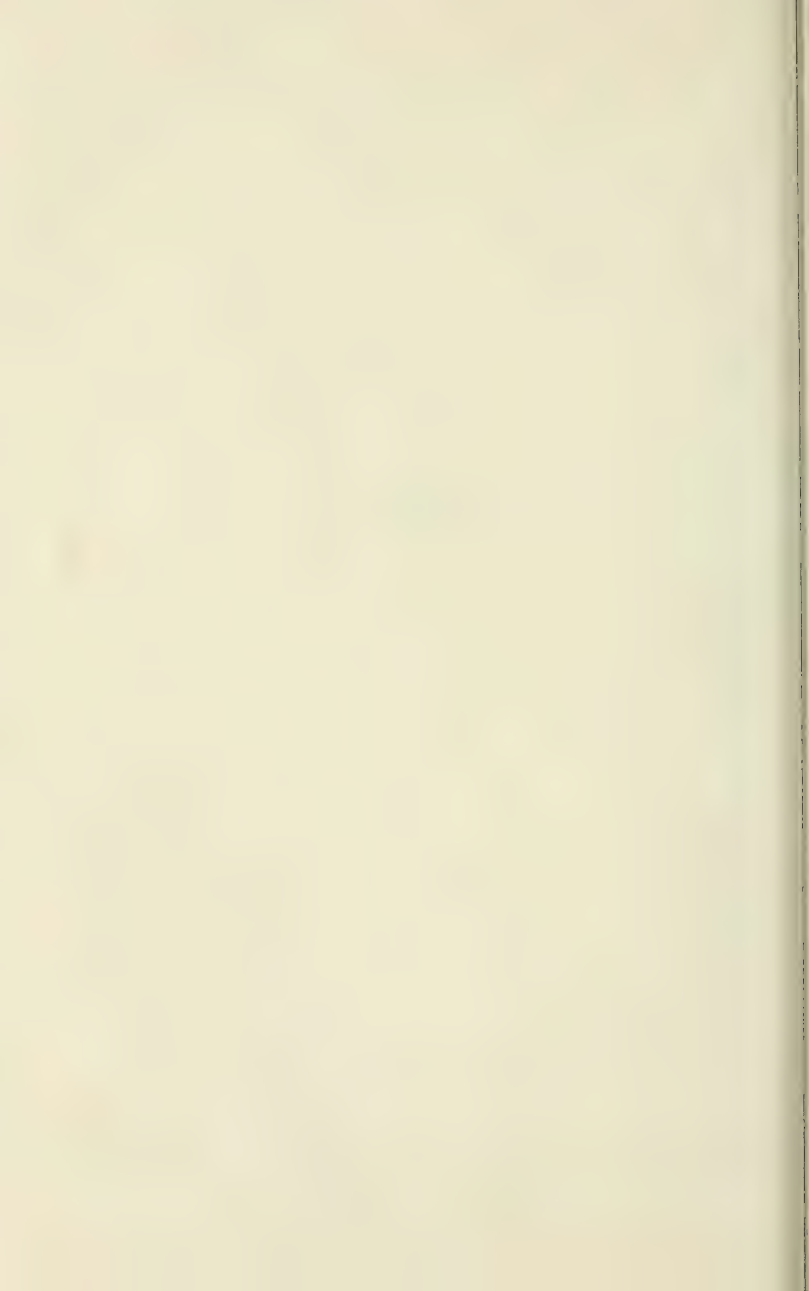
— É, como já disse, uma commenda que se põe ao peito... em dias solemnes. Na hora do trabalho, meu caro, ninguem se preoccupa

com futilidades decorativas, o que se quer é vencer, seja lá como fôr.

— Não penso assim. Regulo-me ainda pela moral antiga.

— Tanto peior para ti. Os tempos são outros, meu velho, outros os costumes, outra á moral. Com a tua honra nos dias que correm succeder-te-á o mesmo que te aconteceria se sahisses a combater revestido da armadura de um paladino, de escudo, lança e montante. A polvora inutilisou a bravura, como o interesse...

— Acabou com a honra, queres dizer...? Não, meu amigo. Todas as invenções da guerra, por mais terriveis que sejam, não conseguiram matar o heroismo. E a honra é o heroismo da dignidade.

— Dize antes: dos resignados.

AMAVIOS

AMAVIOS

. . . .

— Não ha duvida. A historia, principalmente a litteraria, está cheia de taes mistiforios e engrimanços e os que os attribuem ás feiticeiras da Thessalia são injustos com as velhas lamias da Asia que foram as criadoras dessas illusões.

O que ha por esses archivos, cheios do pó dos seculos, em fórmulas cabalisticas, em segredos de sympathias, em directorios magicos, philtros de composições varias, produtos de receitas horripilantes pelos ingredientes que nellas entram, desde flores de aroma allucinante e folhas e raizes como o famoso hippomanes e a mandragora, até pelle de sapo pulverisada, terra de cemiterio e, o que é mais grave: sangue de recem-nascido ainda pagão. A lista de amadouros é immensa e vem sendo accrescentada pela pratica sortílega desde os celebres encantamentos de Medéa, Circe, a feiti-

ceira de Theocrito e da horrenda Locusta e ainda das erotómanas, de Ovidio e de Tibullo, até a da que combinou a formula mysteriosa do elixir que desvairou Tristão e Isolda, e a adversia de Mephisto que lançou nos braços do Dr. Fausto o corpo juvenil e candido de Margarida.

E ainda os famosos feitiços das bruxas medievaes que realisavam prodigios de amor espetando corações de cêra ou amarrando bonifrates com fios de cabello depois de os haverem baptisado com os nomes dos inculcados á suggestão de amor. E as invocações á Hecate, os recados de que era mensageira a arvéloa, as supplicas á lua feitas melancolicamente pelas indias do Amazonas para que o astro da noite infundisse, com os seus raios pallidos, a saudade no coração dos amantes fazendo-os regressar á tribu, onde a rede nupcial, enfeitada de flores de acacia, esperava-os para a ventura...

E os nossos «pais de quimbande», esses beiçudos africanos sórnas, que se compromettem a reduzir os corações mais empedernidos... Tudo isso é velho, velhissimo, porque é humano, como a superstição. Mas a verdade é que o diabo, sempre calumniado, entra nesses casos de amor que por ahi, não raro, degeneram em tragedia, como Pilatos no Credo.

— Falas de taes coisas como conhecedor. Até parece que praticas o sortilegio amatorio...

— Um pouco, para matar o tempo. A vida é tão enfadonha. Fiz da demonologia o meu esporte. Em vez de ir a corridas de cavallos ou a jogos de bola e força ou aborrecer-me, perdendo tempo e dinheiro, em tavolagens reles, metto-me no meu cubiculo infernal, abro os meus livros negros, interpreto ou procuro interpretar o sentido esoterico das abracadabras, invoco succubos e incubos e assim passo as noites.

— E já conseguiste alguma coisa?

— Sim. Consegui criar um mundo á parte, um pequeno mundo fantastico onde vivo. Nelle solto a imaginação e ella arranja-me espectaculos maravilhosos a que assisto sosinho, como o Rei Virgem gozava solitario, no immenso theatro bavaro, as primicias das operas de Wagner. Já é alguma coisa. Homem, a proposito: vou contar-te um caso curioso de enfeitiçamento, um prodigio de amavio.

— Realisado por ti?

— Sim. Conjurei, com a minha sciencia magica, um sortilegio formidavel. Não sei como chegou aos salões a noticia dos meus estudos de gabinete hermetico. Estou convencido de que vivemos em uma cidade de vidro, de casas transparentes porque, tudo quanto nellas se passa, a portas fechadas e nos aposentos mais intimos, horas depois estão no dominio publico e dissecado impiedosamente a gume dos mais afiados commentarios da maledicencia.

Um chamado urgente ao telephone, uma entrevista mysteriosa e entrei a fundo no segredo de uma das casas mais elegantes de Botafogo.

Já ouviste choro de mulher ao telephone? É curioso. Era uma senhora — e tu conhéce-la — que se queixava do abandono do marido que lhe fôra arrebatado por uma das mariposas do Assyrio, a Colette.

Pediu-me que fosse vê-la, sabia do meu poder sobrenatural, da minha força prestigiosa e nella confiava para rehaver o ingrato que se mettera de muros a dentro com a alegre rapariga, como Tannhaüser com Holda na tal montanha de Venus.

Fui e queres que te diga? desde a entrada comprehendi a razão da victoria de Colette sobre a desventurada esposa que, aliás, é uma linda mulher... Mas... Vamos ao amavio.

Colette, como sabes, é uma artista eximia em voluptuosidades. Parece ter o curso completo de uma didascalia de Lesbos. Ninguem, melhor do que ella, conhece a arte de apparecer núa nos trajos mais leves e seductores; ninguem sabe temperar tão bem o arôma de um ambiente e a luz discreta, estender tapetes que absorvem o rumor dos passos como as esponjas absorvem a humidade, espalhar alegria, alongar-se numa ottomana, estirar languidamente os braços para que as mangas lhe escorram até as axillas. Não ha tedio que resista áquelle de-

monio. E como se veste, como escolhe os tecidos e as cores, como sabe enlear em caricias o homem que della se aproxime, com que arte subtil de aranha amorosa prepara a teia de volupia que é... ella toda. Sempre que a vejo acho que admirar: é um timbre mais meigo na voz, mais languidez nos gestos, mais brilho ou dormencia nos olhos, philtros novos, amavios de composição recente e assim a Circe não deixa entrar a monotonia no espirito do amante. É uma rosa que se não dá inteira, mas petala a petala e sempre fresca, guardando surpresas para os dias que se succedem cada vez mais exigentes.

E a esposa...? Não imaginas como a encontrei: pallida, com olheiras fundas, o ar fatigado das vigilias soffredoras e... arranjada com tão pouco esmero que... francamente. Quiz, desde logo, dizer-lhe com franqueza o motivo da preferencia do marido pela doudivanas do Assyrio, mas, tu comprehendes, é tão difficil dar a entender a uma senhora que ella se veste mal e que não tem a arte, tão preconisada por Ninon de Lenclos, de se fazer desejar hoje mais do que hontem, e amanhan mais do que hoje... Hesitei, ella insistiu e a piedade venceu-me: disse-lhe tudo, tudo: o que ella devia fazer para reconquistar o marido lutando com armas iguaes ás de que se servia a rival. Ah! meu amigo, foi um duello admiravel!

— E o mestre d'armas foste tu?

— Mestre d'armas? Não, eu fui o feiticeiro que compuz o philtro, o amavio victorioso servindo-me dos proprios ingredientes que encontrei na linda criatura, que só não vencera com elles porque não os sabia dosar e utilisar. Hoje é um encanto. Como se veste, com que graça caminha, como volve os olhos, que até se tornaram maiores e mais negros, como abre covinhas nas faces quando sorri, como se senta dando um geito gracioso ao corpo, como... É outra em tudo, absolutamente outra, graças aos meus conselhos.

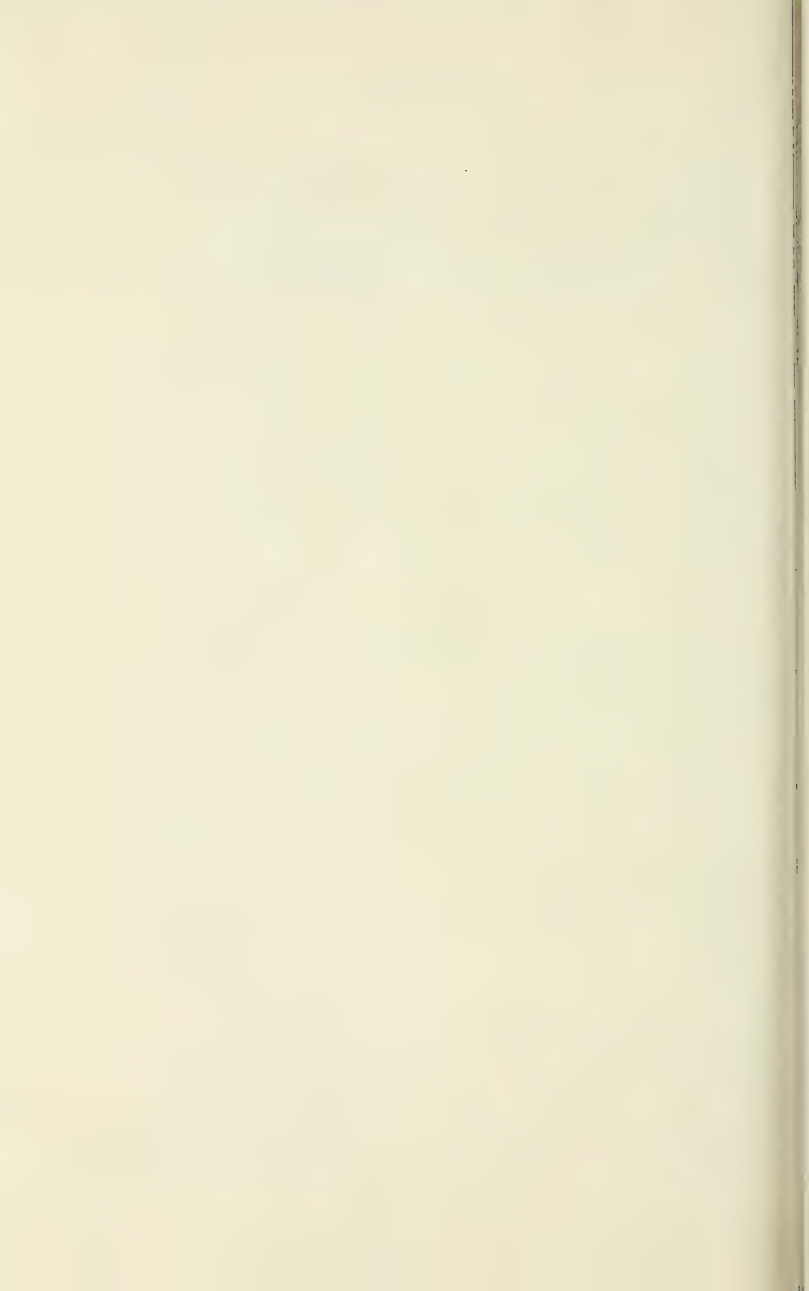
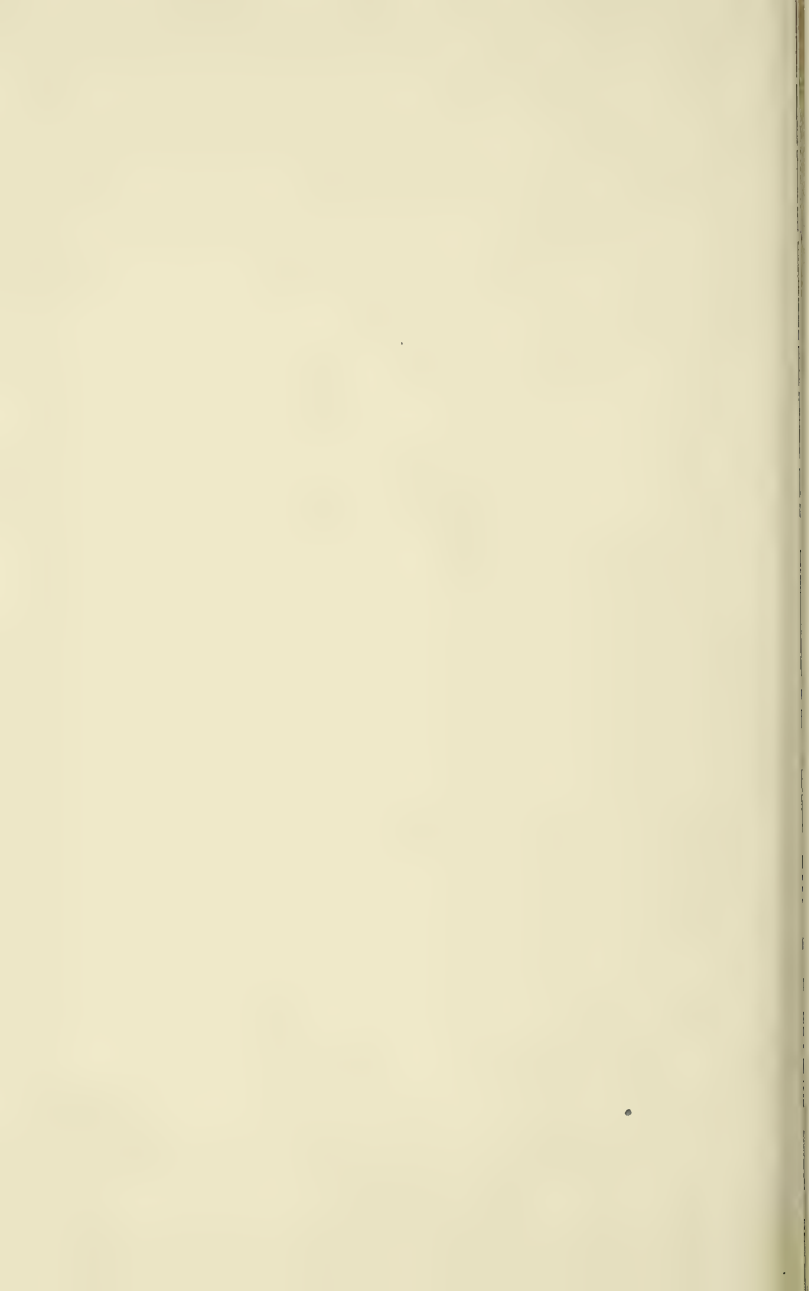
Se as mulheres soubessem compor os amavios, em que são tão habeis as mariposas, não haveria tantos lares desfeitos, tantas tragedias intimas, tantas vidas desorganisadas... Mas qual! A amante sabe que precisa prender o homem e vale-se de todos os artificios; a esposa, como se julga garantida pela Religião e pela Lei, abandona-se, descuida-se e é o que vês: casos innumeros como esse em que entrei a chamado da victima, que é hoje uma das elegantes mais cotadas em nossos salões.

— E o marido? Voltou?

— Se voltou? a todo o panno. E adora-a e com tal ciume, meu velho... com tal ciume que eu acho que não dosei bem o amavio e carreguei de mais em certas coisas porque o homem está uma féra. O diabo é que ella contou

o seu caso ás amigas e eu hoje não tenho mãos a medir com a fama que se fez em volta do meu nome, fama de feiticeiro mundano...

— Fama... só? sem proveito?

— Perdão: isto é segredo profissional.

FINADOS

FINADOS

. . . .

— E foste a tres cemiterios?

— Fui. Que queres? Visitas como outras quaesquer. Vou a tantos salões por formalidade, porque não havia de ir a esses hypethros, onde se está mais á vontade e livre das settas da maledicencia que nos ferem pelas costas, settas hervadas em sorrisos escarninhos e despedidas pelos arcos formosissimos, que são as bocas vermelhas das elegantes amazonas da dicacidade? Fui a tres cemiterios, pois não. Levei flores e visitei mausoleus e tumulos, detendo-me junto delles com a mesma compostura grave com que me inclino diante de certas pessôas que me são apresentadas e que, para mim, valem tanto como defuntos.

— Mas então não acreditas?

— Em que?

— Na alma?

— Acredito, como não? Eu acredito em

tudo que é mysterio. Não discuto, aceito com a mesma docilidade com que me submetto ás leis humanas. Não sou desses que, enfeixando em archote umas palhinhas debeis — que outras coisas não são as taes doutrinas esotericas — atrevem-se a explorar profundezas as mais reconditas onde a razão desvaira e debate-se como em asphyxia. Tenho horror á escuridão e respiro mal nos subterraneos. Nasci á flor da terra, ao sol e, assim como não disputo o mar aos peixes nem o ar ás aves, não penso em desvendar o segredo da sombra. Quero-me cá fóra, á luz clara, ao ar livre, com o meu astro leal, que me guia seguramente os passos.

Demais, meu amigo, não me consta que as almas habitem os cemiterios. A alma, se existe, sendo espirito, é volatil e, desde que se desprende do seu envolúcro, diffunde-se, reintegrando-se no ambiente que lhe é proprio, o infinito; como o ar, contido na bolha, mal se liberta, espalha-se na athmosphera; como a gotta d'agua reverte ao oceano.

No cemiterio o que resta é o bagaço da vida, ou, digamos: a «ipuêra» na qual assentou o poucochinho d'agua vital que, absorvida pelo sol, subiu ao espaço, voltando a incorporar-se ao «mar» immenso, principio e origem de tudo.

Essa «alma», identificada por mim á gotta d'agua, attrahida pelo turbilhão, ascende para purificar-se na altura e tornar á vida, como

em chuvas copiosas e orvalhadas serenas regressam á terra regadiamente as aguas do mar e dos rios, dos pantanaes e lameiros e o rócio que aljofra as folhagens.

As almas, no surto em que se elevam, redimem-se, perdem a consciencia da vida anterior, renovam-se no Ether para outra existencia, como se dessalgam as aguas do mar e purificam-se as dos mais putridos marneis cahindo todas limpidas em chuvas portadoras de effluvios, que são a fecundidade.

No cemiterio tudo é terra e tanto vale a que jaz em mausoleus sumptuosos como a que entulha a valla commum. E, para prestar culto á terra, não é preciso ir ao Campo Santo, porque ella é a mesma em toda a parte. O culto dos mortos tem a sua poesia, não nego, mas dahi a o quererem tornar uma religião vai muito. E o que por ahi se faz chega a ser sacrilegio — exaltação de tumulos, que são jazigos, em altares de idolatria.

— Como os das igrejas. Porque a verdade é que nesses tambem nós não veneramos outras coisas senão idolos. A imagem ante a qual nos ajoelhamos, orando com fervor devoto, não é Deus, mas a nossa imaginação acaba por transfigurar esse convencionalismo em divindade, abstrahindo tudo que nelle ha de terreno, substancia e fórma, para attribuir-lhe a essencia do proprio Deus eterno.

Aquelle que ousasse, entre fanaticos, que são os levitas de todas as religiões, mostrar na imagem o lenho e ainda o trabalho do artista, seria tido como profanador e pagaria o peccado infame com a vida.

E porque? por haver dito o que o proprio Jesus negou-se a dizer a Pilatos, porque, para a manutenção da Fé, não se deve, effectivamente, dizer a verdade. Sendo assim, não é demais que nos concentremos religiosamente á beira de um tumulo, ao qual vimos baixar o despojo de alguem que nos foi caro. No tumulo ha, pelo menos, um pouco de verdade... em pó. E no altar? ficção apenas.

— Sim, a imagem não é Deus e só um rude a terá por tal. Mas tambem as letras não são o Pensamento, são cellulas de palavras e são as palavras que encarnam o Pensamento. A imagem é, pois, um symbolo como a letra e, do mesmo modo que, com o alphabeto formamos toda a nossa ordem mental, condensando nas letras as idéas, com as imagens formamos o nosso devocionario, incutindo nellas a Fé.

A letra, como o cadaver, é uma fórma inérte. O que vale na letra é a expressão, a vida, e é o que dellas nos fica no espirito. O que nos fica dos mortos é tambem a expressão do que elles foram, não a representação material; a parte do sentimento e não a dos sentidos; a saudade, e não a ossada.

Diante de um grupo de letras ninguem se detem a examinar a fórma de uma ou de outra — interpreta-as reunidas, tira-lhes a expressão e passa. Quando se decora um dictame impresso em livro não se lhe guarda a fórma graphica, conserva-se apenas a sentença em essencia, ou expressão. O mesmo se dá á beira de um tumulo. Que ha nelle? um esqueleto: residuo. E é isso que buscamos? Não! Buscamos o que esse esqueleto nos recorda ou suggere: o corpo, a fórma, o que foi alma, a vida, emfim, com a sua expressão propria.

Assim não é pela morte que vamos aos cemiterios, como não é pelas imagens que procuramos as igrejas, como tambem não é apenas para olhar as letras que abrimos os livros: vamos aos cemiterios para recordar a vida, vamos ás igrejas para pensar em Deus, lemos para absorver idéas. Tudo symbolos, gestos da imaginação.

— Mas o mundo é só de apparencias. Viver é existir, é ser; e o que é, meu amigo, mostra-se, exhibe-se visivel, sensivelmente. O mais...

— O mais é tudo! O que se não vê nem se sente é o que, em verdade, existe. O tangivel é material e sendo material é precario. O eterno é incorporeo.

— Sendo assim, que foste fazer aos cemiterios?

— Fui por tradicionalismo. Era dia de Fi-

nados, fui. Deveres. Quando leio a noticia do anniversario de algum amigo, se, por qualquer motivo, não posso ir comprimenta-lo á casa, mando-lhe um telegramma. Aos mortos não se telegrapha. É verdade que eu podia mandar flores por um criado. Fui. Mas se houve dia em que não pensei nos meus defuntos, esse foi o de hontem.

— Porque?

— Distrahi-me. Tanta gente alegre nos cemiterios. Quando estou só, no silencio do meu gabinete, é que me recordo com saudade (oh! a saudade... essa é que é a visitadora dos tumulos... e, entretanto, não sahe do coração!). Mas como eu dizia: quando estou só é que me recordo dos meus finados. Ouço-os, sinto-os, ás vezes, até, como que os vejo e falo-lhes...

— Em espirito? Mas o espirito é invisivel, tu o disseste.

— Não sei: ouço-os, sinto-os... vejo-os, tenho-os presentes: minha mãi, com aquelle sorriso que irradiava bondade. Heloisa, loura... loura... Horacio. Emfim — todos! todos! Vivem commigo.

— Se assim os sentes é porque elles revestem a fórma material, nesse caso...

— Não, não os sinto materialisados. Certos perfumes, certas melodias, ás vezes um leve som de voz, um murmurio de folhagem transportam-nos, de repente, ao passado, repondo-

nos em certo instante remoto da vida, entre seres queridos que nos envolvem em carinhos. Alguma coisa como um sonho. Pois é assim. Os meus mortos apparecem-me em sonhos taes, são elles que me visitam. Fui aos cemiterios retribuir-lhes a meiguice. Fiz bem.

— Naturalmente. Dantes os cemiterios enchiam-se de multidões que se substituiam. Eram verdadeiras romarias! O dia de Finados era bem o da communhão das almas, dia de culto piedoso e de suave saudade. Hoje...

— E tu? Foste?

— Aos cemiterios...?

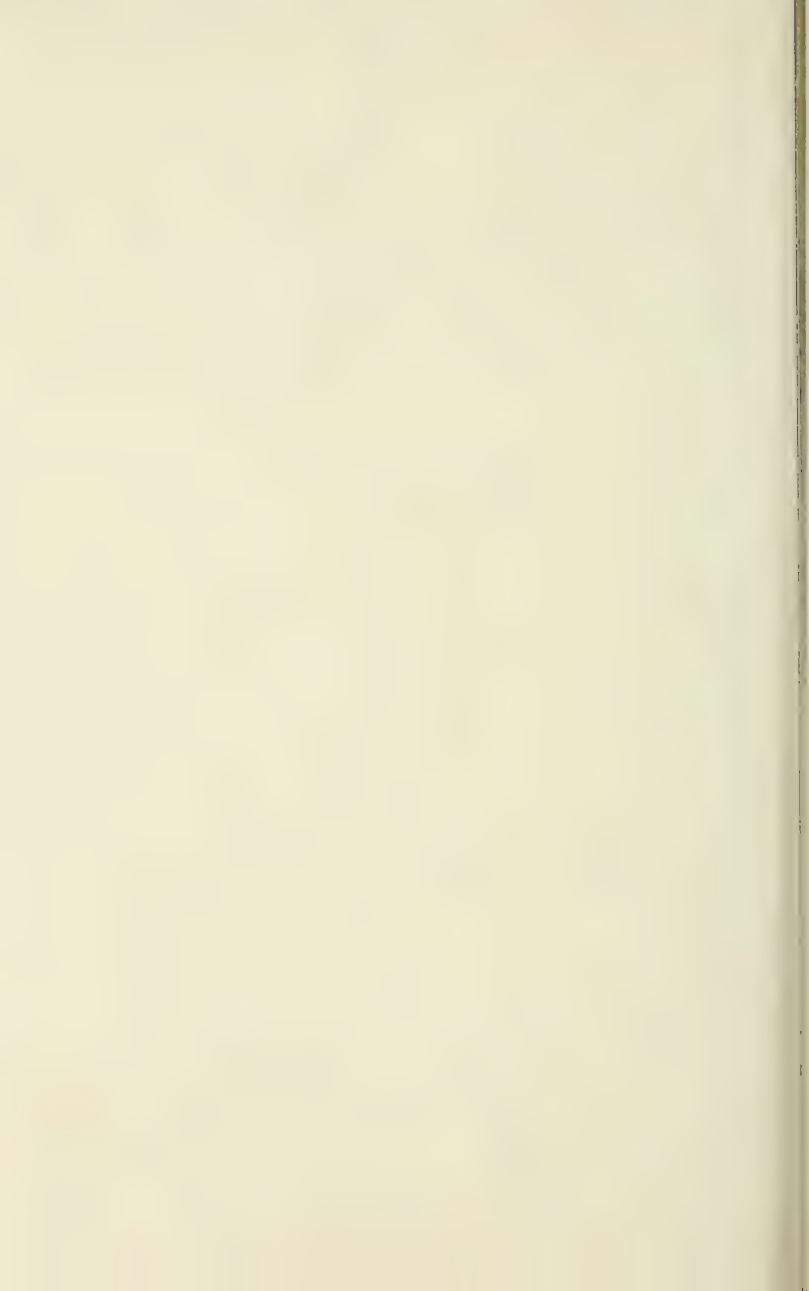
— Sim...?

— Não. Sabes, os meus parentes viveram sempre ás turras e nem depois de mortos quizeram ajuntar-se — declaração expressa nos respectivos testamentos. Estão por ahi espalhados: um em S. João Baptista, outro no Cajú: o meu avô em Maruhy, um tio em Inhauma. Não me ficava bem visitar um sem visitar outros e para tanto não me sobrava tempo. Demais deitei-me ás quatro da manhan e tive hontem um «five ó clock» (sem dança, já se vê) a que não podia faltar. São os taes deveres sociaes. Mas entendo que o culto dos mortos deve ser praticado, não só porque é a mais antiga tradição da humanidade, como porque é piedoso, poetico. Mas, que fazer? a sociedade dos vivos é mais exigente que a dos mortos.

— E mais triste.

— Isso é que não!

— Entra-lhe no intimo, meu amigo, entra-lhe no intimo. Nos cemiterios ha, pelo menos, tranquillidade e as covas fechadas não tresandam: recendem a flores. Emfim, deixemos os mortos em paz. Vamos ao chá, antes que esfrie.

UTOPIA

UTOPIA

. . . .

A vida é uma combustão. Nós ardemos como as fogueiras abrindo clarões e espalhando calor, e o fumo que de nós se desprende, tenue ou espesso, é o que chamamos ideal, ou melhor: poesia.

Diversas são as formas que esse fumo toma no espaço ou no tempo, para onde quer que flúa ao vento: ora sobe em espiral, e é a aspiração; ora vai de rojo, aos colleios serpentinos, rastejando á flor da terra, e é a cobiça; ou forma esses halos languidos e caprichosos nos quaes se nos vão os olhos e que se chamam amor ou gloria, illusões fallazes, volutas ephemeras, circulos voluveis de fumo leve que a mais branda aragem dissipa. O nome dessa fogueira, que desabrocha em petalas flammejantes, como uma flor, é... (já de certo adivinhaste): Ambição.

— Assim... resumes a vida na ambição?

— E não é ella o fogo infernal em que nos consumimos, em uns mais vivo do que em outros, mas sempre o mesmo fogo, chame-se elle desejo ou aspiração, appetite ou fé, avareza ou volupia, orgulho ou ciume, sympathia ou inveja? Nesse fogo vivemos, lutamos até que revertemos ás cinzas tristes, que são os residuos de todos os esplendores e miserias.

— E essas fogueiras, que somos, com que ardem? que lenha queimam?

— Em umas, são troncos; em outras, achas; ainda em outras, gravetos, ramalho, folhas seccas, chamiço. A lenha... dizes a rir. Ella ahi anda ás carradas e os lenhadores não cessam de a derrubar na grande floresta eterna em cuja orla nos achamos e de onde nos vêm todas as forças, que é o Tempo, variavel na apparencia, como um rio que reflecte paisagens differentes, mas que é sempre o mesmo. São as idéas, são as virtudes e os vicios, é a vontade, tronco robustissimo, são os caprichos, folhas seccas; são os sonhos, flores; é a volupia, raiz que se retorce e crepita e silva quando se inflamma, é tudo, tudo! Todas as preoccupações, todos os interesses, todos os ideaes de belleza, o sublime e o hediondo, desde a abnegação até a perfidia, desde a honra até o perjurio e ainda ramusculos de vaidade, que são os que mais crepitam e rechinam espir-

rando faiscas que parecem estrellas, não sendo mais que cinza.

— Ahi vem a mulher! Já estava tardando...

— Não. A vaidade não é privativa da mulher. A vaidade, como direi? é um requinte de egoismo, ou antes: é a flor do egoismo, que não é só feminino: é humano.

Flor... e muito espinhosa ás vezes, valha a verdade.

— Como a rosa.

— Mas não nos desviemos das fogueiras, até porque, com a noite, fria, como está, é agradavel a loura companhia das chammas. Dizias que tudo é lenha...

— Tudo! A imaginação, que é? labareda que sobe esplendida aclarando a noite tenebrosa, rompendo, devassando todas as escuridões, afugentando feras e maleficios.

— E criando fantasmagorias tragicas com as sombras que agita, que, sem ella, ficariam no immenso cháos, na caligem do silencio nocturno.

— Assim, e estás commigo, foi a imaginação, a grande labareda, o pincel de fogo que debuxou na téla escura dos tempos as figuras dos trasgos elementares, pavores da noite priméva que se transformaram em deuses. Foi nessa labareda que os sacerdotes accenderam o fogo dos holocaustos, as sybillas o lume das suas tripodes, os artistas e os mesteiraes os

seus fornos, as feiticeiras o braseiro em que ferviam os caldeirões dos seus philtros, Fausto o seu acanor, os vates os brandões com que alumiam o Futuro e Apollo, que é a Poesia, tomou a flamma do seu estro, os numes subterraneos as chammas dos seus estygios e as fagulhas que della saltam em piscas espalham-se pelo universo como sementes e são as iniciativas que, umas vezes, as maïs das vezes, apagam-se e pegam, de quando em quando, ateiando outras fogueiras illuminadoras em volta das quaes se assentam as gerações e gozam o conforto do calor e o beneficio formoso da claridade.

— Quando não lavram em incendios arrasadores...

— As guerras...

— E outras calamidades produzidas pelas faúlhas da tal labareda. Fazes a apotheose de Prometheu.

— Sim, e com razão e justiça, porque o Titan, na sua aventura temeraria, o que pretendia era trazer á terra o fogo celeste, o fogo que se não extingue, o fogo que arde por si mesmo, sem combustivel, por ser eterno, para conserva-lo em uma lampada...

— O craneo.

— Não, o craneo, esse será o fornilho da forja em que amolgamos o pensamento para o afeiçoar em idéas: o coração, que é a lampada

onde deve arder, em brilho suave, o lume celestial, luz que é uma prece continua, um conforto perenne.

— O amor?

— Amor, sim, esse seria o seu nome se o não houvessem abastardado tanto, tirando-o do sentimento para appellido do instincto. Eu chamo-lhe: Bondade. Se o Prometheu pagão não conseguiu, com o seu sacrificio na montanha, o grande sonho, outro o realisou na altura do Calvario e o lume ahi está acceso, fulgurando irradiantemente nos tres symbolos, que são as Virtudes Theologaes.

— Bem se vê que andas a ler os Padres. Estás infiltrado de Vieira, de Bernardes, de Frei Antonio das Chagas, de Thomé de Jesus. Acabas monge, em alguma cella, continuando a obra do oratoriano, tanto do apreço de Camillo, que se acha na corrente das tuas idéas, quando por mais não seja, pelo titulo: «Luz e calor».

— Não, não me sobra tempo para leituras. Não é nos livros que me instruo, mas nos factos. Falamos dos carvoeiros que devastam as florestas e, todavia, não são elles tão crueis como os que andam pelo mundo atravez dos costumes, das leis, das tradições, de tudo que constitue a riqueza moral da Humanidade. O lenhador perdôa as arvores novas quando as vê cobertas de folhas verdes e desabotoadas

em flores, poupa os pomares e os jardins, o arvoredo que resguarda as fontes e os arbustos que se adensam formando os frescos agasalhos nos páramos. E na luta em que nos acirramos? a derrubada é feroz. Tudo a ambição reclama e devora e, quanto mais se lhe dá, mais exige a sua voracidade e o resultado é o que vemos: a assolação, o arrasamento de todos os escrupulos, de todos os melindres e o mundo árido, em cinzas, sem um oasis para repouso d'alma, sem fé, sem o respeito, a generosidade de outr'ora, triste na indifferença, sceptico, desamoravel. Que fazer? Ir ao santuario, como Prometheu pretendia ir ao ceu, e tomar na lampada uma centelha do lume sagrado para restaurar na vida a Bondade, que é o esplendor da alma e o que a distingue do instincto, prendendo o homem a Deus pela essencia que delle trouxe.

— Acho difficil o que pretendes, meu velho. Difficilimo!

— Porque?

— Porque as igrejas, acompanhando o seculo, illuminam-se agora á luz electrica. As lampadas foram postas a um canto e o oleo que as alimentava foi lançado tambem na tal fogueira em que tudo arde, como disseste.

— Homem, talvez tenhas razão.

— Assim, pois, meu amigo, resignemo-nos. Vivamos na fogueira, como as salamandras. A

Bondade é uma luz doce e meiga, luz de vigilia e de consolação, luz de conforto, luz pequenina e as chammas debeis tremem e extinguem-se ao calor das fogueiras. A Bondade teve os seus dias, hoje governa a Ambição. A tua lampada é uma antigualha de belchior, velharia de revendão.

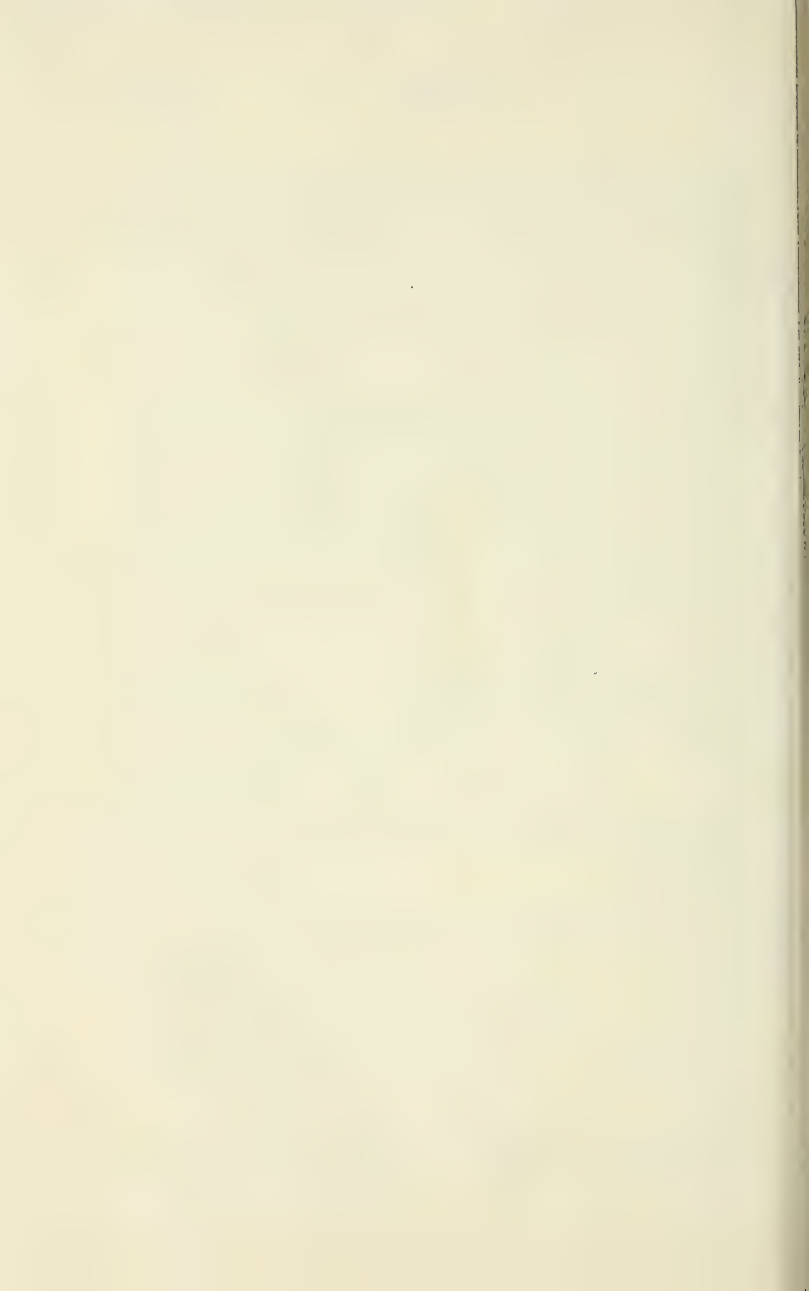
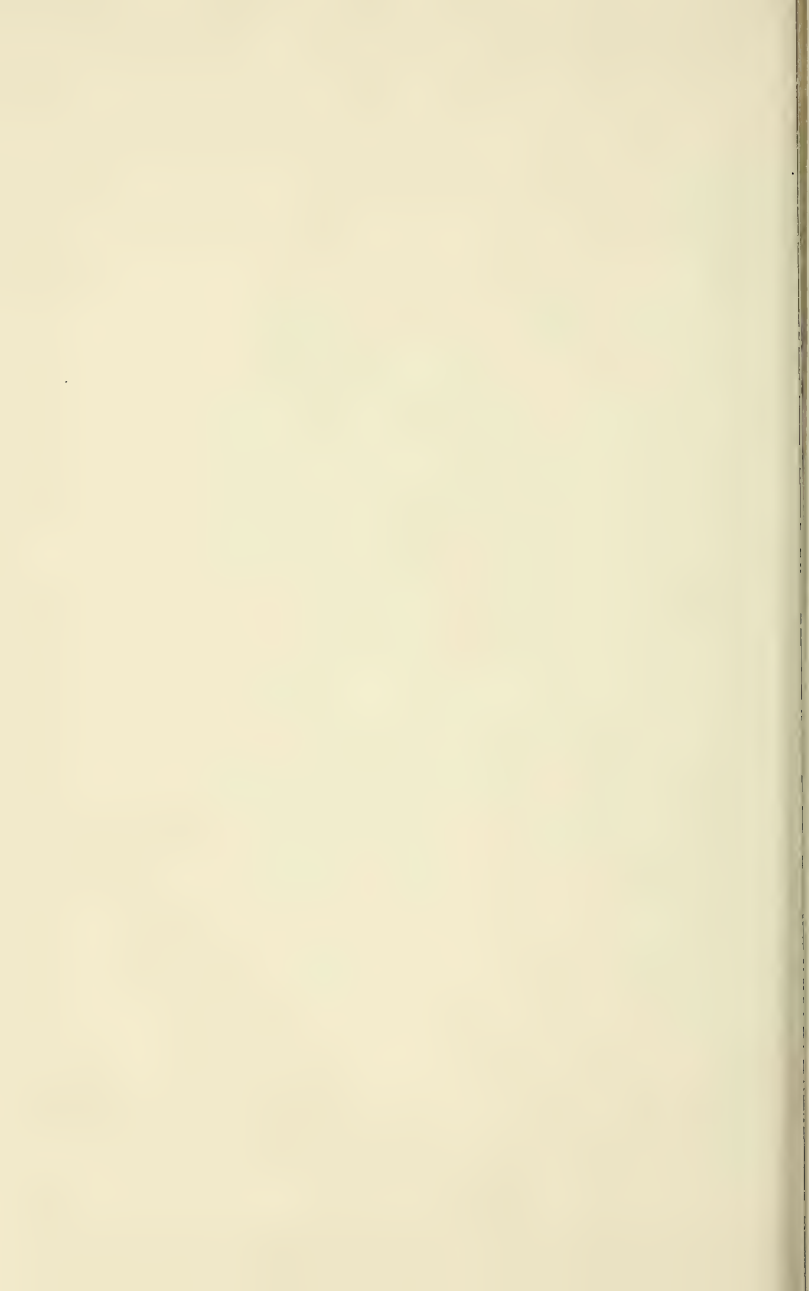
— Quem sabe lá! Tambem a de Aladino era velha e realisava prodigios. Ainda confio na Bondade para regenerar o mundo.

— Faze, então, como o pregoeiro da historia que offerecia lampadas novas a troco de lampadas velhas. É possivel que assim encontres o talisman que procuras.

— Sorris?

— Que queres, meu velho, a culpa é tua. Descreveste tantas fumaças da fogueira humana e esqueceste a que se evola de ti.

— Sim, tens razão... Esta, entretanto, vem de um fogo que se pode dizer alimentado com accendalhas do santo lenho, porque é todo de misericordia.

— De utopia, meu caro poeta.

NOMADES

NOMADES

. . . .

— É como te digo: só me sinto bem na modestia da minha «*parva domus*», com os meus moveis, os meus livros, os meus objectos de arte, o raio de sol que me entra pela janella, aberta sobre o jardim, desce, deslisa pelo tapete até a minha mesa de trabalho, sobe por ella e estira-se na pasta acariciando-me os dedos quando escrevo, como meu genio domestico, mais bello do que python de Salammbô, porque é de ouro e verdadeiramente divino, vindo do ceu, como vem.

A casa é pequena, não ha duvida, mas é minha, só minha, e das recordações que o Tempo vai nella accumulando.

Quando entro no meu gabinete tenho a impressão de que tudo que nelle ha — bem pouco e que só tem o valor que lhe dá a minha amizade — agita-se alegremente, vive: as cabecinhas de bronze e marmore olham-me

e sorriem, os velhos moveis rangem como se, movendo-se nos seus cantos, estalem as articulações emperradas, as paisagens das telas illuminam-se, ouço-lhes o sussurro das folhas e o murmurio das aguas... Illusão! Sei lá! A verdade é que fico entretido e encantado a olhar uma coisa e outra — os quadros, as figurinhas, os bustos dos meus poetas e o de Jesus, de Larche, na attitude em que o Menino inspirado maravilhou os graves doutores do Sanhedrin. Abro uma estante, tomo um livro ao acaso, folheio-o, examino-o e, se encontro vestigio de traça, lá vou com elle para a mesa, trato-o como um enfermo, procuro o mal, esvurmo-o e, depois de demorada desinfecção, levo-o para o jardim, exponho-o ao sol e só o reponho na estante quando o tenho por são, inteiramente curado da peste que o devastava. É assim.

A casa é tudo para mim. Não comprehendo essa gente que inventa pretextos futeis: — mau estomago, figado empedernido ou falta de criados — para andar por ahi, de mala ás costas, em villas balnearias, no desconforto de hoteis de montanhas, empilhada em aposentos, que são verdadeiras estufilhas, dormindo em colchões suspeitos, amassados ao peso de corpos sabe-se lá de quem... e quantos! Historia...! Isso é gente sem raizes, que fluctua na vida como as nimphéas nas aguas — ao sabor da correnteza, que é a moda.

Nada como o meu canto, o meu cubiculo. Não nasci para viver como dibra. Quero-me quieto, no meu socego, no meu silencio, no meu pequeno mundo, entre as minhas quatro paredes, que são os meus pontos cardeaes.

— És uma excepção.

— Como excepção?

— Sim. O teu sedentarismo contraría a lei maior da natureza.

— Em que?

— Em tudo.

— Explica-te, homem. Não te comprehendo.

— Todos nós somos nomades: tu, eu, toda a humanidade, todos os seres, o universo inteiro, tudo! a começar pelo pó, que é o principio e o fim, que, ao sopro brando, levanta-se e vai pelos ares fóra, até os astros e o tempo. A vida é movimento continuo, que não admitte a mais breve pausa. Movemo-nos, caminhamos sempre com o rythmo da pendula: para diante, como o sol, ou para traz, como a noite, que é um regresso ao Cháos.

— Caminhamos sempre... Homem, francamente, não havia dado por isto. Agora, por exemplo, neste delicioso «*far niente*» em que preguiçamos: tu, ahi na poltrona; eu, nesta rede admiravel...

— Estamos caminhando, pois não. A bordo, quando viajas, sentes, por acaso, a distancia que percorres? Não, o navio leva-te e se esti-

veres no salão, conversando, ou no teu beliche, deitado, e não ouvires o rumor das machinas nem sentires o jogo do navio não te lembrarás que vais pelas ondas, alongando-te, á distancia, com outras terras, não mais as da patria, passando a outro clima e, se olhares o ceu, á noite, não perceberás, de prompto, que as estrellas são outras.

O mundo visivel, emfim, sempre nos dá avisos dos seus caminhos, assignala-os de um modo ou de outro: aqui, um porto; ali, uma ilha; além, um rochedo com o pharol a prumo. A viagem no invisivel, mais rapida do que as que nos levam de uma a outra latitude, essa, se não a sentimos, é porque a fazemos no Tempo, pela necessidade que tem o espirito de progredir como tem o corpo de mover-se. A nossa marcha na terra póde ser verificada pelas pégadas ou rastro que deixamos; o mar sulca-se em talhos fundos, vestigios ephemeros, mas sempre vestigios, como um franzir de sobrolhos no relampago de uma suspeita.

Procura, entanto, no espaço o deslise de um vôo — e a ave, todavia, passou batendo as azas. Assim como a ave scinde o ar nós atravessamos o Tempo.

Respirar é avançar no espaço, com o proprio alento que nos elle dá; imaginar é avançar no Tempo. E vês o que respiras? E alcanças o que imaginas?

A bordo, olhando por uma das vigias do salão de jantar, vemos o ceu immenso, de longe em longe, a ampolla tumida de um vagalhão; ás vezes a carneirada de vello espumoso correndo em tropel pelo oceano. E nós ali tranquillos, tomando, com delicia, a nossa sôpa e conversando com um companheiro de mesa, amigo de occasião, um desses fluctuantes dos quaes nos fazemos intimos e que, logo ao desembarcarmos, esquecemos.

E que impressão nos deixa esse espectaculo das ondas em debandada? Temo-las por fugitivas que passam diante de nós espavoridamente, como um rebanho acossado por tempestade ou perseguido por lobos em alcatéa esfaimada. Não somos nós que caminhamos, é o oceano que foge. O oceano a fugir... Vaidade dos olhos! O oceano foge atravez da nossa illusão como a paizagem passa vertiginosamente á nossa vista quando viajamos em caminho de ferro.

São montanhas, florestas, rios, aldeias, ranchos que correm fantasticamente em levada de cyclone? Não, meu amigo — a paizagem mantem-se immovel, nós é que vamos por ella no comboio que atravessa campinas, vinga serranias, galga despenhadeiros, vence os mais ingremes acclives, precipita-se de cumiadas, vareja tunneis, rola estrondando em pontes sobre rios caudaes e cachoeiras tumultuosas... somos nós, somos nós.

A mesma illusão faz-nos dizer que é o Tempo que passa... O Tempo...! Nós é que por elle vamos e os dias e as noites, as horas, emfim, aceleram-se diante de nós e passam como passam as ondas para os que as vêm pelas vigias do salão do transatlantico em que vai, e como passa a paizagem aos olhos dos que viajam em caminho de ferro.

E a prova, meu amigo, é que os dias amanhecem sempre lindos, como o de hoje... E nós? Nós nos vamos curvando, engelhando, embranquecendo, cobrindo-nos da poeira dos caminhos ou das neves que se esfarinham ao alto. Illusões...

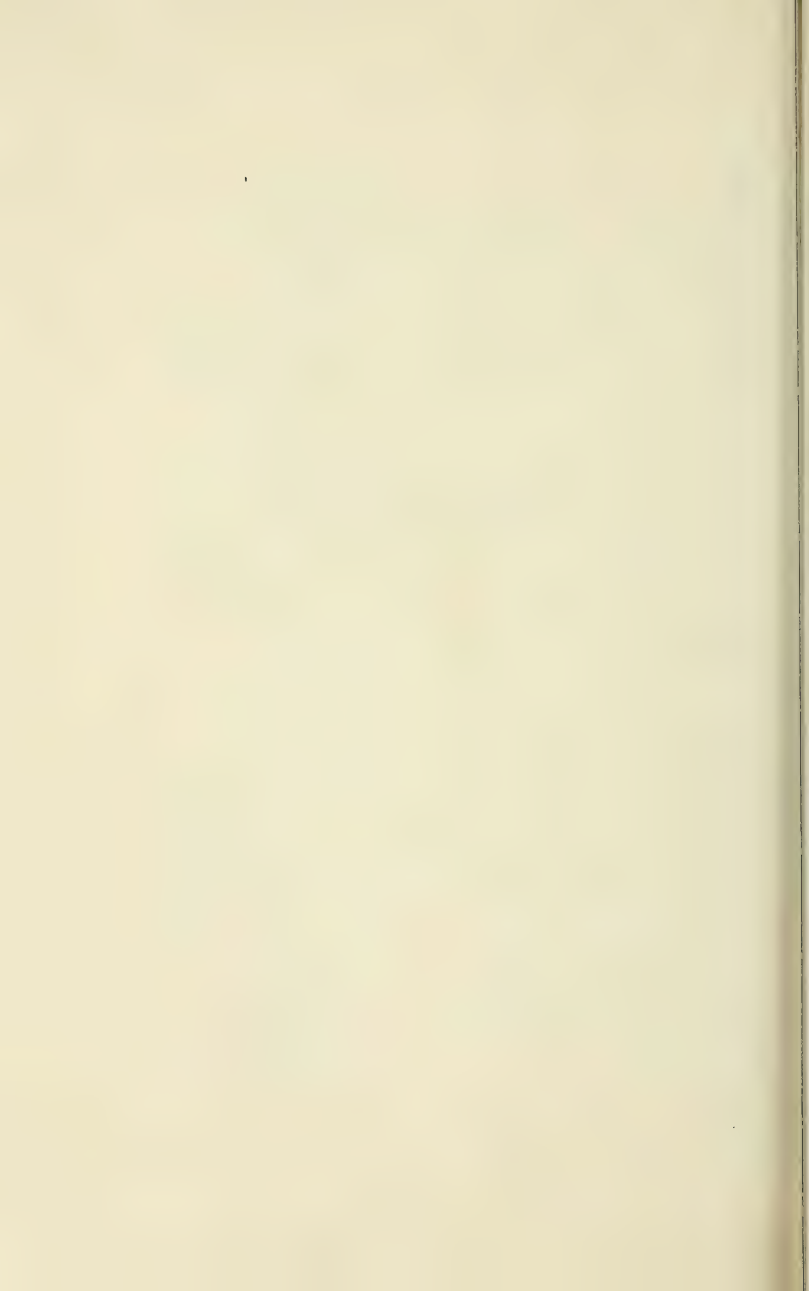
— Então achas que aqui, por exemplo, estamos caminhando?

— Vertiginosamente.

— É possivel. Tudo é possivel neste mundo em que as theorias são tão varias como os gostos. Para mim — é o meu modo de ver, desculpa-me — se, nesta rede, que faz honra ás tecedeiras da tua terra, assim de pernas estendidas, estou caminhando, não é senão para um somno, que me promette sonhos deliciosos.

— O somno é um tunnel, dizem...

— Na montanha pesada dos cuidados. E com este bocado de philosophia ponho-me a andar. Faze o mesmo ahi na poltrona. Até logo.

MENTIRAS

MENTIRAS

. . . .

— Ora... a Verdade... A Verdade abandonou o mundo na hora em que a mulher, tendo comido, com o bagaço e até com a casca e todos os caroços, o fruto prohibido, reconhecendo que se achava núa, o que, até então, lhe passara despercebido aos olhos innocentes, procurou cobrir-se com folhas de figueira. A Verdade, que tambem andava em pello, porque não havia outra móda no Paraiso, revoltou-se contra a frandulagem farfalhosa e intimou a mulher a despi-la. A peccadora, porém, sentindo os olhos accesos de Adão, que a queimavam de longe, como dois raios, corou e resistiu. A Verdade, então, intransigente, declarou que se ella não se despojasse daquella cobertura subiria ao ceu para denuncia-la ao Senhor. Eva manteve-se no seu proposito pundonoroso, não se desfolhando e a outra cumpriu a ameaça.

Pouco depois, escurecendo tempestuosamente o ceu que, até então, não fôra toldado no seu limpido azul pela mais pequenina nuvem, entre flammejos de relampagos e estrondos de trovões, o Eterno desceu ao Paraiso e vendo, com os seus olhos magnificos, que tinha fundamento a denuncia que lhe fôra feita, expulsou o casal do Eden, como, em nossos dias, os senhorios, garantidos pela Lei, lançam á rua com os cacareus miseraveis os inquilinos que não concordam com o augmento dos alugueres por serem superiores ao que lhes rende o trabalho em que se estafam.

Despejo propriamente não houve porque os nossos primeiros pais não tinham que despejar; sahiram apenas com as folhas de figueira em cima do corpo, arranjadas em fraldão, á maneira dos enduapes e das arazoias dos nossos indios.

Desde essa hora o mundo passou a ser governado pela Mentira, especie de demonio succubo que gera o dolo, a fraude, a hypocrisia, a dissimulação, todos os enganos, todos os embustes e disfarces que são o Bem e o Mal, o encanto e o horror da Vida.

A Verdade, por mais que os anjos lidassem com ella, procurando convence-la a tornar á terra para combater a adversaria que, por meios astuciosos, se havia apoderado da obra perfeita em que Deus, pacientemente, trabalhara durante seis longas eras, deixou-se ficar

lá em cima, núa e amuada, e nunca mais foi vista entre os homens.

Ultimamente, com os vestidos curtos, houve quem ingenuamente acreditasse que ella, apaziguada, tornasse á terra reapparecendo, formosa e triumphante, no dia em que o progresso da moda subisse tanto que as saias, que passaram acima dos joelhos, sahissem pela cabeça e Eva surgisse de novo ao sol tal como andava no Eden florido, entre os quatro rios, maravilhando a natureza com a sua esplendida nudez.

A Moral, porém, (filha da Hypocrisia e de certo demonio enfesado que se chama Bom Senso) oppoz o seu veto e os vestidos já começam a descer, como o cambio, e, dentro em pouco, se Paris não mandar o contrario, em vez do simples césto, como o de Venus, ou nada, como queria a Verdade, veremos, de novo, as caudas roçagantes fazendo concurrencia ás vassouras da Limpeza Publica.

A Verdade, austera e intransigente, afigura-se-me uma especie de Esphinge, agachada na orla de um deserto, olhando espraiadamente o páramo infinito e sem sombra. Tudo que se lhe opponha á vista encobrindo-lhe um ponto no horizonte, — um simples grupo de palmeiras em oasis — será motivo bastante para que se irrite e brade. Quer tudo ao sol, em luz viva e flagrante para que o mais leve ac-

cidente não sirva de esconderijo a insidias nem o olhar seja trahido por miragens enganadoras.

Mas para que a vista corra rasa, sem empeço ou sombra que a perturbe é necessario que o campo sobre o qual se prolonga não tenha o minimo relevo nem a mais breve sombra, que seja chato, vasio, monótono como um sahara, secco e sem vida, claro, esplendido, mas inerte.

Foi para combater essa esterilidade desconfortavel, essa luz intensa, deslumbradora que, por violenta, acabaria cegando, que o Genio do Mal, no momento em que os dois expulsos deixavam as extremas do Paraiso, curvados humildemente ante a espada flammejante do Cherubim, lançou-lhes no craneo, como em um vaso, o germen de certa planta prodigiosa, da qual os demonios extrahem a essencia com que perturbam as almas que intentam perder.

Essa planta, meu amigo, nós a conhecemos com o nome de Imaginação, sempre desabotoada em flores de illusões, flores ephemeras, mas que parecem eternas porque, para uma que se desfolhe e morra, logo desabrocham centenas e todas lindas, cercadas de folhas verdes, que são esperanças.

E que flores são essas? são todas de essencia poetica: religiões, heroismos, surtos para o alto, iniciativas para aventuras, amores, tudo que se prende ao ideal — mentiras que colhemos para nosso encanto e com as quaes se orna-

menta o mundo, a vida perfuma-se e os corações exornam-se.

Essas são as mentiras — sonhos. Outras ha, porém, que inutilisam e depravam levando, muitas vezes, a praticas criminosas. Não são as mentiras por palavras.

Essas são velhas, conhecemo-las todas: começam em vozes macias nos protestos de amor e vão até a diffamação que arrasa.

Quero, porém, referir-me ás mentiras por actos, tão communs hoje em dia, no dominio pernicioso da vaidade, demonio dos peiores, que está transformando os habitos simples da tradiccional honestidade da nossa gente em tudo que ha de mais ignominioso e ridiculo.

São as mentiras de ostentação que se vêm por ahi nas ruas e nas casas, em publico e na intimidade dos lares.

São os rostos que mentem á idade. Meninas ainda impuberes que se dão ares de senhoras, rebolindo quadris que ainda se não curvaram, impando collos que apenas desabotôam, salmilhando-se de pintas, envesgando olhares langorosos, amollentando a voz em tom de queixa; e são matronas que se calafetam e besuntam de cosmeticos, polvilham-se, ensangram a carmim as belfas, sarapintam os labios molles. Os cabellos mudam de cor em horas e do branco da velhice regressam alfenados ao louro da mocidade, com o que mais evidentes se lhes torna

o estrago das feições, vendo-se-lhes as rugas e os perigalhos como, com o sol, quando bate em cheio em ruinas, mais apparecem as fendas e as ripas escorchadas. E homens, meu amigo, rapazes que por ahi andam ás gingas, encalamistrados, disputando as graças proprias do outro sexo. Estas são as mentiras ridiculas.

Ha as mentiras pedantes como as de certos possuidores de bibliothecas, lidos em catalogos e assiduos nos leilões e em todos os alfarrabistas. Entra-se-lhes no *sancta sanctorum* onde elles dizem viver enclausurados como benedictinos. Os livros forram as paredes, d'alto a baixo, muito arrumadinhos em vistosos armarios. E ha de tudo: brochuras communs e incunabulos; *in folios* e tomos galantes em estojos de marroquim. E são mesas para a cartographia, leitoris como os dos coros conventuaes; e poltronas amplas com estantes, ottomanas de repouso, todo o apparelhamento necessario ao estudo e á meditação. Tem-se que o dono de tal livraria é um sabedor profundo. Tomase um volume ao acaso: está ainda por abrir; vai-se a outro e, se não ha espátula á mão, contenta-se a gente em examina-lo por fóra,

Como cavalheiros taes mentem certas damas que se arrêam de perolas falsas e joias de doblete; outras, devotas, aparentadas com Tartufo, que mentem com rosarios e Horas que nunca repassaram ou abriram; mentem outras,

que se inculcam virtuosas como Lucrecias, com amuos de escrupulo com que repellem certas conversas, mas trazendo na bolsa endereços compromettedores. Mas fiquemos por aqui porque descer mais em tal capitulo é perigoso.

E as mentiras da vaidade? Se soubesses o que por ahi se passa em certas casas onde o fogo é minguado e mal dá para fazer ferver uma chaleira para que, com o que poupa em lenha e viveres, possa a familia estadear sedas nos salões mundanos... Se conhecesses, como eu conheço, as tragedias de certos lares, cujos chefes esgottam-se afanosamente em serões, sacrificam-se até a vergonha, arrastam-se na mais degradante humildade, com subserviencia de cães, para poderem satisfazer os caprichos absurdos da sua gente... Aqui mesmo, a dois passos de nós, ha um caso de taes mentiras que me revolta e penalisa. Revolta-me pelo que nelle ha de ridiculo e compunge-me pelo sacrificio que impõe a duas criaturas.

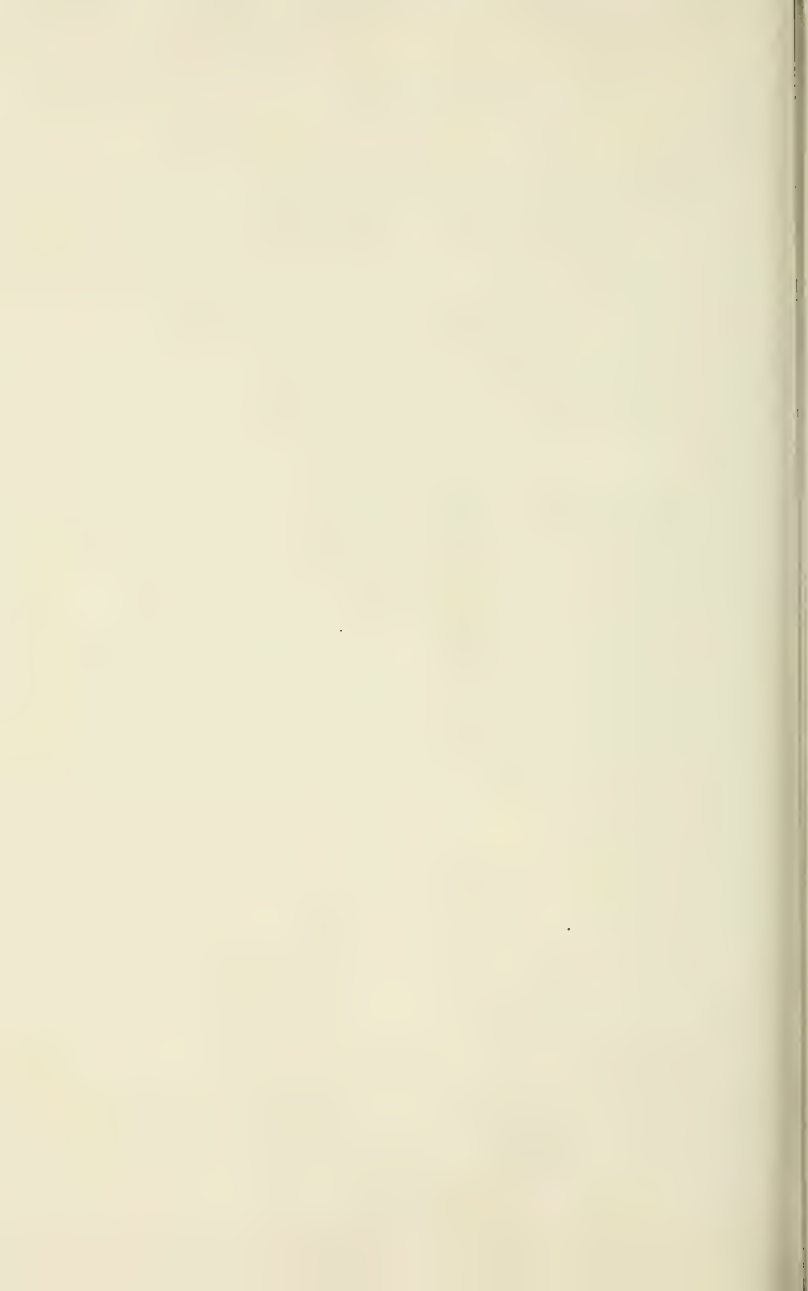
Vês aquella casa ali defronte, fechada e em silencio, com o jardim embravecido em matto? Julgas que está vasia? não: tem moradores — um casal e filha.

O homem trabalha em um Ministerio qualquer e é o unico que apparece. As mulheres são profissionaes da elegancia: estão escondidas. Uma manhan a casa appareceu fechada correndo logo a noticia da partida das senhoras para

Friburgo. Friburgo...! Estão ali trancadas e fazendo todo o serviço, porque despediram as criadas e, até Abril, viverão reclusas, economisando, para poderem dizer, na abertura da estação de inverno, nos intervallos das operas no Municipal ou entre um gole de chá e um biscouto nos salões elegantes: que: «não comprehendem como se possa atravessar o verão nesta fornalha do Rio de Janeiro». Triste, não é?

— Triste?! Mas não acabaste de dizer que a mentira é o encanto da vida? que, sem ella, a existencia seria insupportavel?

— Perdão, a mentira a que eu me refiro é a flor de sonho, vulgarmente chamada Fantasia, não essas que são miserias da Vaidade. Mentiras taes são dissimulações de soffrimento e causam-me tanta pena como o riso apathico que se implanta no rosto dos idiotas.

A MODA

A MODA

. . . .

Só não é versatil a morte. Na vida tudo se faz por mudanças. Mudam-se as horas que enchem o dia e a noite, muda-se o tempo em seculos, estes em annos, os annos em estações, estas em dias que, segundo as horas, variam entre claridade e treva e, com taes mudanças, como a dos passos no andar, é que a vida prosegue. A mesma repetição, que te parece uma prova de decadencia ou esgottamento da imaginação criadora, é uma consequencia natural do rythmo: o pendulo vai e vem como a onda, como o dia e a noite, como tudo.

Pudessemos nós repetir-nos e seriamos eternos. Ainda assim, posto que não nos repitamos em acções, repetimo-nos em evocações.

Que é recordar se não repetir? Que é a lembrança, ou melhor: a saudade senão uma volta da vida ao passado, um grito dalma pro-

vocando o echo, entranhado no silencio e que delle surge ao appello da voz como rebenta das pedras a faisca quando as ferimos?

Os dias são nús e como os vestimos? com o que nelles pomos: umas vezes triumphos e hosannas, outras vezes derrotas e clamores desesperados — dias de gala e dias de luto.

Progredir é mudar, seguir em frente em rumo ao horizonte, mas como o horizonte é uma ficção dos olhos, como a Fé é um horizonte dalma, méta que se não attinge simplesmente porque... não existe, o que resulta dessa illusão é que proseguimos sempre, sempre! prolongando-nos com o tempo.

Se existisse o horizonte seria uma como muralha, um termo diante do qual a vida estacaria. Assim como o vemos é um eterno precursor como a estrella dos Magos, avançando sempre na altura para um destino mysterioso.

Na marcha para o horizonte em que todos nós andamos os aspectos do transito variam a cada momento e essa variedade não está na vida, senão em nós: nós é que a criamos com os nossos caprichos, com os nossos prazeres e com as nossas dores, pondo taes aspectos de accordo com o estado da nossa alma.

A luz é invariavel e, no entanto, ha dias tristes e dias alegres. Qualquer nuvem que encubra o sol, ainda a mais pequenina, fará um eclypse instantaneo.

Não ha nada mais susceptivel do que a alegria. O riso é superficial como o brilho das aguas e como a verdura do solo — o fundo do coração, como o dos abysmos e o da terra, é escuro. Assim o riso é um atavio sobreposto á tristeza, galão de ouro em esquife, illusão para os olhos, engano dalma.

O sorriso, esse, sim, é um enfeite discreto como os que usam as mulheres de bom gosto.

Achas a moda extravagante, por vezes disparatada e ridicula, e, principalmente, absurda porque o homem deve ser simples, natural, expontaneo; reprovas as louçainhas, os recortes dos trajos, a exaggerada abundancia de plumas, pelles, rendas, sedas e velludos, as joias, as superfluidades galantes, os penteados bizarros, os arrebiques a custa de aguas venustas, unguentos, cosmeticos, electuarios, pós e mil tafularias que dão viço e frescor á cutis, fulgor aos olhos, lustro e cor aos cabellos, brilho ás unhas, graça ás formas e encanto ao conjunto do corpo feminino.

Entretanto, com o teu sentimento poetico da natureza, páras em enlevo contemplativo diante de uma arvore florida, commoves-te com a magia de uma manhan luminosa ou de uma dessas nossas noites alvas de luar. Pois, meu amigo, que é tudo isso senão arranjos faceiros da natureza?

Todas essas maravilhas em que te arre-

batas são tão enganadoras, tão artificiosas como as taes mystificações de que se servem as mulheres para enganar-nos encantadoramente.

Não acredites no apregoado poder inventivo da Vaidade. Tudo que se faz no mundo resulta das lições da Natureza. Nós limitamo-nos a imitar o que vemos nas eternas exposições com que se nos revela, cada vez mais admiravel, a criadora da Belleza.

Ai! de nós se não fosse a moda com os seus multiplos aspectos, com as suas mutações constantes. Já nos teriamos enfarado do que existe, o mundo seria uma desenxabida monotonia, a vida seria igual á morte pela immutabilidade. Assim a moda é como uma idéa em marcha, um pensamento em progresso no corpo, a poesia ajustada á plastica, variando em concepções, em forma, em imagens e em rythmo e renovando a belleza, como o estatuario, com os mesmos modelos, cria agrupamentos novos, modificando a attitude e a expressão das figuras, como o poeta, retomando idéas antigas, da-lhes forma mais retocada e rimas imprevistas.

Ha criaturas privilegiadas que trazem nalma, cheia de graça, o dom da belleza como o verdadeiro poeta traz o dom da Poesia; criaturinhas que, com um nada fazem uma maravilha e ao lado de certos idolos asiaticos, caricaturas monstruosas da moda, que se sobre-

carregam de sedas e de joias, impõem-se com simplicidade graciosa, como um raio de sol no florão de um templo faz desapparecer a balburdia espalhafatosa de um ramalhudo candelabro, a escorrer cera das suas luzes linguajadas.

Temos o exemplo de Mimi Pinson, que era a propria graça e que, entretanto, como disse o seu poeta:

Elle n'a qu'une robe au monde
Landerirette!
Et qu'un bonnet.

Não é a moda que é ridicula, mas a falta de gosto. Entra a floresta e verás como a Natureza foi a mestra de Mimi Pinson.

Verás arvores lindissimas tendo apenas, enlaçada no tronco e emmaranhando-se-lhe pela folhagem, a fita de um cipó florido; e rochedos do alto dos quaes desce um nastro d'agua espumosa, o bastante para enfaixa-los. E não precisam de mais as arvores e as pedras para nos encantarem a vista. O abuso, esse sim, esse é que é horrivel! Mas a moda não tem culpa de que a não saibam usar. A paleta nas mãos habeis de um verdadeiro artista dará aos pinceis todos os tons proprios para os effeitos d'arte, nas mãos de um pinta-monos não se reflectirá senão em manchas e borrões.

A mulher, ajustada na moda, ainda a mais atrevida, como essa dos vestidos curtos que nos trouxe a guerra e que, a principio, tanto enfureceu a Moral, acabando por vence-la e impor-se, não desperta jamais pensamentos impuros se nella ha aquillo que eu chamo o «espirito da belleza», que é a graça. Sem isso, sem o necessario senso esthetico, a moda só por exhibição... não!

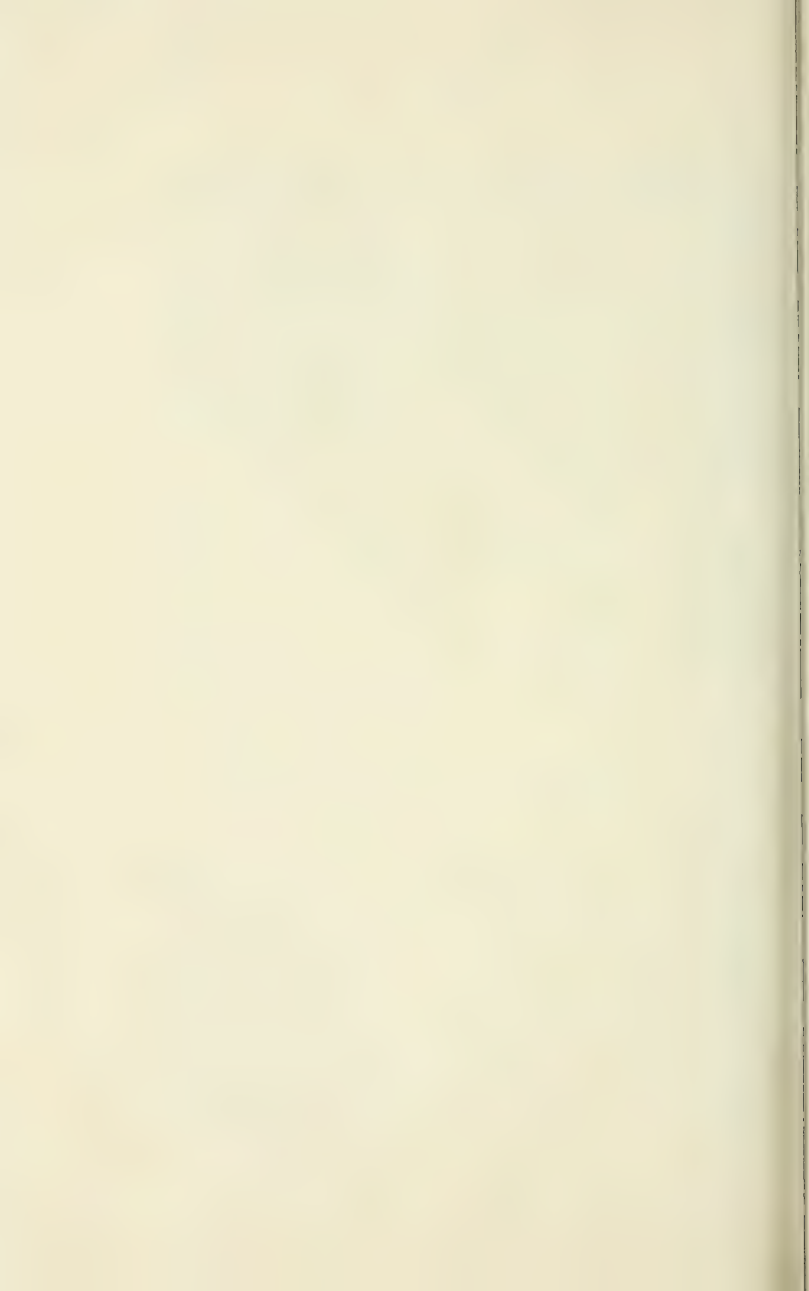
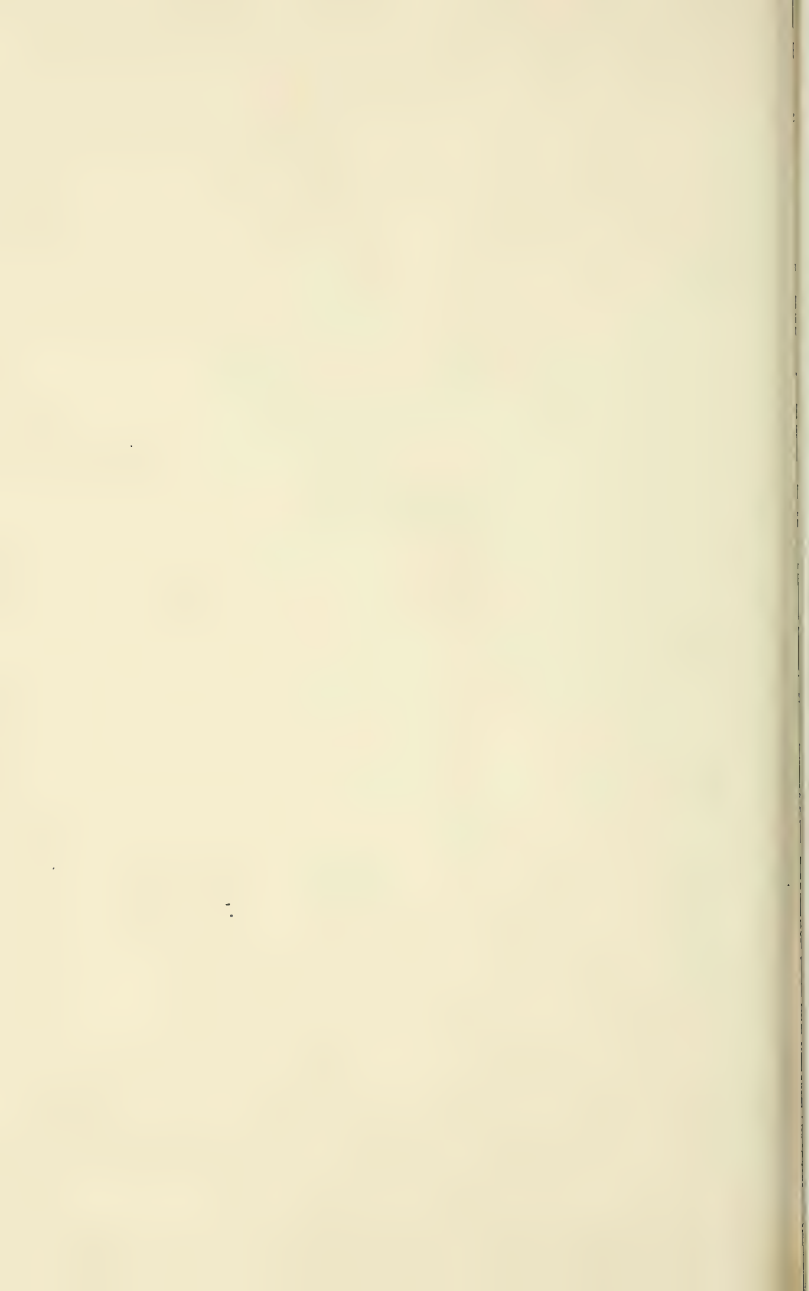
A moda tem as suas exigencias, as suas proporções de tempo e de espaço: corpo e idade. Ha certas modas que não podem ser usadas por... certas criaturas. É como aquillo da fabula do «Cãosinho e o asno» querendo o segundo festejar o dono com a mesma intimidade com que o faz o primeiro. O resultado di-lo o fabulista:

Jamais un lourdaud, quoi qu'il fasse
Ne sauroit passer pour un galant.

Em casos taes concordo comtigo. Acho até que a moda deve ser prohibida a certa gente.

Ha dias — achava-me eu com alguns amigos á porta do Alvear — quando se aproximaram de nós umas quinze arrobas de enxundia abalonada em um vestido de ramagens que lhe dava pelos joelhos. Palavra! Tive impetos de deter aquelle toucinho bradando-lhe á cara que o calor atorresmava:

«Senhora, quem tem taes pernas esconde-as, não anda com ellas em publico. Respeite a decencia e as caras.»

Mas que culpa tem a moda de taes contrasensos? As «viuvas-alegres» deviam servir para a limpeza publica, retirando da circulação esses monstros que fazem mal aos nervos e compromettem a moda, que é a renovação graciosa da Belleza.

SERVILISMO

SERVILISMO

. . . .

— Chamas a isto devoção? Eu chamo-lhe subserviencia, ou melhor, servilismo. Estou de acordo comtigo quanto á virtude que a exorna, acho até que muitos dos santos, diante dos quaes ella se prostra em ascese, se competissem com ella em pureza, seriam forçados a ceder-lhe a gloria celestial.

A sua bondade é das que não distinguem os seres e sentem o soffrimento das proprias coisas. Já a vi d'olhos marejados diante de uma arvore abatida. É um modelo, não ha duvida, mas, talvez por viver constantemente a lidar com as coisas do ceu, com o pensamento nas alturas, desdenha de tudo que é terreno.

É uma santa, mas as santas, por excesso de contemplação, trazendo os olhos sempre extasiados no mysterio, não vêm o que se passa

cá em baixo; e este mundo é tão cheio de abysmos, tão pedregoso e espinhento que se a gente não anda por elle de olhos bem abertos, o menos que lhe póde acontecer é quebrar uma perna.

É o caso do astrologo da fabula, sempre preoccupado com os astros, que, no enlevo em que ia, adorando as constellações, não deu por uma cova que havia no caminho e trambolhou por ella dentro. Tú é porque não tens intimidade naquella casa. Aquillo é um moinho de orações, como os ha na China.

Para não perder tempo o chim levanta um poste, põe-lhe em cima uma especie de gaiola encaixada em um pino e com arestas á maneira de azas, nas quaes, dando d'esguelha o vento, põe em giro o apparelho de devoção.

O chim escreve o seu peditorio em uma nesga de papel de arroz, atira-o na gaiola e vai-se. E lá fica o moinho ás voltas pondo em movimento, como fariam os labios, a prece depositada.

É um processo commodo, que mantem a devoção sem prejuizo da vida activa.

O crente, ouvindo ranger a tal tremonha mystica, fica contente e continúa a cavar a terra ou a fazer outro qualquer serviço certo de que os seus rogos irão ter ao ceu levados pelos ventos.

Naquella casa, que é um santuario, tudo

depende do oratorio, que é a caixa de devoção, mas que só realisa os milagres se nella vão ter as palavras humildes das preces sahidas directamente do coração, pelos labios.

Tudo ali está á mercê dos santos e a vida naquelle lar modelo regula-se pelo maior numero de rosarios resados e de velas e lamparinas consummidas.

Já uma vez os bombeiros entraram estrondosamente pela rua com os seus automoveis, estenderam mangueiras e já se dispunham a inundar o predio, de onde jorravam, pelas janellas, grossas nuvens de fumaça, quando um criado sahiu a explicar que não havia incendio e que aquella fumaça era de alfazema, incenso e myrrha com que a senhora propiciava os santos.

O aviso fôra dado por um visinho alarmado com a fumaceira que se despejava a golfos ennuveando a rua.

Os pequenos e o proprio Generoso tresandam a resinas e quando o pobre homem passa para o seu negocio de couros os visinhos murmuram sorrindo:

«La vai o thuribulo.»

O peior, porém, é que naquella casa o trabalho não tem valor algum. Não ha esforço que conte. Quando o filho mais velho prestou exame vestibular na Escola de Medicina, quem o fez passar não foi o estudo aturado em que

o rapazola, até compromettendo o seu club, porque não tomou parte em um dos mais renhidos jogos, emmagreceu sobre os livros; quem o fez passar, na opinião da senhora, foi o seu devoto Santo Agostinho e se a filha, que é linda como os amores, conseguiu impressionar o Amancio, que a pediu, não foi pela belleza dos olhos, nos quaes ha a doçura da alma materna e uma faisca petulante que os torna encantadores, mas porque Santo Antonio, com a promessa de umas tantas velas, influiu no Amancio, obrigando-o a marcar o casamento para os primeiros dias de Abril, com as rosas.

Generoso, esse, que é um trabalhador esforçado, um espirito activo, sempre alerta, ainda que a senhora o ame hoje com o mesmo enlevo com que o amou no dia em que uniram, para o todo o sempre, em ventura, os seus destinos, não tem para ella, valor algum como... homem de negocios. Se realisa, com exito, alguma operação na Bolsa, do que logo a senhora tem parte numa lembrança carinhosa, proporcional ao lucro: joia, apolices ou mais um predio, pensas que ella, com o seu doce sorriso, lhe attribue a fortuna? Enganas-te. Foi sempre um santo que andou no caso como corrector, arranjando as coisas com habilidade, até, ás vezes, trapaceando para obter o resultado prospero.

A principio Generoso irritava-se, discutia, deixava de comer, amuado, ameaçava os pe-

quenos, despedia os criados. Agora, não — resigna-se. E quando apparece em casa, contente, com algum embrulho para a mulher, vai-lhe logo dizendo desde a porta:

— Mais um milagre, minha velha. Foi algum dos nossos santinhos que me arranjou hoje um negocio da China. E, como adora a mulher e só se sente feliz quando a vê risonha, não só traz a prenda com que sempre lhe dá o dizimo dos interesses, como umas velas de cera e uma caixa de marcas de lamparinas, para os santos.

— E o caso do Mendes? O Generoso queixou-se-me do nosso amigo, dizendo-me coisas atrozes. Que houve com elle?

— Que houve! Um dos accessos de neurasthenia do Mendes. Uma noite, disse-me elle, tarde e com agua que Deus mandava, chamaram-no da casa do Generoso para ver um dos pequenos que estava com a garganta tomada e ardia em 40º de febre, delirando.

Mendes vestiu-se ás pressas, muniu-se de soro anti-diphterico, mandou vir um automovel e partiu. Era um caso gravissimo. Mendes não perdeu tempo e, não só fez a injecção no pequeno, como impoz a toda a gente o tratamento prophylactico. No dia seguinte, indo á visita, encontrou o doentinho em excellentes condições, declarando, então, que ia communicar o caso á Directoria de Saude para que

mandasse desinfectar a casa. Foi nesse momento que se deu o choque: A senhora oppoz-se: «Que não! Não queria saber de desinfecções. Já mandára preparar os defumadores, abrira o oratorio, accendera velas e resara onze rosarios, fóra umas orações miúdas que tinha para casos urgentes.

— Mas, minha senhora, eu tambem sou catholico, vou á missa, commungo de vez em quando, mas quando ha doenças, desculpe-me, prefiro a uma hostia, que é remedio santo para a alma, o que Deus nos deu para cura do corpo, e engulo um comprimido de aspyrina. É assim, minha senhora. O proprio Jesus disse: «Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.» Cesar é o material, o corpo, digamos... Pois demos ao corpo o que elle pede e deixemos a hostia para a alma.

A senhora sorriu ironica e sahiu-se com esta que poz o Mendes fóra de si:

— Ora, Dr.... eu não lhe queria dizer, mas o senhor pensa que foi a sua injecção que curou meu filho?... Pois sim! Não lhe tivesse eu posto ao pescoço o cordão de S. Bento e, a esta hora, não sei...

— Mas então porque me mandou chamar, minha senhora? Se tinha em casa o cordão de S. Bento porque me expoz a uma pneumonia ou coisa peior com uma noite daquellas...?

— Ora, porque... Pois o senhor não é medico?

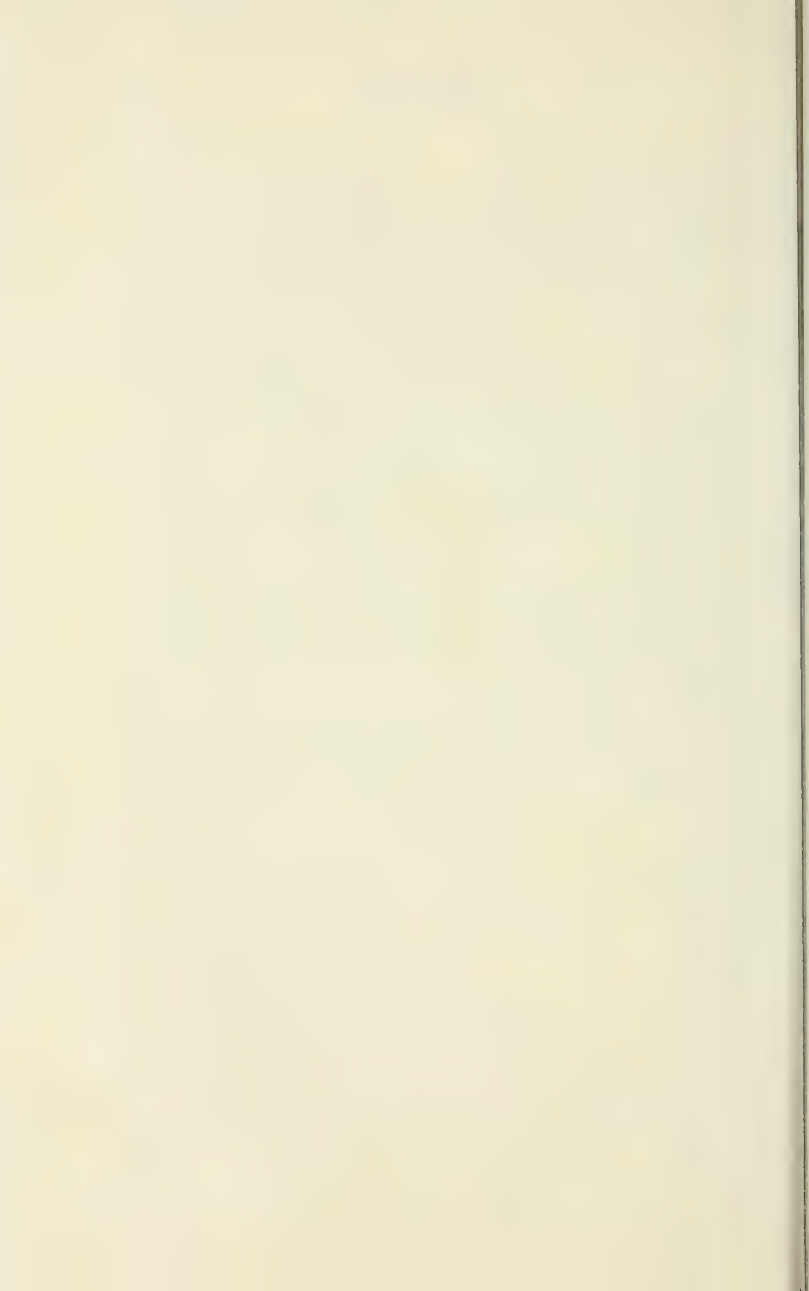
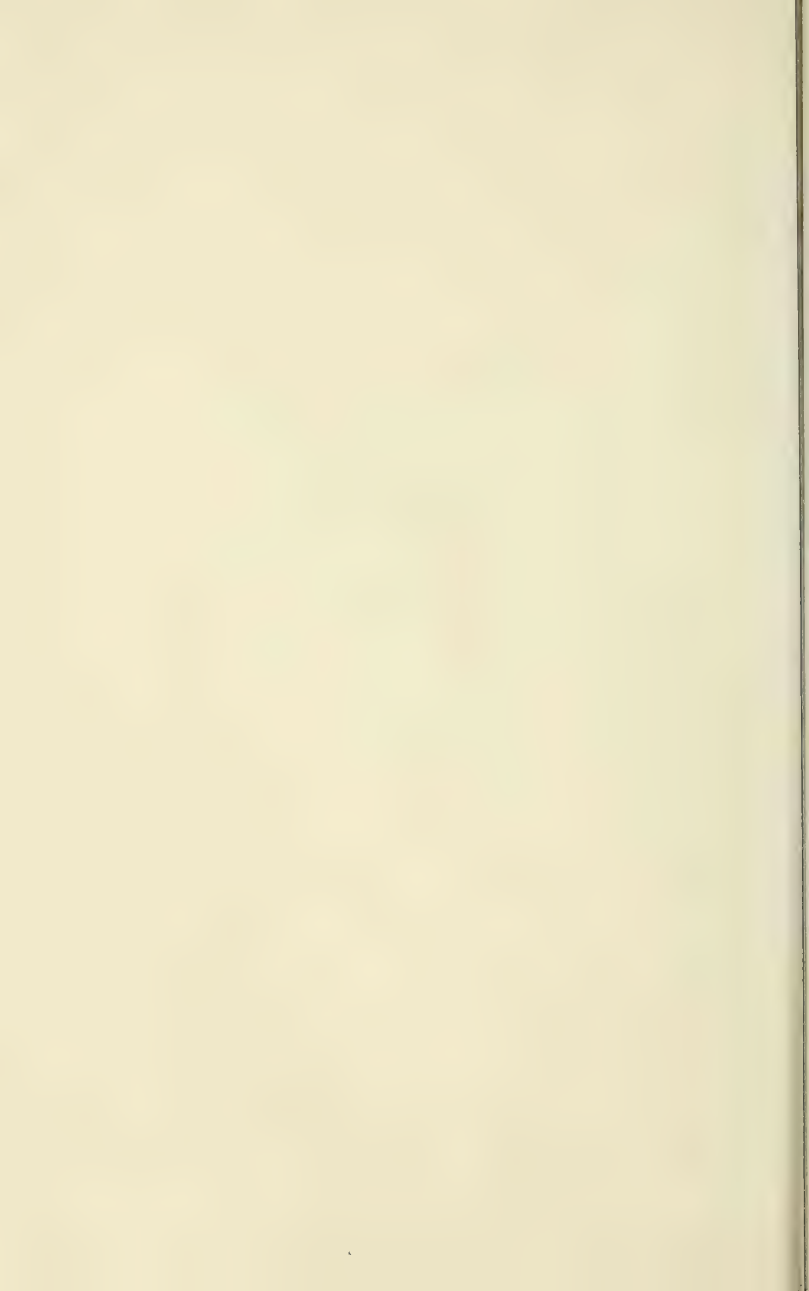
— Sou, minha senhora, sou medico, mas aqui não ponho mais os pés como clinico, para não fazer concurrencia aos meus collegas do oratorio.

Disse e cumpriu como me contou o Generoso indignado, repetindo-me o recado que elle mandou á bôa Dona Eufemia que o chamara para ver um dos pequenos:

«Entenda-se com S. Benedicto, minha senhora.»

Queres saber, meu amigo, a religião assim em excesso é vicio e, como todo o vicio, é peccado. Nem muito ao mar nem muito á terra, nem atheu nem carola. Deus quer a virtude, não o servilismo.

Lá está no *Convito,* lembras-te?

Iddio non vuole religioso di noi se non il cuore.

TIMIDEZ

TIMIDEZ

. . . .

— Porque não os publicas?

— Não tenho coragem. Os meus poemas são violentamente audaciosos. A phrase é tua. A originalidade (ou excentricidade, como queiras) das concepções torna-se ainda mais escandalosa pela forma em que as encerro, pelo vocabulario com que as encorpo, pelos symbolos e imagens com que procuro representar as minhas idéas bizarras e as minhas visões ou allucinações doentias. O rythmo variado, irregular não se subordina á metrica official. A minha poesia, bôa ou má, corre com a fluencia natural das aguas, sentindo-se dos meandros e empecilhos do leito — ora serena, ora férvida, tumultuosa; lisa ou acachoada; limpida ou turva espelhando o que lhe fica á margem. E as imagens que nella apparecem são como som-

bras n'agua, reflexos exactos dos meus mais intimos sentimentos, das minhas impressões emotivas e, assim como se manifestam em minh'alma ou se me apresentam aos sentidos, assim as traduzo com a fidelidade com que a correnteza reproduz tudo que nella se mira — o ceu alto, os ramos acenosos, rochas, barrancas; um passaro, uma borboleta ou uma libellula que vôa roçando nella as azas.

Sou como os rios que não corrigem as sombras — assim como as recebem imprimem-nas.

A natureza não obedece a regras, a sua mesma indisciplina é que a torna formosa, dando-lhe variedades e matizes.

Ha aspectos maravilhosos que são verdadeiros absurdos. Na natureza chamam-se caprichos, mas se apparecem em uma obra d'arte são logo taxados de asneiras. Um rochedo, por mais disforme e arestoso que seja, penso, escalavrado, com rebarbas de vegetação selvatica e aggressiva não perderá com isso. Uma arvore de tronco retorcido, de raizes á flor da terra em cordoveias ondulantes, roida em brocas, será admiravel; um pantano coalhado de açucenas attrahirá sempre o viajor. A obra poetica, essa deve ser estreme, corrigida em todas as suas minucias, sem um desvio, obedecendo ao canon esthetico que, no meu caso é, umas vezes, a grammatica, outras vezes o tratado de metri-

ficação. Um pronome mal collocado é como a pedra angular de um edificio que se desloca — o primeiro sansonete, desses que trazem sempre o camartello grammatical á mão, com uma pancada porá abaixo a obra ainda que dentro della haja mais riqueza e belleza do que no templo de Salomão. A Critica aceita e até exalta todas as monstruosidades da natureza — Deus, o poeta maximo, tem todas as licenças: os seus disparates são dogmas e maravilhas. Submette-se ao Creador, mas vinga-se na obra do Homem, e o mais leve deslise é pretexto para uma derrocada. Depois a esthetica é tão convencional, meu amigo; o gosto é tão relativo, ha tantos caprichos... O juizo humano tem mais facetas do que os diamantes de Amsterdão.

O que eu mais admiro em vocês, os litteratos, não é o talento: é a coragem da publicidade. Eu, se queres que te diga, se, um dia, passando por uma vitrina, visse um livro meu exposto, creio que teria tanta vergonha como se, por um desastre, apparecesse nú no meio da rua. É que, no que escrevo, eu manifesto-me tal qual sou, mostro-me sem artificio, eu mesmo, ingenuamente, castamente como uma criança brinca com a propria nudez.

A obra darte é sempre artificial, porque não ha esse que se atreva a escrever o que sente, a reflectir o «eu» em um poema ou em

uma pagina de prosa. Quando escreve pensa no publico e, principalmente, na Critica e trata de vestir os melhores trajos, encalamistra-se, perfuma-se, faz-se, emfim, elegante para parecer bem aos olhos da sociedade.

Ha casquilhos de salão como ha pelintras de livro. Eu sou um pobre diabo que não me rendo ao convencionalismo.

Mentir a mim mesmo? Não! Seria ridiculo. Prefiro viver no meu Paraiso como Adão vivia no Eden, antes do peccado. Sou um simplorio, gosto de andar á vontade e o meu estylo é, em tudo, eu. Sendo assim verdadeiro, sincero, nú, comprehendes que não devo sahir a publico. Fico em casa, contento-me com as quatro paredes do meu gabinete que, se têm ouvidos, como diz o adagio, devem saber de cór todos os meus versos porque eu os recito em voz alta. É um meio de os publicar intimamente, em exemplar unico, edição de amador.

— Porque não adoptas um pseudonymo?

— Não, nada de disfarces. E para que? Seria peior. Imagina que um desses typos que fazem «meetings» á porta dos cafés, ignorando que fosse eu o autor velado, investisse a fundo sobre a minha obra, desmantellando-lhe as estancias, não deixando verso sobre verso... Não sei que faria. Sou um timido. Não tenho nervos para a luta. E queres saber? Mais de uma vez já me tem acontecido encontrar em gran-

des autores idéas, imagens, phrases completas, versos inteiros que me haviam anteriormente occorrido e que eu me não atrevera a aproveitar por... sei lá! por medo.

Em certa occasião, ouvindo um dos nossos maiores oradores, estremeci a uma phrase lançada por elle da tribuna. Segui-a commovido, acompanhando-lhe o desenvolvimento e quando, no enthusiasmo do auditorio, elle encerrou o formoso paragrapho com um symbolo perfeito, levantei-me d'impeto e puz-me a applaudir como um louco, não a elle, mas a mim, a mim mesmo, porque naquillo que elle, com tão alta eloquencia, levantara ao sublime, eu sentira, reconhecera um pensamento posto por mim em estrophe dias antes e que eu regeitara por acha-lo extravagante. Aquella belleza nascera em minh'alma e, quem sabe! talvez della se houvesse transmittido ao genio, melhor terreno do que a minha pobre intelligencia, desenvolvendo-se naquella maravilha possante, filha ou irman da plantasinha da minha emoção e que eu desprezara e matara.

— Homem, a proposito: tens aqui o grande livro — os «Ensaios» de Emerson. O teu caso acha-se nelle previsto, no ensaio intitulado «Confiança em si». Aqui. Ouve.

Diz o philosopho:

«Crer em nosso proprio pensamento, crer que o que é verdade para nós no fundo do

nosso coração será verdade para todos, eis o genio. Dize a tua convicção secreta e ella se tornará a opinião universal porque o tempo transforma as coisas interiores e torna-as exteriores, e o nosso primeiro pensamento nos é devolvido pelas trombetas do Juizo Final.» E adiante: «Em cada obra de genio nós encontramos pensamentos que despresamos e que tornam a nós com uma magestade e estranha.»

Respeitemos todos os pensamentos que dimanam da fonte divina que temos em nós, que é a alma.

«Sem isto, diz ainda o philosopho, outrem dirá amanhan, com a autoridade do bom senso, o que sempre pensamos e sentimos sem coragem de declarar e seremos obrigados a receber humildemente de alheios a nossa propria opinião que, anteriormente, regeitamos».

— De acordo. O genio não é só, como disse alguem, uma longa e pertinaz paciencia, é, principalmente, audacia. E eu, meu amigo, não tenho coragem de impor-me, de affirmar coisa alguma. Se me perguntarem, em certo tom, se eu sou eu, não sei se responderei com a affirmativa, porque duvido de tudo.

— Principalmente de ti.

— Principalmente de mim.

— Pois, meu amigo, os que vencem não são, em geral, os mais fortes, senão os mais

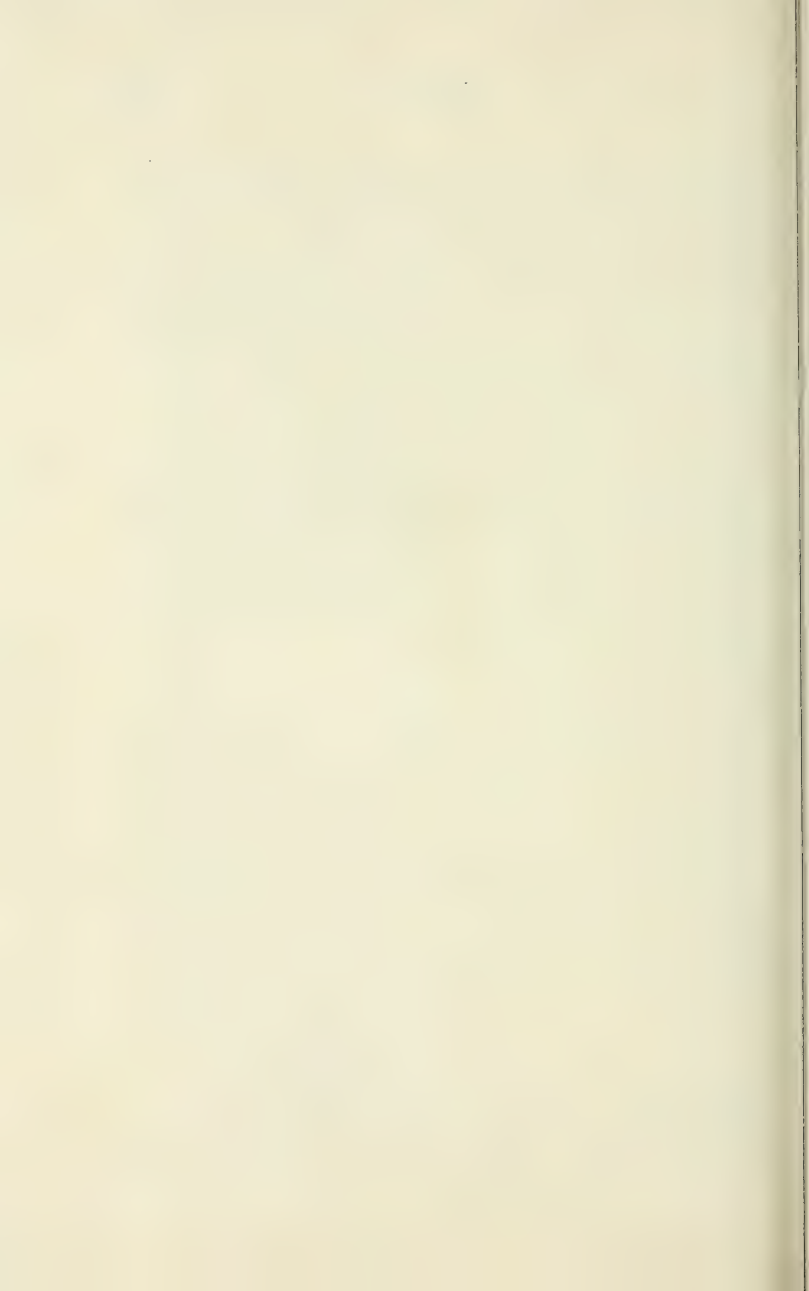
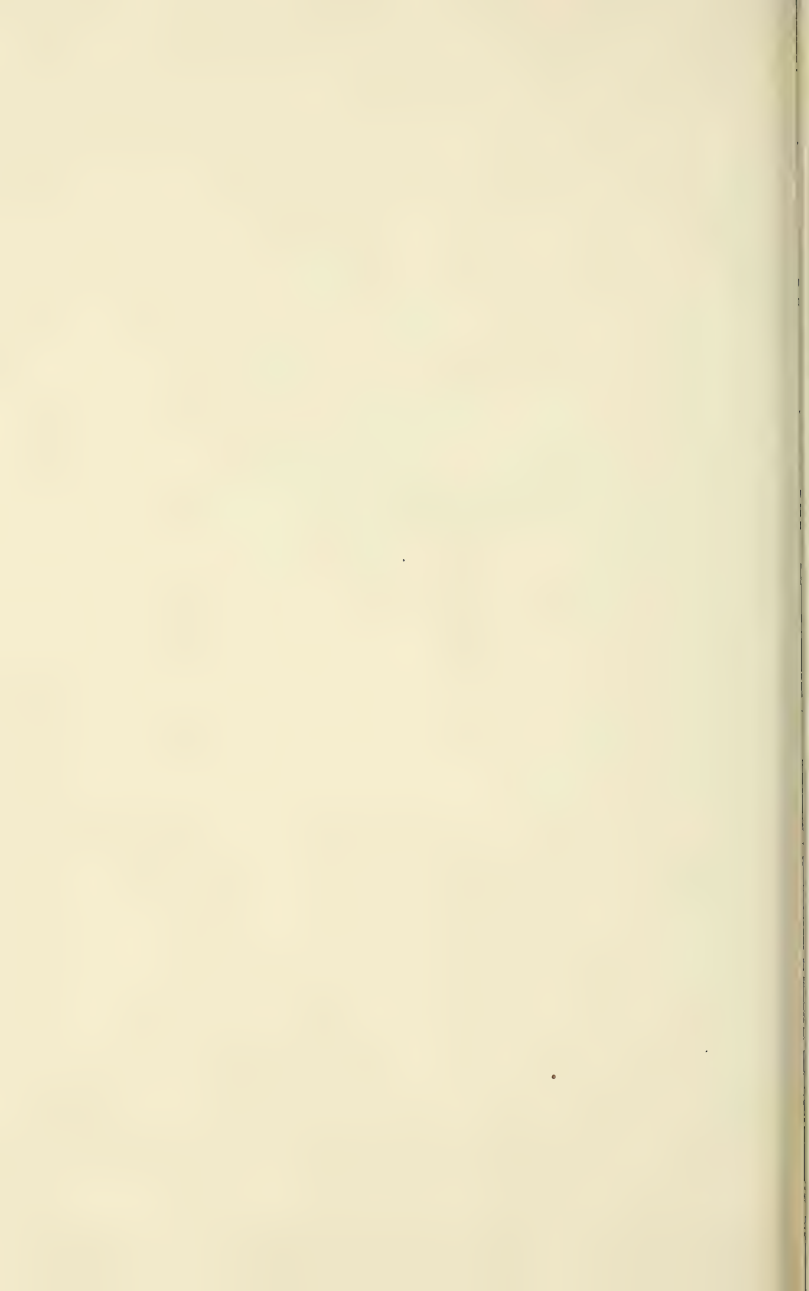
atrevidos. A victoria é alada e não será de rastos que a havemos de seguir, mas voando.

— Com que azas?

— Azas... azas fazem-se com qualquer coisa. Fa-las de aço e atira-te por cima de tudo e dominarás. Quem sobe, tenha ou não merito, torna-se sempre superior.

— Pois sim, mas se cahe...

— Ora, meu amigo, cahir do azul é sempre mais bello do que escorregar em uma casca de banana. Aos que perecem rolando do espaço, por entre as nuvens, a propria altura engrandece e glorifica e a casca de banana é reles...

— Tens razão, mas eu prefiro a casca de banana.

CONSCIENCIA

CONSCIENCIA

. . . .

— O que chamas Consciencia é assim uma especie de fantasma que, de quando em quando, nos apparece nalma, como appareceu a Hamleto, em Elsenor, o espectro do rei.

— Não. Se dissesses como appareceu a Macbeht o espectro de Banquo rastrearias a verdade.

— Deixemo-nos de imaginações, meu amigo. Toda essa poeira que assenta na memoria vale tanto como a que jaz, cá fóra, dormida no solo, e que só se agita e levanta quando o vento a revolve. Residuos, nada mais. Lembranças, recordações, reminiscencias, todas essas pulverisações de ruinas, que tambem, lá de vez em quando, nos entram pelo presente, escurecem-no, toldando-o de melancolia...

— Saudade...

— Vá lá, seja saudade. Mas que valem,

em summa? tanto como o pó da terra. O que chamas Consciencia e que, sem erro, podias chamar Alecto, Tisiphone ou Megera, que eram os nomes das erynnias pelasgicas, é tambem poeira. Fosse a tal Consciencia como a pintas e o mais puro e melhor dos homens andaria na vida tão perseguido e atormentado como foi, no Cytheron, pela propria mãi e demais bacchantes, o indiscreto Penthêo. A vida é a vida. Porque a havemos de perturbar com as nossas superstições? Para tormentos já são demais os que temos.

A arvore do Paraiso é um symbolo perpetuo. Toda eriçada de espinhos, por ella subimos rasgando dolorosamente as carnes para alcançar um fruto que, visto de longe, parece-nos formoso. Guindamo-nos difficilmente até o mais alto das franças, colhemo-lo — é o prazer. Partimo-lo para saborea-lo e que achamos dentro, em vez de polpa? o mesmo que tinham os frutos das margens do Asphaltite: cinzas. Se é assim a vida porque ainda a havemos de aggravar com tantas fantasias cerebrinas? Ha, não nego, almas hyperesthesicas, de sensibilidade vibratil, que se commovem até as lagrimas com um simples aspecto da natureza: — o empallidecer da tarde, por exemplo, basta para enternece-las; outras ha, porém, e são em maior numero, da dureza fria do diamante, impassiveis, indifferentes. E essas são as que ven-

cem, são as que valem, são as que se impõem e dominam. Consciencia...

— Negas, portanto, o remorso...?

— Remorso!? Mas se existisse o remorso o criminoso, ainda o mais atrevido, correria a entregar-se á justiça para livrar-se de tal carrasco. Acreditas que um homem, a quem vestissem a tunica molesta, se deixasse queimar caladamente, sem pedir misericordia, sem debater-se tentando apagar as chammas que o envolvessem?

Os chamados Juizos de Deus, ou ordalias, praticados na Idade Media, e os supplicios da Inquisição dobravam innocentes a accusarem-se de culpas que não haviam commettido. Que não fariam os verdadeiros reus se, além dos tormentos, os estimulasse a Consciencia?

Pois o remorso, como o descrevem, deve ser mais torturante do que os braseiros, do que os escarpes e todos os pungitivos ou triturantes instrumentos empregados pelos generosos salvadores dalmas que constituiam o Santo Officio.

Visita um presidio e procura aproximar-te do mais perverso dos criminosos, examina-lhe o rosto, informa-te do seu viver, coscovilha-lhe a alma com um interrogatorio habil e não acharás vislumbre de arrependimento. Conversa, ri, come, diverte-se, dorme como o mais innocente e feliz dos homens.

Onde a consciencia? Que faz ella? Porque não o pune? Demais, se a Consciencia, como affirmas na tua crença poetica, é a zeladora da alma, porque não previne o mal com o conselho? porque não evita o crime? Porque é uma sentinella de carcere, dirás, e não policia de ronda: o seu destino não é percorrer o pensamento para delle afugentar as más idéas, mas ficar á porta da prisão á espera do condemnado para tortura-lo. Não está direito, tem paciencia.

— Com tal logica chegarás á negação de Deus... Sim, porque a Elle competia evitar, com a previdencia, a acção injusta, conter o impeto do desvairado, trazer o impulsivo á ponderação, sustar o colerico, expungir do espirito todas as idéas impuras, supprimir o Mal, emfim, repondo a Vida na perfeição primitiva dos dias paradisiacos.

— Homem, se queres que te diga...

— Não. Isso seria escravisar o homem, pô-lo em rebanho, inerte e humilhado. Se as aguas correm soltas porque não havia o Senhor de dar independencia ao homem...?

— Dar, é um modo de dizer: O homem conquistou-a com a rebeldia.

— Pois bem; conquistou-a com a rebeldia, como dizes, tornou-se um ser de vontade, teve o livre arbitrio e dilatou essa conquista naquillo que chammas — iniciativa, que é o espirito de emprehendimento.

— E a Consciencia?

— Consciencia é o dom que elle traz do Paraiso. Deus não condemnou á pena eterna a sua criatura, tanto que lhe prometteu a redempção em dado tempo, e deu-lh'a. Mas para que o homem não fosse vencido pelo demonio e pudesse andar nas trevas do mundo deixou-lhe o Senhor no coração um pouco de essencia divina para que della se soccorresse nas horas de duvida, recolhendo-se em si mesmo.

E foi com esse viatico que o homem veiu desde os dias do peccado purificando-se no amor, aperfeiçoando-se na bondade, apurando-se em todas as virtudes, guiando-se por essa chamma interior que resplandece quando premeia e flammeja quando castiga.

Não te fies na tranquillidade apparente dos maus. A arvore roida pelo caruncho ás vezes toda se cobre de flores. Dá-lhe o vento, sacode-a, estala o tronco e, onde se julgava haver cerne vigoroso, não ha mais do que polilha e vermes.

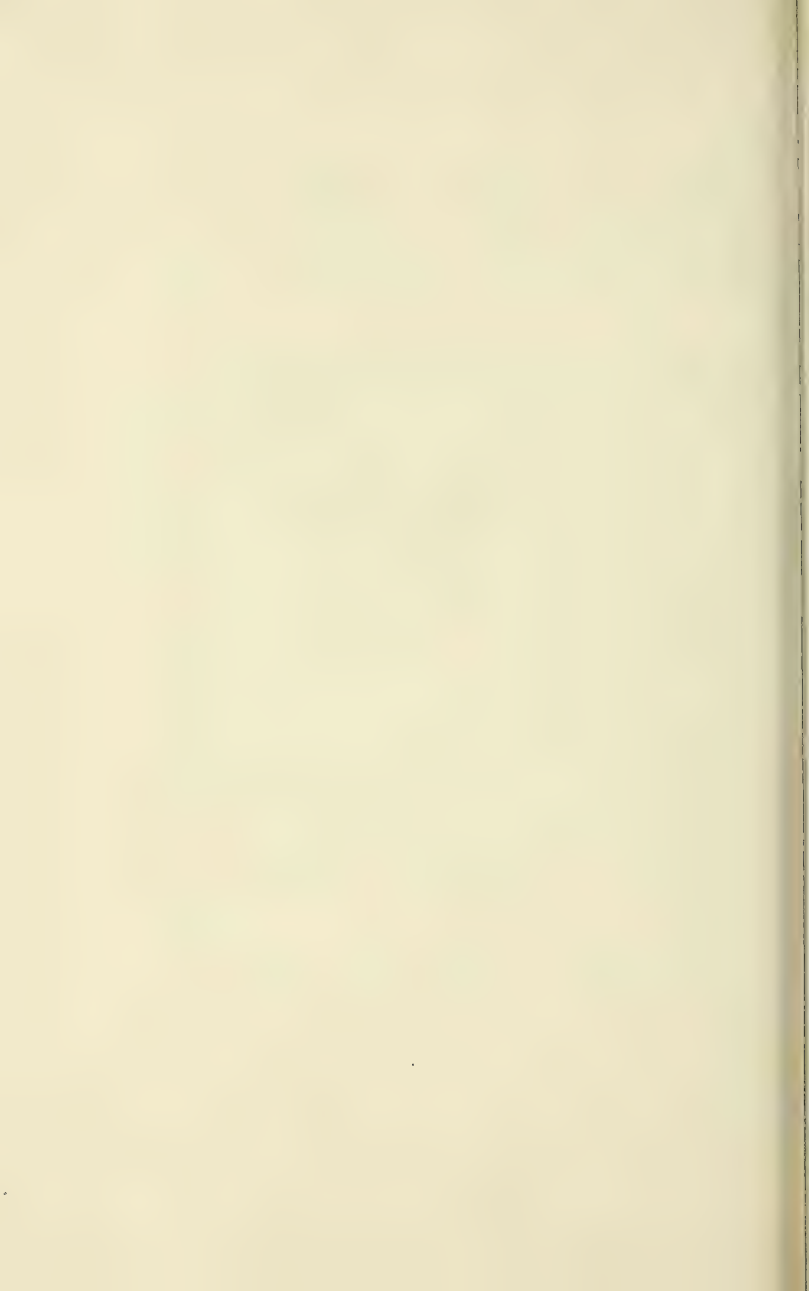
Que divisas no fundo do abysmo quando sobre elle te debruças de toda a altura do despenhadeiro? verduras que lhe cobrem as arestas e, muito embaixo, uma alvura silenciosa. Desce pelas escaleiras do alcantil, vai até a profundeza e verás que o que, olhado de cima, parecia serenidade candida é um escachôo tormentoso, um referver bravio de rebatidos golfos, olheirões em tumultuosa colera de espumas, tor-

menta de aguas em convulsão sobre lages e penhascaes. Não te fies no que avistas ao longe. Pudesses tu descer ás almas e terias, talvez, pena de as surprender no horror em que padecem...

— Essa Consciencia que descreves como personagem de tragedia, do aspecto daquellas furias eschyleanas que, ao surgirem no palco do theatro dyonisiaco, faziam abortar as mulheres, é hoje uma entidade accommodaticia, razoavel e, sobretudo, pratica. Raiva, rebella-se, ameaça não ha duvida, mas com algum geito e o aceno de uma bolsa agacha-se e lambe-nos os pés. Judas foi o primeiro que a domou e depois delle quantos a tem ficellado, trazendo-a á tréla, á imitação do que fez Santa Martha com a tarasca do Rhodano? Os dragões lendarios amansavam-se com tributos. A Consciencia cala-se com o suborno. Isso é proprio das feras — quanto mais vorazes mais investem: — um osso amansa-as.

Que diabo! Estás pessimista como Salomão...

— Vivo no meu tempo. Conheço os homens como Salomão conhecia as mulheres.

A FELICIDADE

A FELICIDADE

. . . .

— Não, não me estou saturando de estoicismo. O meu Epitecto acha-se, ha mezes, em Therezopolis fazendo uma estação de cura.

— Ah! sim? Pois reza-lhe pela alma.

— Porque?

— Livro emprestado, meu amigo...

— Não, não o emprestei. Pedi ao Lemos que o levasse para a montanha, a conselho de um bibliothechnico muito entendido em molestias de livros...

— E que tem elle?

— Deu-lhe o bicho. Desinfectei-o, é verdade, mas... sei lá! Sempre escapa um germen mettido em algum orificio ou refolhado em dobra; e é quanto basta para que, apezar do diluvio de gazolina em que mergulhei o volume, a raça infesta se reproduza como se re-

produziu a Humanidade da estirpe de Noé. É assim, meu amigo.

No mundo dos livros dá-se o mesmo que vemos no nosso mundo. O cupim, como a calumnia, escolhe sempre os melhores exemplares e assim como o calumniado, por mais que se defenda e prove a sua innocencia, sempre fica com a suspeição de alguem que não leu a defesa, só conseguindo fazer calar o boquejo se se retrahe da sociedade, tambem o livro só se immunisa de todo (esta é, pelo menos, a opinião do meu bibliothechnico) mudando de ares. O Castro, sempre que vai á Europa, mette na mala os volumes do «Amadis» e outras reliquias litterarias para expô-los ao frio aspero do Monte Branco. O meu Epitecto lá está, em Therezopolis.

Assim, como vês, não é o philosopho que me inspira. O que eu digo da felicidade é o resultado de observação propria. Admiras-me? Pois é isto.

Sou feliz, completamente feliz porque me adapto á minha genitura e a felicidade não é mais do que a adaptação perfeita de uma alma ao seu destino.

Todo o segredo da ventura consiste em a gente contentar-se com o que tem, sem exigir da vida mais do que esta lhe póde dar.

Que diabo! Se todos os homens se insurgissem contra o que chamam a sina, o

mundo seria um valle tormentoso a atroar protestos de todos os insatisfeitos; e como não ha um só homem que se julgue bem aquinhoado, porque sempre lhe falta a parte do visinho, imagina as apoquentações de Deus tendo de despachar requerimentos e petições de varias graças. Não! A vida é o que é, com a feição que lhe dá o destino — feliz ou infeliz.

Adapte-se o homem ao que teve e viverá contente. O que chamamos desventura é, quasi sempre, um vicio — ambição ou vaidade.

Lembras-te da lenda indiana daquelle sultão que, soffrendo de lepra, mandou vir os sabios mais notaveis á sua presença, consultando-os sobre o mal que tanto o affligia e deformava? Um delles, o mais velho, garantiu-lhe a cura se elle vestisse a camisa de um homem completamente feliz. Sabes o resto, com certeza. Correios sahiram espalhando-se por todos os cantos do reino em demanda de tal homem.

Andaram, andaram, visitando palacios e choupanas até que, um delles, já desanimado, descobriu, no fundo de uma caverna, um pastorinho alegre sentado á beira do lume, guardando o somno das cabras. Entraram a falar da vida e, pelas respostas do pastor, o enviado do sultão convenceu-se de que achara o que buscava.

Exultando em contentamento, disse-lhe o

recado em que andava pedindo a camisa para o sultão. O pastorinho sorriu e, retirando dos hombros a pelle de chibo, mostrou o peito nu. Não tinha, o mais feliz dos homens, uma camisa sobre a pelle.

— Podes tambem citar o caso do «Sapateiro e o millionario», que nos conta o bom La Fontaine.

— Sim. Contente-se cada qual com o que possue e não queira apanhar aves no vôo nem peixes em deslise nagua, não pense em minas nem em glorias e tudo que lhe vier ás mãos será bem vindo e dar-lhe-á prazer ao coração. O que nos envenena a vida, turvando-lhe as delicias, é o querer de mais. Nós o que buscamos não é a felicidade, mas a sua sombra, que é a illusão e, muitas vezes, succede-nos o mesmo que aconteceu ao cão da fabula que, atravessando uma ponte com um pedaço de carne á boca, viu-lhe o reflexo nagua e parecendo-lhe maior e mais gordo o naco, que a corrente espelhava, para abocanha-lo, largou o que levava, com o que perdeu o certo pela sombra do que ambicionara. Eu não largo o meu bocado e, como me basta, dou-me por satisfeito. Para que mais?

O meu destino é como um estojo onde tenho o coração agasalhado — nem tão apertado que o opprima, nem tão ancho que o faça andar aos baldões, de um para outro lado, mas

com a medida justa, como convem para que fique á vontade.

De que servem ao millionario os milhões que lhe abarrotam o cofre. Terá elle mais capacidade de gozo do que tu ou eu? não. Depois, meu caro, na vida é necessario que entrem, para tempera-la e dar-lhe gosto, certas especiarias — o desejo, o amor, o capricho...

Privar-se um homem de taes condimentos é tanto como pô-lo em diéta rigorosa.

Ter tudo vale tanto como não ter nada: ao vasio da miseria oppõe-se o vacuo da saciedade: são duas bocas abertas — uma que pede, outra que rejeita.

Na mediania ou mediocridade, como dizia Horacio, é que se vive tranquillo.

A inveja que ronda e arma assaltos aos thesouros, não os incommoda e como nos habituamos ao pouco qualquer coisa que nos venha a mais será sempre motivo de alegria, e dessas alegrias pequenas é que se faz o rosario da felicidade.

O millionario anda constantemente em sobresalto: o somno foge-lhe das noites; o appetite, levam-no os cuidados; dos amigos desconfia, tendo-os por interesseiros; os carinhos, toma-os sempre por adulações; o proprio amor amarga-lhe porque o não acolhe como sentimento de coração sincero, mas como insidia de ambição hypocrita.

O pobre, esse tudo que recebe é de lei, não péde contraste: a amizade é leal; o amor é d'alma e os carinhos, se vão com interesse, outro não é elle senão o da reciprocidade. Dorme tranquillo porque não precisa montar guarda a moedas.

O rico vive exclusivamente para os haveres que tem; o pobre vive para si e para os seus. Em dias tristes fecha-se em si mesmo e deixa a alma á vontade no coração. As tempestades que estrondem lá fóra, a alma está agasalhada e contente, cercada de sonhos, ou então, abrindo o cofre da saudade, tira o que lá existe, que é um thesouro de lembranças, economias da memoria com as quaes, deixa lá, meu amigo, a gente vive, e vive bem. Celleiro de cigarra, dirás tu. Não sei! É muito melhor que o da formiga, ao menos ha nelle a alegria do canto. Já viste alguma formiga cantar? Mal o tempo lhe basta para pôr em dia as contas.

Deus fez o seu mundo com muita arte, nós é que lhe estragamos a obra com o nosso insaciavel querer.

Eu, não. Estou satisfeito com a minha sorte, basta-me o que tenho. Digo-te que, se um dos correios do tal sultão me houvesse encontrado, quando andavam a procura do homem completamente feliz, eu teria ficado sem

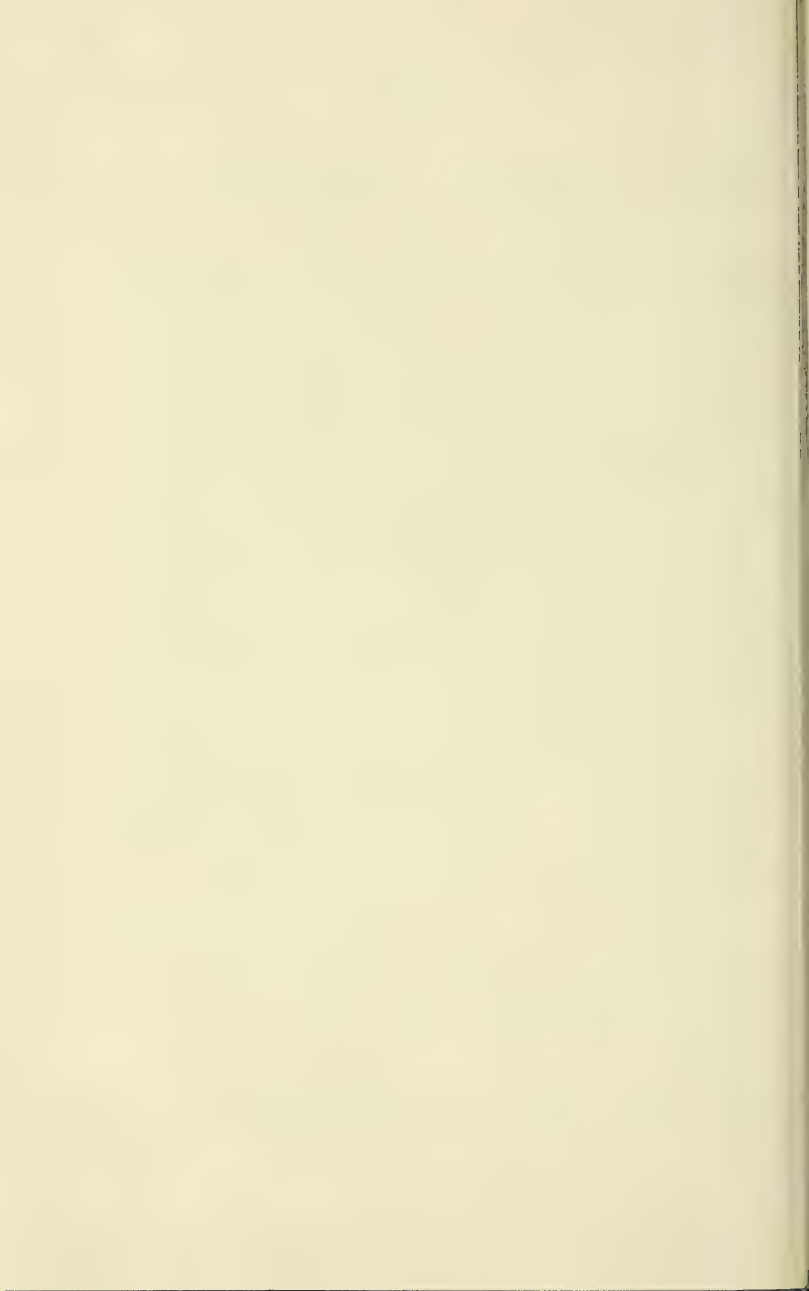
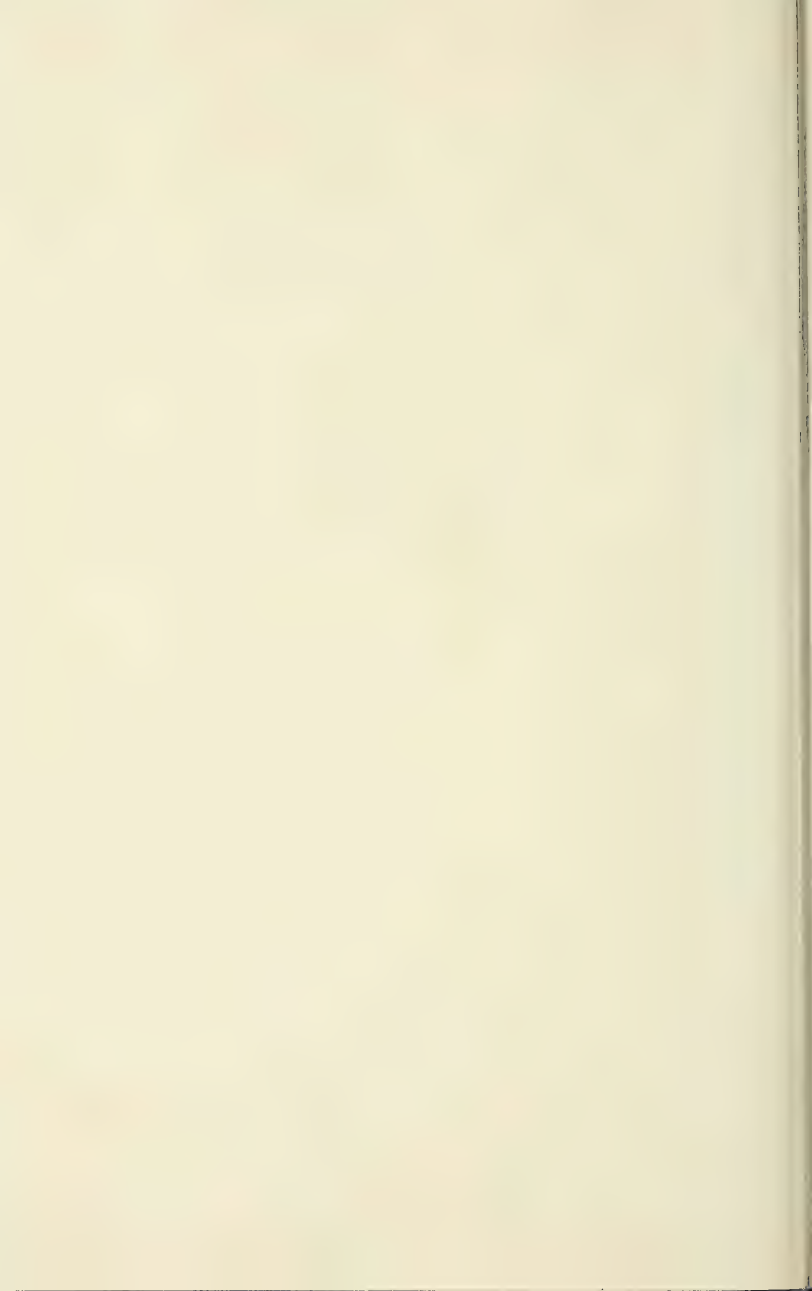
camisa e o sultão livre da lepra que, com certeza, o roeu até os ossos.

Infelizmente, para mim e para elle, não consegui jamais ajuntar dinheiro para uma viagem á Europa, quanto mais para ir ao Oriente. Mas sou feliz, absolutamente feliz porque me adaptei á vida, aceitando contente o destino que Deus me deu. Tenho o bastante, o mais que viesse seria excesso e transbordaria em superfluidade...

— Ou em bondade, como a cheia dos rios que fertilisa a terra e as sobras dos ricos que mitigam o soffrimento.

— Historia! Contente-se cada qual com o que tem — este é o segredo da felicidade... Olha... Espera-me aqui um instante.

— Onde vais?

— Ali defronte, conferir um bilhete que comprei hontem. Mas não penses que jogo por vicio. Não! Só compro bilhetes de loterias grandes.

MONOTONIA

MONOTONIA

. . . .

— Pois é possivel que alguem resista ao encanto de uma manhan como a de hoje? De que te serve morares aqui á beira-mar se não gozas o espectaculo que nos offerece a natureza? Abre a janella e contempla essa sumptuosidade de luz e cor...

— Prefiro a penumbra. A claridade incommóda-me como o rumor. Esses dias de sol intenso enervam-me. Sou um melancolico.

— Faze-te monge. Vai para um convento.

— E não digas brincando. Já tenho tido impetos de arrancar do corpo toda essa farraparia, substituindo-a por um simples burel monastico, que me dê direito a viver quietamente no fundo de uma cella.

— E vens morar no Flamengo? Curioso ascetismo, não ha duvida.

— Que queres! São as taes leis da sociedade que me impõem este sacrificio. Resido

aqui pelo mesmo motivo que me fórça a tomar assignatura no Municipal, onde mantenho uma cadeira, que considero o meu pelourinho. Vou aos espectaculos, não para vê-los, mas para que me vejam. Se eu lá não fôr começarão immediatamente a ferver os commentarios e taes commentarios, bem sabes, são sempre temperados com mentiras e calumnias comprometedoras. Se soubesses como me custa supportar uma de taes operas...! Mas que hei de fazer? tenho negocios, preciso... Se fosse casado maior seria o meu sacrificio, porque teria de trazer o meu mostruario sempre em dia com sedas, plumas, joias e o mais que a moda exige, como acontece ao pobre do Leoncio, que dá saltos para vestir a mulher e a filha que, para o mundo, são os espelhos da situação commercial do desgraçado e fazem mais pelo seu credito do que os dois livros: o Diario e o Razão...

— Esqueces o borrador, a sogra...

— Pois é, meu amigo. Móro aqui porque preciso estar perto da cidade. Só por isto. Por meu gosto residiria na Tijuca: uma casa pequena, bem escondida no matto, onde não chegasse rumor algum disso que chamam «vida mundana».

— Entretanto, ainda hontem estiveste no chá de Madame Elisena.

— Sim, e fui á noite á recepção do Ho-

norio. E hoje... Sei lá! É a tal coisa. No fundo revolto-me contra este supplicio da roda em que peno ha quasi trinta annos.

— Sabes que é isto? neurasthenia.

— Qual neurasthenia! Tédio é o que é.

— Se fizesses o que eu faço todas as manhans não estarias assim nesse encorujamento de Timon, maldizendo o que todos nós, que temos saude, louvamos e agradecemos aos deuses: a vida. Aqui onde me vês estou com uma bôa hora de remo, duas palanganas de café com leite e um pão deste tamanho! E tu? Nem café tomaste ainda, aposto...?

— Não, tomei uma chicara pequena, não pelo café, que me é indifferente — tomaria, com o mesmo dissabor, chocolate, leite, chá ou matte — mas para fazer boca ao cigarro.

— Apperitivo do vicio.

— O cigarro não é vicio, meu caro — é um depurativo do espirito. O fumo que exhalamos, distrahe-nos, allivia-nos de preoccupações e aborrecimentos: são os cuidados que nelle se resolvem em sonhos, como as resinas dos thuribulos se desfazem em arôma. Invejo-te, palavra de honra. És um homem feliz. Tens uma faculdade que me falta.

— Qual é ella?

— A de descobrir encantos na monotonia. Porque, francamente: Que é a vida? uma repetição enfadonha, uma roda que gira, gira...

— Mas a roda que gira leva-nos para diante, atravez de paisagens e aspectos sempre novos.

— Não a roda da vida. A roda da vida é como a dos moinhos que giram presas, sempre no mesmo ponto, tocadas pelas aguas que nelles escachôam, como a da vida é posta em movimento pelas horas que passam por ella indefinidamente. Que fazem ambas? moem, trituram, pulverisam. No moinho é o cereal que se reduz a farinha e na vida, que é que se esmaga? tudo. O grão crepita, estralleja sob a pedra que rola; e no outro moinho? é o sangue que espirra, é a lagrima que corre, é a virtude que se denigre, e os gemidos são em coro. Detem-se o moleiro commovido com o estridor dos grãos que se esfarelam? não, de certo porque delles vive e, quanto mais fino os faz, melhor os vende; assim nós. E é isto a vida: monotonia. A roda do carro é livre, caminha e, assim como range em pedregaes, deslisa maciamente em alfombras; atola-se aqui, mas perfuma-se além trilhando campos de hervas floridas. A roda dos moinhos, não — é sempre no mesmo ponto, presa, girando com as aguas, como a da vida com as horas. E é isto.

De que consta a vida? que é, em summa, o viver? acordar, mover-se, nutrir-se, dormir para, de novo, abrir os olhos á mesma luz, ao mes-

mo ceu, ás mesmas coisas da terra, á mesma gente, entre sorrisos, nem sempre sinceros, e dores sempre verdadeiras. É muito pouco, has de convir.

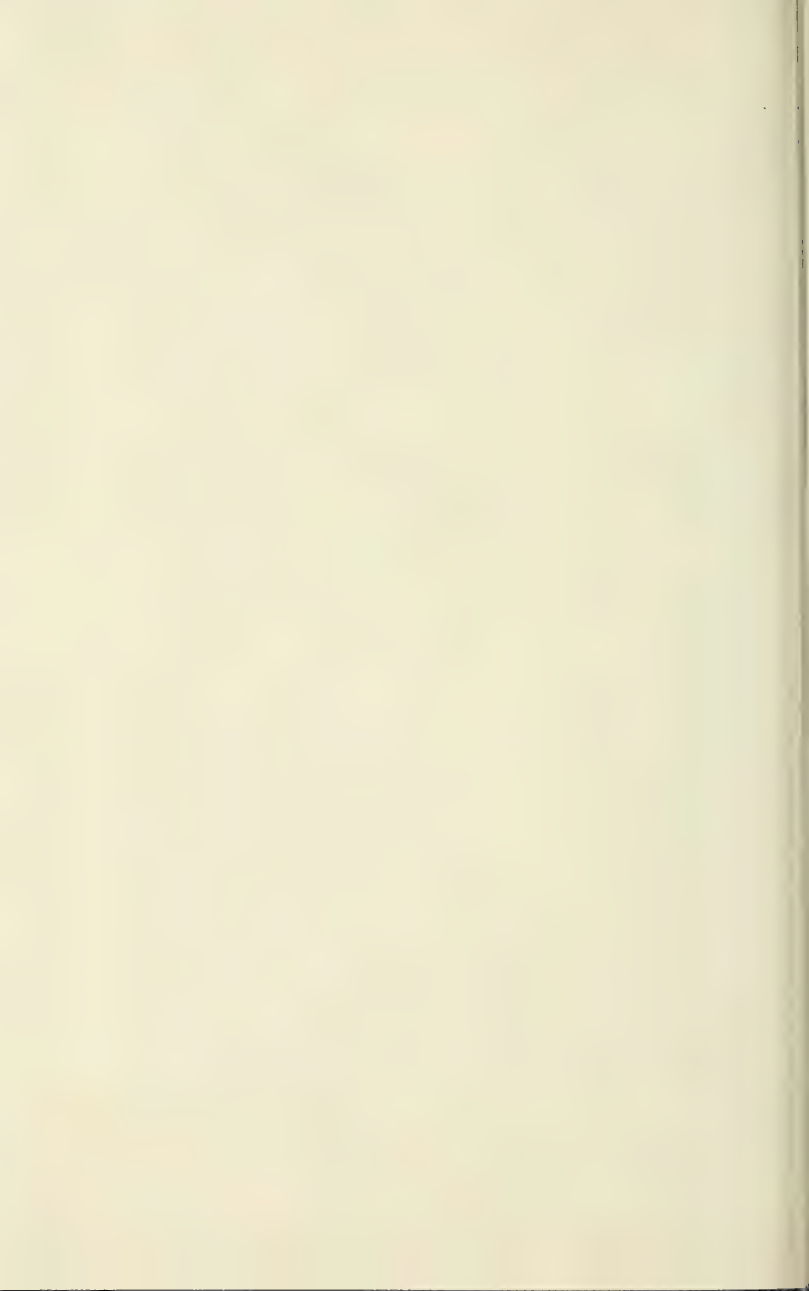
— Pois, meu amigo, eu, por mim, confésso-te que estou contente com a vida que não me parece tão monotona como a descreves. É verdade que eu não môo. Achei a farinha no celleiro, accumulada por meu pai, e com ella faço o meu pão. Mas, que diabo! ou eu muito me engano ou tu tambem já deves ter o bastante para viver folgado.

— O bastante... Nunca ha o bastante. O mar é immenso e está sempre recebendo o tributo dos rios e não perde gotta de chuva. O bastante...! Se eu não trabalhasse, então, meu amigo não sei que seria de mim. O que ainda me consola nesta monotonia em que peno é, justamente...

— É o som da canoura em que recebes a safra: as hypothecas, as promissorias, os alugueres, a renda dos titulos, todos os negocios, em que empregas os dias e que vão ter á pedra que móe, dando-te a farinha que são os juros com que fazes o teu pão negro de tedio. Comprehendo... Assim tambem eu acharia a vida monotona e não sei se teria coragem de supporta-la. Mas não sou moleiro nem padeiro, contento-me em comer o pão que tenho e sempre com bôa manteiga ou queijo e, se

encontro alguem com fome, atiro-lhe um pedaço e isso dá-me prazer. É tão bom ver um sorriso no rosto da pobreza como ver um pouco de verdura no lombo de um rochedo calvo. A vida nada tem de monotona, é a propria variedade. Mas, para que se lhe descubram as bellezas e os numerosos aspectos pittorescos que a aformosentam é necessario andar, correr sitios — descer um dia ao valle e repousar no arvoredo, ouvindo passaros, subir depois á montanha para ver, lá de cima, o maravilhoso espectaculo do nascer do sol. Tu não andas, estás preso ao moinho, que é o teu cofre.

Eu prefiro ser a agua que corre, a agua levadia que faz girar a roda do moinho com as suas estroinices. Assim ao menos atravesso campinas risonhas e florestas frondosas, espélho o azul, rebrilho com o sol e, á noite, enchome de estrellas, reflectindo as do ceu e quando me chegar a hora de entrar no oceano não direi, como tu: que a vida foi uma monotonia, porque não me prendi, avaramente, a um unico interesse: amei a vida e gozei-a, entendes tu? gozei-a! E até logo. São horas de correr — o dia está lindo. Vou ao meu destino feliz e deixo-te no teu moinho. Móe á vontade, accumula milhões e tedio. Eu vou por ahi como a agua das levadas. Bôa moagem, senhor moinho! Adeus!

SOLIDÃO

SOLIDÃO

. . . .

— A verdade, verdade apostolica, disse-a Ibsen pela boca do Dr. Stockmann «O inimigo do povo:» «O homem mais forte do mundo é o que vive mais só». A solidão é uma fortaleza e o que se mette comsigo, a um canto «in angulo secubans» na phrase de Apuleio, fica a salvo dos commentarios e das satyras e livre da inveja e da maledicencia, armas mais venenosas do que as dos scythas, tão temidos de Ovidio. O mundo interior é muito mais vasto e mais bello do que este em que vivemos materialmente, dominados pelos sentidos, escravisados ao interesse. Os horizontes limitam-nos o olhar como as convenções restringem-nos a liberdade.

A solidão é como o espaço — anda-se por ella em devaneio como a ave vôa, desim-

pedida, pairando acima dos mais altos montes, no silencio arejado e luminoso. O ruido é um intruso no pensamento. Somos forçados a attender a tudo e a todos, fatigando-nos com banalidades, atordoando-nos com essas palavras vasias que resôam nas salas como a poeira circula no ar.

— A palavra é atomo.

— Que só apparece quando entra nos raios do sol, quero dizer: no campo das idéas; fóra disso não é mais do que poeira incommoda. E eu tenho horror ao pó! Aqui, nesta adoravel solidão, que detestas, vivo com os seres do meu agrado, vou busca-los onde jazem: nos livros, nas telas, nos marmores, nos bronzes ou no meu piano, e chamam-se impressões. O meu mundo é como o de Prospero na fantasia de Shakespeare: todo espiritual.

Que me importa a mim a vida tumultuosa das ruas? o mesmo seria occupar-me com as ondas que se quebram nas praias. Prefiro a quietação. Ha mais vida em um bom livro do que na mais populosa e agitada cidade. O caracol vive dentro da sua espiral e, onde vai, leva-a comsigo, para a vida e para a morte. Eu sou como o caracol e a minha espiral é a solidão.

— Estás em erro. A solidão é o peior dos egoismos. A vida é um conjunto de forças e ninguem tem o direito de negar o seu concurso á obra humana. O misanthropo é um

desertor; o solitario um inutil. Que beneficio trazes tu ao progresso, mettido aqui entre quatro paredes, a reler antigualhas e a adorar ficções? Afastando-te, como te afastas, do convivio dos homens supprimes um élo á cadeia que prende a vida áquillo que chamamos Eternidade. Basta uma solução de continuidade na corrente dynamica para que, instantaneamente, se interrompa a transmissão do fluido.

— E que tenho eu com os homens? A minha vida é minha, só minha, posso emprega-la como entenda — guardando-a como avaro ou dissipando-a como prodigo. Governo-me, sou um ser de vontade, independente, senhor de mim. Desde que não perturbe o que por ahi chamam a «ordem», infringindo principios de moral ou prejudicando o meu visinho, que tem que ver commigo a sociedade? Vivo como entendo. Sou o que sou, um ser livre.

— Enganas-te. És um ser livre, não ha duvida, mas não podes negar ao mundo o que lhe deves. Se tens direitos, e ninguem t'os nega, tens tambem deveres.

— E que devo eu ao mundo?

— O teu contingente de acção, o tributo humano. Todos nós temos uma parte nossa, inherente á individualidade, e outra que pertence ao todo, que é a Humanidade. A chamma é fogo, luz, e é tambem claridade e calor — a luz fica com ella, a claridade espalha-se, é

a contribuição da chamma para a Vida. A arvore, presa á terra, é raiz, tronco e folhagem, mas dá sombra, purifica o ar, attrahe as aguas, florece e frutifica. A montanha não se move, della, porém, jorram as aguas, desce a fertilidade. E em tudo é assim. Que faz o solitario no egoismo sombrio em que se exila? tanto como o avarento no subterraneo em que empilha saccos de ouro.

A sociedade é um filtro do qual nós somos os póros. Os que, por indifferença, tornam-se impermeaveis, como tu, são mais perniciosos do que os ignorantes que, se não depuram, em compensação, não entopem. As idéas passam por elles livremente, sem encontrarem empeço, como agua em ralo: bôas ou más, uteis ou nefastas côam-se-lhes pela inconsciencia; mas no indifferente coalham, accumulam-se represadas e taes homens tornam-se, assim, tão funestos á sociedade como os paúes ás terras em que alastram: são verdadeiros rebalsos.

E queres que te diga? É a esses solitarios, chamados «espiritos radicaes ou conservadores» que jazem estagnados no tradicionalismo archaico, que o mundo deve ainda os males que, de vez em quando, o infestam. São os miasmas de taes «maremmas» que fazem as epidemias sociaes: guerras, rebelliões, schismas... que sei!

— Pois, meu caro, foi justamente por muito filtrar que me tornei impermeavel, como dizes;

não porque o seja, de natureza, mas porque assim me fizeram. Em todo esse longo tempo que perdi na vida futil dos salões que lucrei eu? O que vi e observei encheu-me de tanto arro — nota que escolho um termo brando — que resolvi recolher-me ao meu canto, entregar-me á vida de serenidade e quietude, vida beata de eremita, e o que passa por meu espirito é agua limpa, de bôa fonte, agua dormida em muitos seculos e analysada pela critica, que me sacia a sêde e ainda me refresca a alma, lavando-a das espurcicias que trouxe das peregrinações em que andou por ahi, de tedio em tedio.

— Se todos pensassem como tu não haveria riqueza. Os faiscadores que exploram os rios auriferos pouco se importam com a agua: turva ou limpida o que elles nella buscam é o ouro. Mettem a bateia e, quanto mais a mergulham raspando o leito do rio, maiores probabilidades têm de uma bôa colheita. E que trazem elles na apanha? lodo, arêa, balsedo, putrilagem e agua. Peneiram e, assim como se vai o ouro precipitando no fundo da gamella, vão elles desprezando o residuo até que lhes resta apenas o que é precioso, e limpo de toda a eiva. Assim na vida, meu amigo.

No convivio social que nos importam as palavras ôcas, a hypocrisia, a maledicencia, a intriga e todos esses detrictos da futilidade?

Conservemos o que convem ao nosso interesse ou ao nosso affecto, á intelligencia ou ao coração, o bem que buscamos, em summa, dando em troca o que a sociedade exige que lhe demos: a nossa cooperação. O que não nos fica bem é a attitude extatica, contemplativa de flamingo á beira d'agua, revendo-se na propria imagem. Isso não!

A vida é um motu continuo e os contemplativos são inercias.

Lembram-me certos vegetaes inuteis, os cipós, por exemplo, que se enredam nas arvores, sugando-lhes parasitariamente a seiva e ainda entralhando-se em enrediças que difficultam a passagem aos que querem avançar.

Esses mesmos autores que te acompanham na solidão em que te encerras onde recolheram o que hoje te aproveita senão no tumulto da vida?

O silencio é necessario, concordo, tão necessario como a noite, e a solidão é um retiro de descanço, mas ninguem, salvo o cego, vive sempre em treva, nem tão pouco, excepto o preguiçoso, eternamente em repouso, enchendo as horas de bocejos, bolhas de tedio, vasias como as que affluem do fundo das aguas e, mal chegam á tona, rebentam.

Pensas como o Dr. Stockmann que «o homem mais forte do mundo é o que vive mais só». Sim, forte como rochedo, solitario no

oceano, sem crosta onde vingue planta, nu e esteril. Chamas a isso força... Eu chamo-lhe inutilidade.

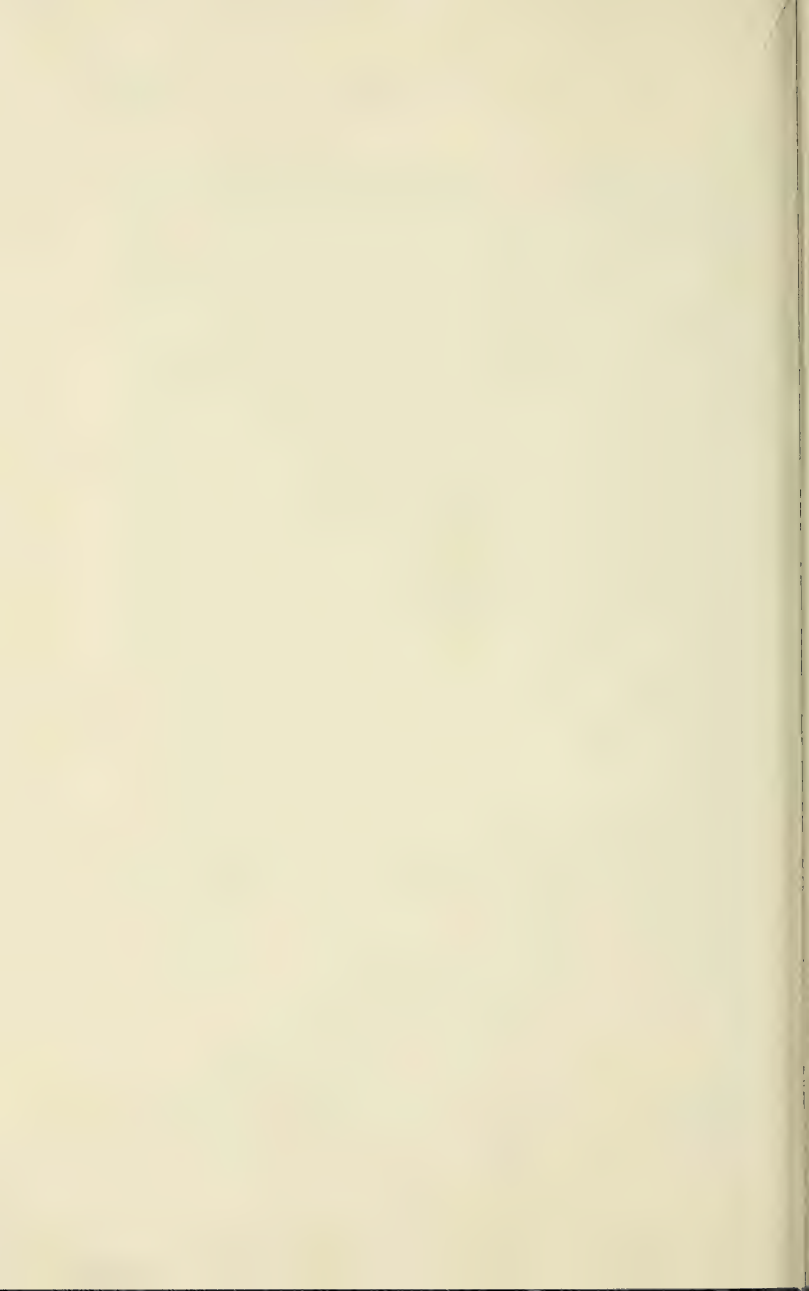
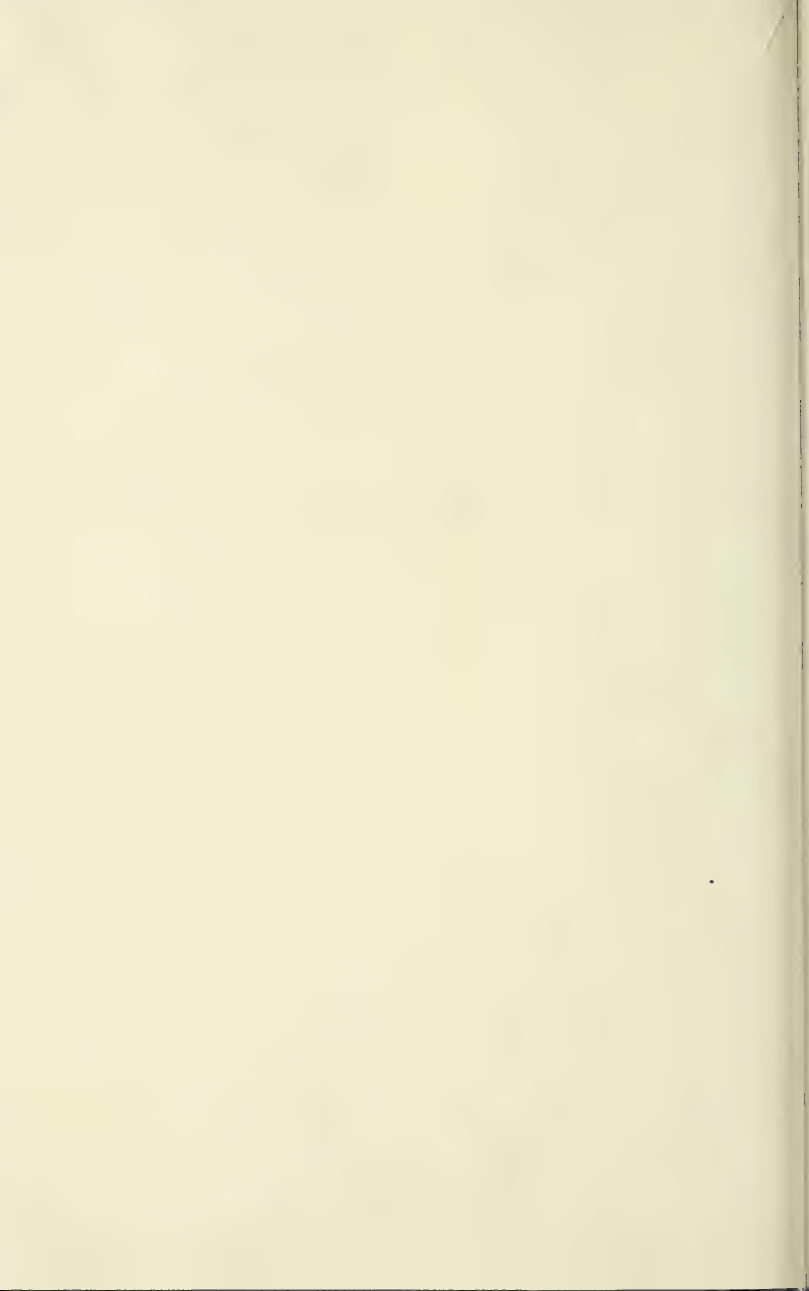
Não está direito. És um homem de espirito e não me parece bem que vivas como herdeiro de uma grande fortuna, a rolar sobre ouro no fundo de um palacio, sem acudir ás vozes que te chamam, sem dar, ao menos, uma esmola, fechado a sete chaves, contando moedas e revendo thesouros. Não está direito.

Queres viver só...? pois vive, mas planta, ao menos, uma arvore que assignale a tua passagem pela vida. Não peço que cultives um jardim, como queria Candide, contento-me com uma roseira, que te dê uma rosa. Faze alguma coisa, qualquer coisa...

— Que ha de ser? Dá-me um conselho.

— Ama...

— Amar?! Mas isso é tudo que ha de mais contrario á solidão, homem de Deus!

— Pois justamente por isso é que te aconselho o amor. Para grandes males grandes remedios.

IDEAL

IDEAL

. . . .

— A nossa vida, que nos parece tudo, não é mais do que um rapido, instantaneo reflexo. Deus fez o homem á sua imagem e semelhança, diz o grande Livro, isto é — reproduziu-se em figura, não em essencia. Assim o mundo é tambem uma imagem e semelhança da Vida, não a Vida. Se o homem e o mundo fossem reproducções exactas e perfeitas: o primeiro, de Deus; o segundo, da Vida, ambos seriam eternos, como eterna é a Luz, que se manifesta nos astros. A causa é invisivel, posto que esteja no ambiente envolvendo-os nos seus effluvios mysteriosos. O mundo em que nos agitamos é o sólo, mas acima do sólo ha o espaço, o vasio em que respiramos e o halito é que nos anima, como o sopro divino animou a argilla paradisiaca.

Nós precisamos do Ether para viver: tomamo-lo na inspiração, bebemo-lo a folegos e é elle que, em fluxo e refluxo, imprime o rythmo regulador da Vida. Move-nos a mesma força que leva no mar os barcos enfunando-lhes as velas. Caminhamos, sim, mas se nos perguntarem para onde vamos não poderemos responder, porque a estrada que trilhamos, cheia de accidentes, por mais firme que nos pareça é tão perfida como os terrenos vulcanicos que, repentinamente, afrouxam, afundam-se em abysmos subvertendo os caminheiros. E vem aqui a proposito uma pergunta que ainda não vi formulada: Caminhamos na terra? não — caminhamos no tempo, e a prova é que não contamos as leguas que andamos, mas os annos que vivemos.

— Negas, então, o visivel?

— Negar, não nego, digo apenas que o principal passa-nos despercebido. Tudo se nos mostra pelo exterior, que é a apparencia da substancia, a substancia, porém, ella mesma, é sempre intima, recondita como os arcanos. Ha dois mundos — um em que nos firmamos, como a arvore implanta-se no solo, e nelle todos os caminhos são limitados e quem os limita? a contingencia da nossa visão restricta que divide ou antes, escala as distancias por meio de lindes imaginarias, que são os horizontes.

— O horizonte... O horizonte é uma mu-

ralha para o inerte, é um estimulo para o aventuroso. Assim como fecha o caminho ao timido recua diante do ousado. Gibraltar foi, durante muito tempo, o horizonte entaipado pelas columnas de Hercules. Um atrevido passou-o ganhando o mar livre; outro dobrou o Tormentorio. O que avança repelle todas as miragens. E assim como ha horizontes para os olhos ha-os para a alma: são as superstições, as lendas, todas as covardias que detêm os pusilanimes. O Progresso não é mais do que a avançada dos espiritos superiores atravez da rotina contra preconceitos e idéas fixas. E o outro mundo?

— O outro mundo, o mundo interior, mundo da alma, esse não tem limites; nelle o espirito move-se em plena liberdade caminhando pelas estradas sem termos que se cruzam no Tempo: umas dirigindo-se ao Passado, pelas quaes nos levam a Memoria, que é como um sol, a Saudade, imagem da lua pallida e todas essas estrellas que se chamam lembranças, recordações, reminiscencias; outras em que giram tumultuosamente as horas, são as do Presente e ainda as do Futuro, veredas que entram por uma floresta onde constantemente trabalham os dias derrubando arvores, não só para desbravarem caminhos novos, como tambem para que, com essas mesmas arvores, se erijam novas construcções, accendam-se fogueiras altas, faça-se, emfim, obra nova para as gerações que surgem.

E essas estradas partem de dentro de nós e nellas é que transita a Imaginação, que é a grande força propulsora da vida. Não fossem essas viagens da alma no mundo interior e a vida seria um isolamento no infinito, e não é. A vida é o Tempo que não perece, é a Trindade: Passado, Presente e Futuro, tres eras distinctas e uma só essencia verdadeira — a Eternidade.

— E chamas a isso... vida?

— Sim. Os que vivem na parte terreal são seres ephemeros, de tão pouca resistencia que, mal succumbem, desapparecem sem deixar vestigios. Os que vivem no mundo ideal, interior, eternisam-se. O homem que pensa agita o espirito, em segundos percorre millenios, com o dom da ubiquidade que é a manifestação da omnipresença de Deus. Está assentado á mesa do trabalho e transporta-se ás primeiras idades do mundo: vê, sente, goza, soffre a vida que decorreu, torna-se contemporaneo da epocha que lhe apraz, cidadão da patria a que se transfere, vai com o pensamento onde quer, seguindo as estradas interiores. A inspiração, por exemplo, é a prêa de uma idéa que circula e, quanto mais se eleva em vôo o poeta, mais original e profundo é o seu conceito, porque as idéas superiores pairam nas alturas, perto de Deus. Esses são os privilegiados, os que vão ao Além, os que rondam a fronteira do Mysterio, anjos

decahidos, mas que ainda conservam azas e elevam-se até o excelso.

Esses são os corredores de mundos, os que falcoejam no espaço e no Tempo: açores sublimes, aguias olympicas. E queres vêr? Tão pouco se prendem á terra, tanto são do espaço esses chamados idealistas que não se preoccupam com a vida terrena, até a descuram, com o que se sacrificam e, não raro, perecem. Poetas que sejam homens praticos, que enriqueçam em negocios, que se notabilisem na politica ou em acções de puro interesse egoistico são casos excepcionaes, aberrantes da regra. E porque? porque, como as aves, nasceram para o vôo, libram-se na altura e, quanto mais sobem mais os attrahe o abysmo azul e, lá em cima, tudo é luz, esplendor, magnificencia, mansuetude, pureza; o ar é outro, a propria luz é outra e não ha nuvens que toldem a diaphaneidade etherea, as proprias tempestades debatem-se em plano inferior ao que elle sulca, porque o infinito é a serenidade. E elles, que vivem em tal ambiente, enchem-se da sua essencia etherea e tornam-se a Bondade, a Abnegação, o Heroismo. São os videntes do Alto, os annunciadores e, vendo as auroras com os seus matizes, as noites com as suas constellações, as tormentas com o seu negrume e os seus relampagos trazem-nos taes espectaculos para a vida nas suas vozes e, caminhando na terra, pisam-na de leve, como

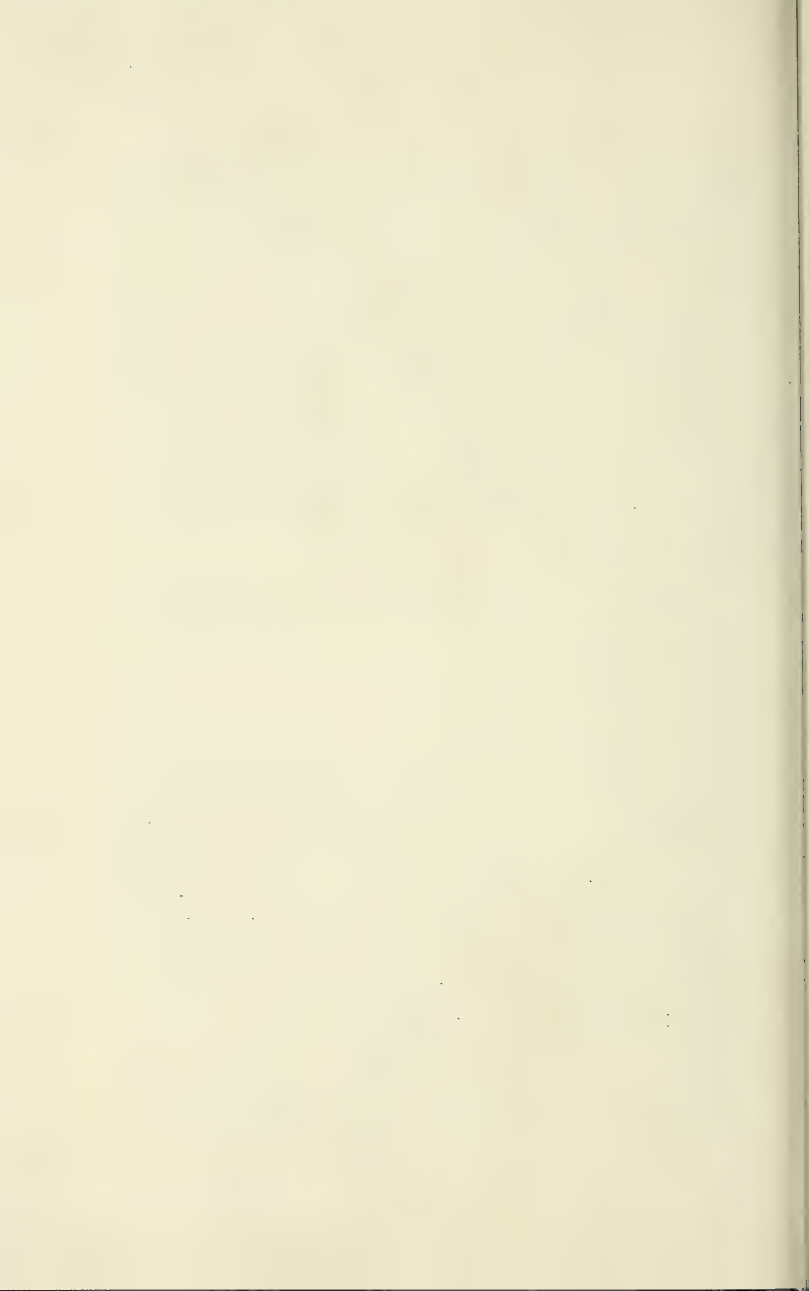
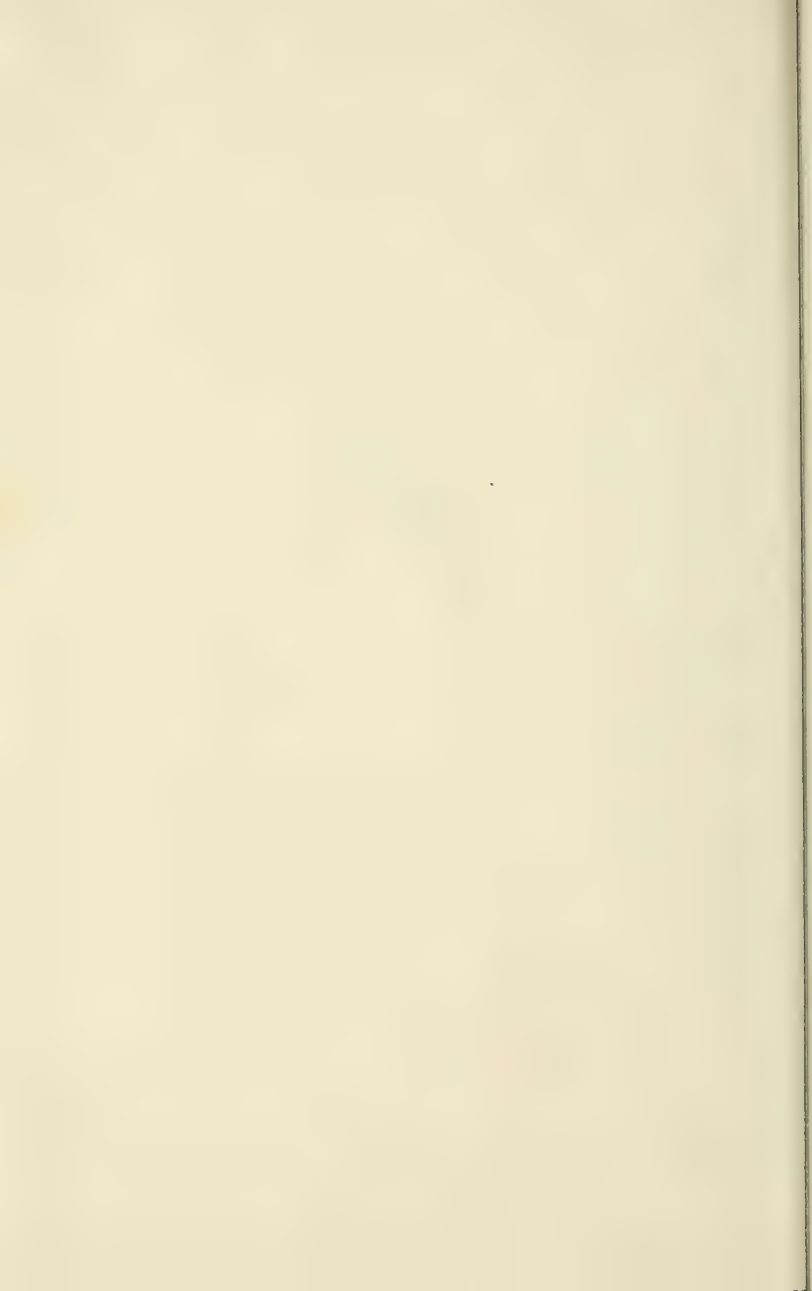
a pisavam os deuses quando desciam em visita aos homens. Demoram-se na terra, como as aves, o tempo que baste para procurarem o cibo, e, tanto que o acham, logo levantam vôo. Os proprios ninhos, fazem-nos: os mais fortes nos cimos das cordilheiras, os mais fracos nos ramos das arvores, sempre, porém, em alturas. São esses peregrinos do Ideal que trazem das regiões que só elles percorrem os germens que a Sciencia recolhe e cultiva para delles tirar o que, mais tarde, apresenta como producto do seu campo. A Sciencia lavra, mas quem semêa é a Poesia. Os poetas, aves divinas, andam sempre em vôo do Passado para o Futuro e quando param no Presente, isto é: quando pousam, cantam, e toda a vida rejubila com as harmonias que elles desferem e aquelle que as interpreta entra na posse de um segredo e prophetisa. As aves não andam bem na terra. O que te parece um absurdo é tudo que ha de mais natural. Riquezas são bens materiaes e como queres tu que os poetas, que vivem lá em cima, descendo apenas á terra, como fazem as aves, quando têm fome, pensem em accumular thesouros? O Thesouro do Poeta é o Ideal, de onde elle tira a riqueza da Vida. Onde foi o ouro de Creso? quem sabe de uma só moeda dos çofres de Lucullo, de Apicio, dos subterraneos dos sátrapas asiaticos, de toda a plutocracia romana? E a obra dos poetas

ahi está, cada vez maior, como se os seculos, que por ellas passam, ainda as accrescentem. O nosso mundo é lá em cima, na altura, é o Ideal, o Excelsior. Lá é que vivemos.

— Sim, estou comtigo, só no Ideal poderemos alcançar a Perfeição, mas... se descessemos um pouco, como fazem os passaros e dantes faziam os anjos e os deuses, pousando um instante em uma das mesas da Brahma para um chopp e uns sandwichs? Que dizes? Coisa de um quarto de hora, só para fazermos lastro?...

— Ris... Quem sabe se preferes a vida terra a terra?...

— Não, quero as duas, cada qual a seu tempo, com ordem e methodo. Viver no Ideal, correr, como dizes, as estradas interiores do sonho, é uma delicia, não ha duvida, mas com o estomago confortado. Eu não viajo sem farnel. Os passaros tambem comem, os deuses comiam e os proprios anjos, quando visitaram Abrahão, sentaram-se á mesa do patriarcha e fartaram-se de anho e vinho. Colhamos as azas porque são cinco horas e eu, se queres que te diga, estou com grande appetite de sandwich e chopp. Depois remontaremos, se quizeres. O Ideal em jejum é uma espiga, has de convir.

E entraram na Brahma.

A FÉ

A FÉ

. . . .

— Um dos fundamentos em que se baseam os atheus para negar a existencia de Deus é a falta de provas sensiveis ou manifestações apparentes da Providencia.

— Milagres...?

— Mais do que milagres: o anthropotheismo. E allegam que, assim como Deus se manifestou uma vez aos homens na pessôa predestinada de Christo, para por ordem no mundo, devia tornar á terra na mesma, ou em outra hypostase, para convencer com a palavra e doutrinar com exemplos aos que reincidem no peccado ou insistem na duvida.

A taes espiritos rebeldes respondo eu com um argumento decisivo. Na vida em que andamos cruzamo-nos, a todos os instantes, com homens semelhantes a nós. Á noite, no silencio

do nosso recolhimento, podemos, com segurança, affirmar que, durante o dia, roçamos em milhares de seres humanos. E que eram taes seres? almas. Alma suppõe pensamento, vida espiritual, idéa, propulsores de acções. E taes idéas, que passaram por nós em rumo ao que projectavam — esta para o bem, aquella para o mal, nós, por acaso, as sentimos? tivemos dellas alguma manifestação?

Quando as idéas se espelham no rosto já não são mais pensamentos ou digamos: germens — são resoluções. Ora, meu amigo, se, em contacto assiduo com os homens, nós não podemos ver, sentir-lhes as idéas que, aliás, não podemos negar, porque, se se formam mysteriosamente no intimo, logo se revelam na vida exterior em actividade, como havemos de negar a existencia de Deus só porque não percebemos o mysterio, (como não vemos o Pensamento humano,) ainda que tenhamos, nos mil e variados espectaculos da natureza, as provas de que ha um Espirito superior que se manifesta no que chamamos Vida? Se o Pensamento humano transparecesse a alma seria tão material como o corpo, uma simples funcção da energia physica, como o movimento, por exemplo. Pois se nós não conseguimos explicar um mysterio menor, que é o da vida, como havemos de desvendar o arcano dos arcanos, que é a existencia de Deus?

— Falas como Hamleto a Polonio na scena da frauta.

— Pois é como te digo. A alma resguarda-se, occulta-se porque é de natureza divina, infinita como o Tempo, que é a flor da Eternidade. Deus, se se tornasse visivel, seria tanto como o homem — e assim o provou Jesus na encarnação, passando por todos os passos em que transita a Humanidade entre a vida e a morte. Crer é justamente aceitar o mysterio que se impõe, não por absurdos, mas pela ordem; não por milagres que seriam excepções comprometedoras da lei natural, mas pela harmonia. O milagre, se tal existisse, seria um desequilibrio no rythmo da vida.

A abertura de um sepulcro, para dar sahida ao corpo de um resuscitado, abalaria tanto a norma da natureza como o deslocamento do nosso planeta da orbita em que gravita ou o apparecimento do sol em noite plena.

Eu creio porque sinto necessidade de crer; creio como respiro, sem indagar, sem preoccuparme com o ambiente, acordado e dormindo.

— Entretanto, o que dizem de ti...

— Já sei. Dizem que sou atheu porque não tenho á minha cabeceira um livro de Horas e um rosario, porque não accendo velas ou lamparinas a imagens, porque não frequento igrejas e, muito menos, confissionarios despe-

jando-lhes no ralo o enxurdo d'alma, como pelos boeiros engolfam-se as enxurradas das ruas.

Não sou, nunca fui homem de apparencias. Concentro-me na minha crença, pratico a religião sem alardo, não como exhibicionismo, mas como culto. O proprio Jesus, para meditar, não subiu ao Monte Moria, onde se elevava, sumptuoso, a cavalleiro de Jerusalém, o templo de Salomão: foi para o deserto, onde passou em quietude quarenta dias. E sempre que desejava communicar-se com o ceu, procurava os ermos evitando as vistas dos proprios discipulos, como fez em Gethsemani na triste noite da traição.

Eu desconfio desses beatos que não sahem das igrejas: ou vão ali empurrados pela Consciencia, que os accusa de peccados, como o que, sentindo-se sujo, procura agua para lavar-se, ou vão por hypocrisia e vaidade querendo ser notados como preferidos de Deus, como certos typos que se fazem muito chegadiços dos grandes, dando-se ares de intimos com elles para grangearem importancia.

Se é para aproximar-me de Deus que elles entendem que devo andar de nave em nave mostram, com isso, ignorar a propria religião que nos ensina que Deus está em toda a parte e, onde quer que o chamemos em nossas afflições, Elle nos responderá.

A minha fé concentra-se enraizadamente no

coração e, como raiz, não se mostra -- quanto mais se aprofunda mais rija se torna e mais se embebe em força para medrar.

Essas plantas ephemeras de raizes á flor da terra são fragilidades, não resistem aos proprios elementos que, para as outras, são vida: estiolam-se á luz, desfolham-se á chuva e qualquer vento as arranca.

Infelizmente o homem só se fia no que é superficial e firma o seu julgamento nas apparencias — o fundo do coração é tranquillo como o fundo do oceano. Deus vê no intimo e sabe onde está a verdadeira fé. Tudo que tem valor, esconde-se, tanto no mundo physico como no mundo moral: a perola, apezar de jazer nas profundezas do mar, ainda encerra-se na ostra, que é um escrinio natural; o ouro e as gemmas entranham-se nas minas, encravam-se nos rochedos ou anegam-se nas aguas; assim tambem a virtude, sempre discreta e pudica. A hypocrisia exhibe-se, precisa mostrar-se para que a vejam: é a isca — um engodo escondendo traição.

Eu prefiro uma alma simples e honesta a um desses beatorros, sempre cabiscahidos, de mãos postas, mussitando preces que são espumas formadas á flor dos labios. Ha mais religião no olhar enlevado de uma criança que contempla uma flor do que nas rezas e peni-

tencias de muito devoto desses que por ahi andam pelas sacristias.

Essa religião de exterioridades não é a de Christo, mas a dos phariseus e publicanos que se reuniam no pateo do templo, não em adoração, mas em negocios e intrigas. E o que mais me revolta nesses pietistas é o exclusivismo com que elles, só por serem christãos, fazem monopolio do ceu entendendo que todos os mais homens, que honram e veneram a obra de Deus, só porque não frequentam locutorios e sacristias, estão excluidos da Graça.

Deus não tem politica, não tem partidos. Todos os homens vieram do mesmo Homem e, se Deus soffreu o martyrio da cruz, para resgatar a Humanidade, não escolheu nessa mesma Humanidade apenas aquelles discipulos que o acompanharam em Jerusalém e alguns mais que lhe ouviram a suave palavra, mas estendeu a sua misericordia a todos, incluindo no seu perdão os anteriores á sua vinda, nascidos, como todo o genero humano, da mesma estirpe adamita.

S. Paulo, na Epistola aos romanos, defendendo os primeiros homens do anáthema que os expulsava do Paraiso, por não haverem prestado culto a um Deus que ainda se não havia revelado, disse:

«Como invocarão, pois, aquelle em que não creram? Ou como crerão áquelle que não ouviram? E como ouvirão sem pregador?»

Dante insurgiu-se contra o mesmo rigor, perguntando:

«Onde a Justiça que condemna a penas eternas um homem de vida exemplar, nascido ás margens do Indo, onde não chegara noticia do advento de Christo, só por não haver recebido o baptismo e não acreditar no que lhe era desconhecido?»

Muore non battezzato e senza fede.
Ov' è questa giustizia che il condanna?
Ov' è la colpa sua, se ei non crede?

O grande baptisterio foi a cruz e, com as gottas do sangue do seu corpo martyrisado, o Cordeiro resgatou, não um grupo de homens, mas toda a Humanidade.

São taes fanaticos e hypocritas os que mais compromettem a religião, transformando Christo, que é o mesmo perdão, em rancoroso tyranno tendo por divisa o «Crê ou morre!»

Jesus estende os braços a todos indistinctamente e, quando os recebe, não lhes pede a ficha de identificação.

O meu confissionario é a minha Consciencia e quanto a igrejas... eu adoro Deus onde Elle está, quero dizer: em toda a parte. Aqui mesmo, por exemplo, debaixo das flores de ouro da minha acacia.

INDICE

EDIÇÕES DO «ANNUARIO DO BRASIL» E DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»

BIBLIOTECA LUSITANA

Cancioneiro Popular — Estudo crítico de Jaime Cortesão	2$000
Crónica d'El-Rei D. Duarte, de Rui de Pina — Estudo, notas e glos. de Alfredo C. de Magalhães (2.ª ed. — no prelo).	
Tristão o Enamorado — Quadros de conjunto do romanceiro popular português — Coordenação e prefácio de Teófilo Braga . .	2$000
Trovas de Crisfal, carta, cantigas e esparsas — de Cristóvão Falcão — com um estudo sobre sua vida, poesias e epoca, por Teófilo Braga	2$000
Anfitrião ou Jupiter e Alcmena — Opera de Antonio José da Silva. Pref. e not. de Francisco Torrinha	2$000
Autos de Gil Vicente seguidos de alguns excertos — Compilação, prefácio e glossário de Afonso Lopes Vieira	3$000
Carta de Guia de Casados, de D. Francisco Manuel de Melo — Pref. e notas de Edgar Prestage (2.ª ed. — no prelo).	
Os Amóres de Camões — Teófilo Braga (2.ª ed. — no prelo).	

BIBLIOTECA HISTORICA

O Cerco do Porto, contado por uma testemunha, o Coronel Owen. Prefácio e notas de

Raul Brandão (2.ª ed. com novos documentos) . . . . 4$000
A Praça Nova — Alberto Pimentel (2.ª ed. — no prelo).
1817 — Gomes Freire (3.ª edição) — Raul Brandão . . . . 5$000
D. Pedro — Coelho de Carvalho . . . . . . 3$000
Duas Grandes Intrigas — Alfredo Varela, 2 volumes . . . . 10$000
Memórias, 1.º volume (2.ª edição) — Raul Brandão . . . . 3$000
El-Rei Junot (2.ª ed.) Raul Brandão . . . . 4$000
História de um Fogo Morto (2.ª edição) — José Caldas . . . . 5$000
Episodios Dramaticos da Inquisição Portuguesa, 1.º vol. — António Baião . . . . . 5$000
No prelo — o 2.º volume.

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

1 — Manuel Bernardes — Historias varias.
2 — Soror Mariana — Cartas de Amor, nova restituição e esboço critico de Jaime Cortesão.
3 — José de Alencar — Iracema, edição prefaciada por Mario de Alencar.
4 — Almeida Garrett — Frei Luiz de Souza.
5 — Gonzaga — Lyricas (Da Marilia de Dirceu), prefácio e notas de Alberto de Faria.
6 — Fernão Mendes Pinto — Em busca do Corsário.
7 — Carlos Dickens — Canto do Natal, tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
8 — Camões — Pensamentos, extraidos das suas obras por J. Viana da Mota.
9 — Cervantes — Novelas exemplares (Cornelia — O ciumento) tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
10 — Fernão Mendes Pinto — A Ilha dos Tesouros.
11 — José d'Alencar — Diva, pref. de Mario d'Alencar.
12 — Shakespeare — O Mercador de Veneza — tradução de J. Aroso.
13 — 14 — Imitação de Cristo — tradução do latim pelo P.e Valerio Cordeiro.

No prelo

Os melhores Sermões de Vieira, prefácio e notas de Afranio Peixoto.
A Moreninha, Joaquim Manuel de Macedo.
Contos de Imaginação e mysterio — de Edgar Poe, trad. de Januário Leite.

OBRAS SOBRE A GUERRA

Portugal e a Guerra — Número especial de «A Águia» . . . . 1$000
O Conflicto Internacional sob o ponto de vista português — José de Macedo . . . . . 5$000
Cartas da Guerra — Adelino Mendes (Esgotado).
Nas Trincheiras de Flandres (4.ª edição) — Capitão Augusto Casimiro . . . . 3$000
Vida Americana (3.ª edição) — Alberto Amado 3$000
O Flagelo dos Mares — Bazilio Teles . . . 3$000
Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg — Tenente-coronel Alexandre Malheiro . . . 4$000
Ao Parapeito — Tenente Pina de Morais (2.ª edição) . . . . 3$000
O Amor na Base do C. E. P. — Alexandre Malheiro . . . . 2$000
Memórias da Grande Guerra — Jaime Cortezão 4$000
A Ferro e Fogo — Coronel Eduardo Pimenta 2$000
Tropa d'África (2.ª edição) — Capitão Carlos Selvagem . . . . 5$000
Calvários da Flandres — Capitão Augusto Casimiro . . . . 3$000
A Batalha do Lys — General Gomes da Costa 5$000
O Soldade-Saudade — Tenente Pina de Morais 4$000

SÉRIE LAEMMERT

Almanak Laemmert para 1922 — 4 volumes 80$000
Diccionario Chorographico . . . . 5$000
Tarifa das Alfandegas . . . . 6$000
Memorial Fluminense para 1922 (Dois dias por pagina) . . . . 5$000
Apontamentos Diarios para 1922 (um dia por pagina) . . . . 7$000

Agenda Laemmert para 1922 — a melhor e mais pratica . . . . 6$000
Folhinha Laemmert para 1922, em varias series, cada . . . . 1$500

CULTURA PATRIOTICA

Arte de ser português — Teixeira de Pascoaes (2.ª edição) . . . . 3$000

ETNOGRAFIA

Etnografia artistica — Virgilio Correia . . . 5$000

COLLECÇÃO EDUARDO PRADO

(CENTRO D. VITAL)

Serie A.

Pascal — Jackson de Figueiredo . . . . 4$000

OUTRAS OBRAS

Os Reis da Belgica . . . . 5$000
A Volta do Imperador — Carlos de Magalhães Azeredo . . . . 3$000
Ensaios, Tomo I — António Sérgio . . . 6$000
Remembranças — Alfredo Varela . . . . 6$000
Contos e Impressões — Mario d'Alencar . . 4$000
Humilhados e Luminosos — Jackson de Figueiredo . . . . 3$000
Urze do Monte — Mario Monteiro . . . . 4$000
Nova Sapho (2.ª ed.) — Visconde de Vila-Moura . . . . 5$000
Adoração — Leonardo Coimbra . . . . . 3$000
Figuras — Constancio Alves . . . . 4$000
Flôr de Manacá — Brenno Arruda . . . . 5$000
Obstinados — Visconde de Vila-Moura . . . 3$000
Da Continencia e seu factor eugenico — Mario de Vilhena . . . . 3$000
Dentro da Vida — Ranulpho Prata . . . . 3$000
Lyra Franciscana — Durval de Moraes . . . 2$000

Adão e Eva — Jaime Cortesão . . . . . 3$000
Problemas Escolares — Faria de Vasconcelos 4$000
Italia Azul — Jaime Cortesão . . . . . . 5$000
Fausto — Renato Almeida . . . . 5$000
Historia do Rio Grande do Norte — Rocha Pombo . . . . 15$000
Cousas do Tempo — Tristão da Cunha . . 5$000
Poesias — Raymundo Correa . . . . . . 5$000
Conversas — Coelho Netto . . . . 4$000
Alamêda Nocturna — Rodrigo Octavio Filho 3$000

REVISTAS

A Águia (2.ª série) — I a XVIII, vol. . . . 3$000
A Vida Portuguesa—Boletim — Publicados os n.os 1 a 39. 1.º vol. 1$500 Cada número 100
Seara Nova, quinzenal. Cada n.º 600

A PUBLICAR

Intelligencia das Coisas — João do Norte.
Atravez dos Estados Unidos — Gomes Leite.
Por Dalmácia e Fiume — Afonso Lopes de Almeida.
Gil Vicente — Anselmo Braancamp Freire. (2.ª ed. — no prelo).
O Marquês de Pombal e a sua Epoca — Lucio de Azevedo (2.ª ed. — no prelo).
O Barão de Val-de-Maguas — contos de D. Virginia de Castro e Almeida.
Trabalhos de Jesus, de Frei Tomé de Jesus — revistos por Edgar Prestage e P. Valerio Cordeiro.
Iliada — adaptação para crianças por D. Virginia de Castro e Almeida.
Introducção á Historia de Portugal — A. J. Anselmo.
Noites de Sabbado — Augusto de Lima.
Afonso Arinos e o Sertanismo — Tristão de Athayde (no prelo).
Epigramas ironicos e sentimentaes — Ronald de Carvalho.
O Espelho de Ariel — Ronald de Carvalho.